

ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
TERÇA-FEIRA, 18 DE MAIO DE 1971

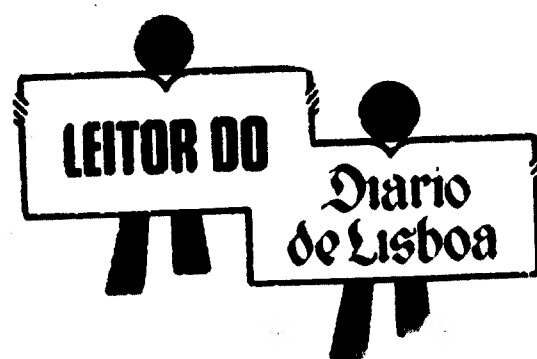
DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 386 ANO 51.º PREÇO 1\$50

1x2

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana?
Na pág. 16 pode encontrar uma ajuda...

totoBOL

TRÊS APARTAMENTOS MOBILADOS E 24 VIAGENS AO ESTRANGEIRO ENTRE OS PRÊMIOS DA NOSSA INICIATIVA



Três modernos e confortáveis apartamentos mobilados em Paço de Arcos estão ao alcance dos participantes na segunda fase da iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do «Diário de Lisboa». Três magníficos apartamentos encabeçam a lista dos prémios reservados pa-

(Continua na página seguinte)



Este é o grandioso centro urbano que Empreendimentos Turístico J. Pimenta, S. A. R. L. estão a erguer em Paço de Arcos. Num destes edifícios localizam-se os três apartamentos mobilados, que constituem parte dos primeiros prémios da lista fabulosa que reservamos para os nossos leitores

A REUNIÃO DE JUNHO EM LISBOA

OS EUA VÃO CONSULTAR A NATO SOBRE A REDUÇÃO DE TROPAS

WASHINGTON, 18 — (R.) — Os Estados Unidos estão encorajados pelo facto da União Soviética se mostrar disposta a negociar uma redução mútua e equilibrada de tropas na Europa e tencionam consultar os seus aliados da N.A.T.O. na primeira oportunidade.

Funcionários americanos disseram hoje que o secretário de Estado William Rogers tenciona levantar o problema na próxima conferência da N.A.T.O. que se realiza em Lisboa a 3 e 4 de Junho.

Esta posição americana segue-se á reunião, ontem em Moscovo, entre o embaixador americano Jacob Beam e o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko.

Segundo revelou a Secretaria de Estado, Gromyko, durante esse encontro, reafirmou ser desejo do Kremlin

discutir uma redução geral de tropas na Europa Central. O ministro soviético concordou em que essas negociações deviam ser feitas separadamente sem se esperar por uma eventual conferência de segurança europeia.

Esta mudança de tática soviética, que permite uma aproximação entre as posições das duas superpotências, surge no momento em que o presidente Nixon desenvolve activas diligências para impedir o Congresso americano de aprovar uma proposta que teria como consequência a redução unilateral em 50 por cento das tropas americanas actualmente estacionadas na Europa.

Uma vez que o Kremlin anunciou estar na disposição de negociar uma redução mútua das tropas, o Governo americano tem agora um forte argumento contra a redução unilateral mas, por

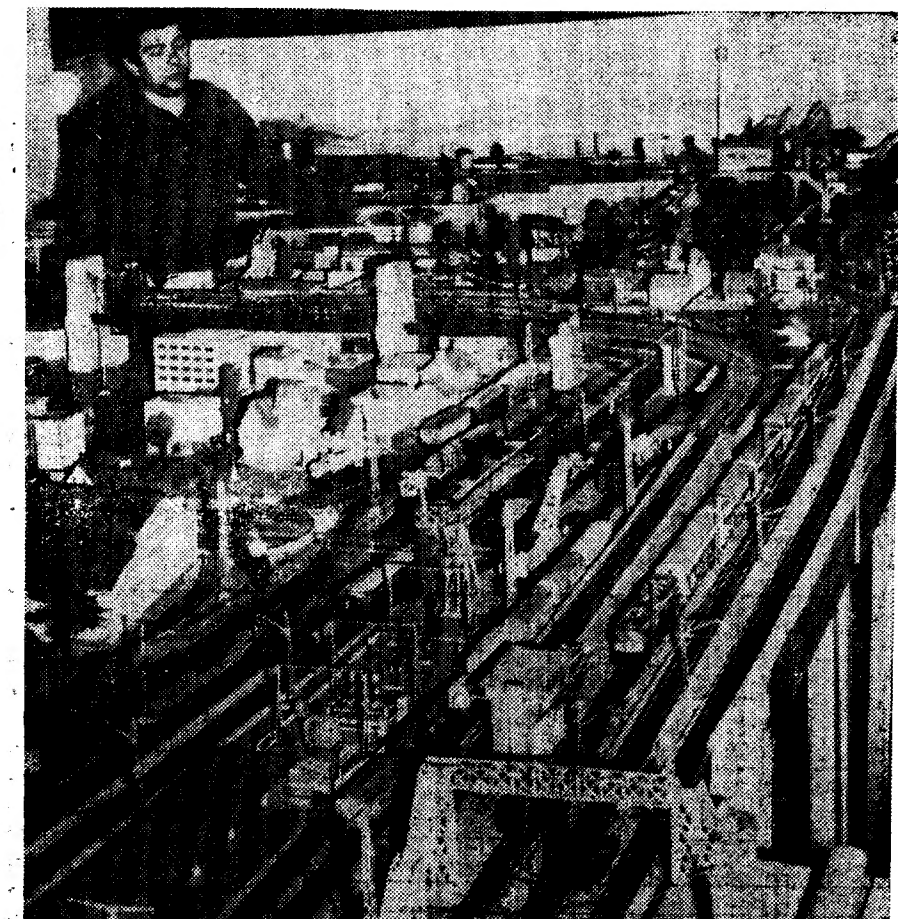
outro lado, fica moralmente obrigado a ir para a frente com as negociações, a fim de provar a sua boa fé.

A votação no Senado so-

(Continua na 14.ª página)

O Iraque poderá nacionalizar o seu petróleo

BEIRUTE, 18 — (ANI) — O Iraque tenciona tomar uma disposição ainda mais firme nas suas negociações com as companhias petrolíferas estrangeiras — declarou o vice-presidente iraquiano, Saddam Hussein Takriti, numa entrevista hoje publicada pelo jornal L'Orient, durante a qual falou dos planos do Governo para uma possível nacionalização.



Concorrência (em miniatura) ao parque ferroviário da C.P.

O sr. Eduardo Doreis, industrial gráfico, levou sete anos a coleccionar um complexo ferroviário em minatura. Tem 117 máquinas (desde as mais simples às que deitam fumo) e 430 vagões (Ler reportagem na página central)

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA



(Continuação da 1.ª página)

ra os nossos leitores. E não será demais recordar que um dos apartamentos, com um excelente automóvel «Morris-1300» (de quatro portas e cinco lugares), constitui o fabuloso primeiro prémio desta segunda fase da iniciativa que tão grande entusiasmo está a despertar em todos os pontos do País.

Muitos outros prémios estão, porém, ao alcance dos nossos leitores: nada menos de vinte e quatro viagens às grandes capitais do mundo são oportunidades postas ao alcance dos participantes na iniciativa. Cada um sonha à sua maneira as férias ideais, mas pou-

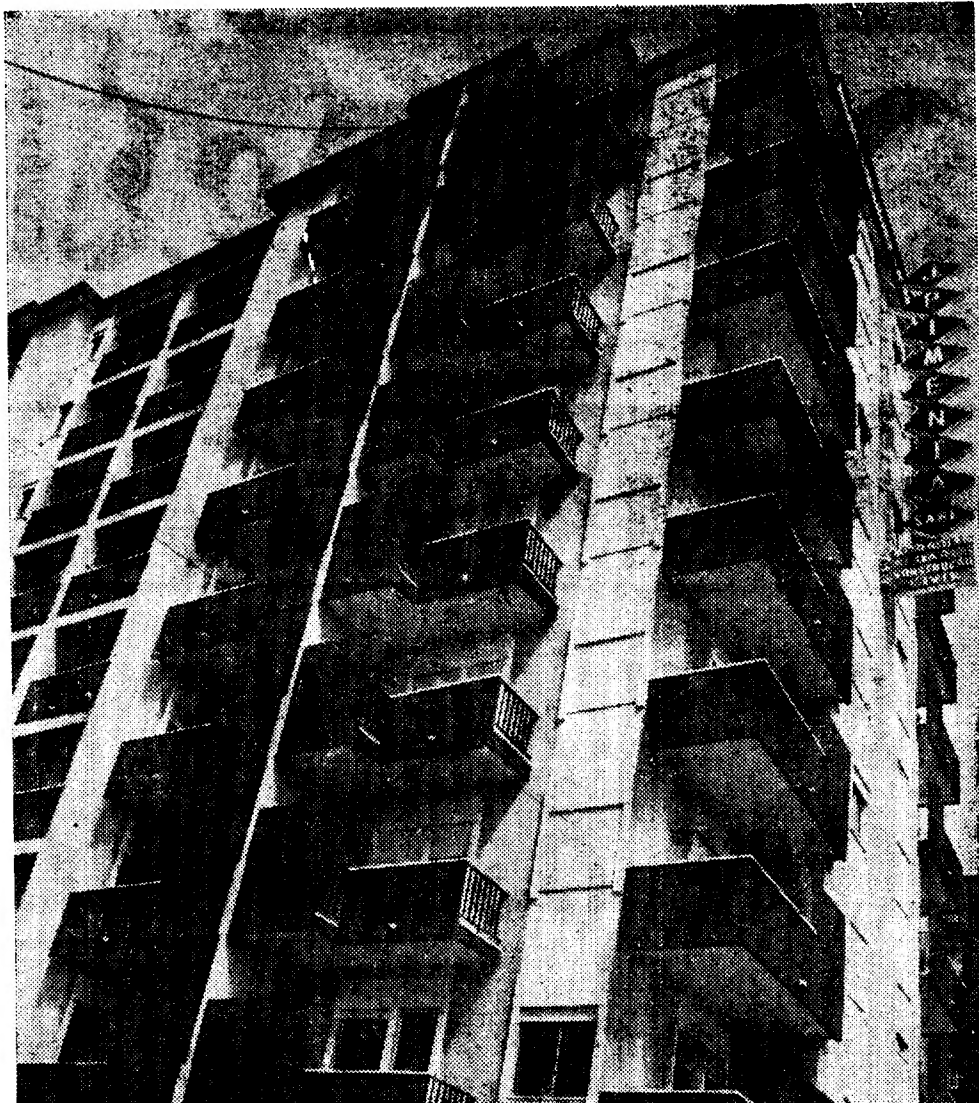
cos são os que conseguem realizar plenamente as suas aspirações. Para os leitores do «Diário de Lisboa» há sempre, porém, agradáveis surpresas. Uma delas pode ser, exactamente, férias de sonho proporcionadas pela nossa jornal. Viagens em aviões da Canadian Pacific, Varig e SAS permitirão a leitores do «Diário de Lisboa» visitar países da Europa e das Américas.

A MANEIRA FÁCIL DE PARTICIPAR

É extremamente fácil tomar parte na segunda fase desta grande iniciativa: basta preencher (com letra bem legível) o cupão-duplo de identificação que continuamos a publicar di-

riamente, remetendo-o para os nossos serviços: Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1\$00. Em troca ser-lhe-á remetido o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio de que são primeiros prémios os apartamentos em Paço de Arcos. Recorde-se que os prémios atribuídos em sorteio apenas serão entregues aos contemplados desde que estes provem ser leitores do nosso jornal, exibindo os «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» (título e data da primeira página) publicados de 7 de Abril último a 7 de Julho próximo, com uma margem de faltas consentida de cinco exemplares por cada mês de publicação.

Claro que os participantes na primeira fase da iniciativa estão automaticamente habilitados ao sorteio desta segunda fase, embora, naturalmente, tenham também de coleccionar os «cabeçalhos» para os exibirem se lhes for atribuído algum prémio.



O imponente edifício onde se localizam os três apartamentos que são prémios da segunda fase da nossa iniciativa

LISTA DE PRÉMIOS

1.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala comum, «kitchenette», quarto e casa de banho, em moderno edifício, construído e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos, instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense); e um automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares.

2.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala comum, «kitchenette», quarto e casa de banho, em moderno edifício, construído e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos, instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

3.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala comum, «kitchenette» e casa de banho, em moderno edifício, construído e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano, no valor de 600 contos, instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

4.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Rio de Janeiro em aviões da VARIG e estadia durante oito dias.

5.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

6.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

7.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

8.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

9.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

10.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Londres em avião e estadia de oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

11.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Frankfurt, em avião e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

12.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

13.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com

escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

14.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Roma, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

15.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Paris, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

16.º PRÉMIO

Um televisor «Philips» 20T371, um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

17.º PRÉMIO

Um frigorífico «Philips» modelo HN-2144; um relógio «Vulcan» de pulso para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

18.º PRÉMIO

Um gravador «Philips» EL-3302. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela Casa Africana.

19.º PRÉMIO

Um conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela CASA AFRICANA. Um relógio «VULCAIN», de pulso para homem.

20.º PRÉMIO

Conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela Casa Africana. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(a) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(b) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(a) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

(b) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO—O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automaticamente habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

LUTA SINDICAL EM ITÁLIA

A CONFEDERAÇÃO DA INDÚSTRIA SOLTA UM GRITO DE ALARME

ROMA — Os mais sombrios prognósticos dominaram a intervenção de Renato Lombardi, presidente da Confindustria (confederação da indústria italiana), na abertura da assembleia anual que se realizou em Roma em Abril. Depois de ter lembrado até que ponto as esperanças das indústrias tinham sido iludidas no decurso do ano transacto e anunciado que a estagnação da produção se traduziria brevemente por «consequências mais graves», o sr. Lombardi

O resto do discurso do sr. Lombardi desenvolve este requisito: «O próprio comportamento das forças da ordem e da magistratura face a acontecimentos de excepcional gravidade revelou-se muitas vezes, condicionado ou contraditório, pondo em dúvida a certeza do direito, a igualdade dos cidadãos perante a lei e o respeito pelos princípios sancionados pela nossa Constituição democrática, tais como, por exemplo, o respeito pelo direito de propriedade e a liberdade individual de livre iniciativa e de trabalho».

Após ter exprimido as suas dúvidas acerca do resultado da criação das regiões ou sobre a capacidade da Itália de defender os seus direitos no seio da Comunidade Europeia, o sr. Lombardi calculou que o fracasso do primeiro plano quinzenal tornava incerta a execução do segundo, dada a impossibilidade prática de reír a despesa pública.

Os industriais consideram, sem dúvida, necessárias as reformas — prosseguiu — mas não «sob a pressão de acções reivindicativas por parte de cada um dos elementos da sociedade». Os sindicatos estão «ultrapassados», os dirigentes das grandes centrais foram «desapossados».

«A causa ou efeito desta evicção — disse ele — é que os grandes problemas suscitados pelas relações entre chefes de empresa e trabalhadores são abordados na desordem à vontade das iniciativas incontroladas e frequentemente violentas tomadas por diversos representantes de sindicatos, por vezes irresponsáveis e colocados mais ou menos em frente da cena. A isto vieram juntar-se os movimentos reivindicativos desenhados nas empresas num espírito de sobrelenço e ignorando toda e qualquer avaliação dos limites, objectivos impostos pela própria sobrevivência das empresas. O resultado foi um estado de agitação e incerteza permanentes, uma impossibilidade absoluta de prever no âmbito dos programas necessários de produção e de investimento».

«Deste modo, o tradicional espírito de iniciativa foi gravemente afectado, o mesmo acontecendo com a aceitação do risco que, no decurso destes vinte e cinco anos, caracterizou a acção de reconstrução e de expansão económica levada a cabo pelos industriais italianos».

Grande Coligação

«Onde se encontra o nosso interlocutor?», pergunta o sr. Lombardi. Como é possível negociar sobre as reformas a fazer se não se sabe quais são os verdadeiros representantes dos sindicatos? Denuncia, por fim, o perigo de uma «grande coligação» entre a democracia-cristã e o partido comunista, face ao qual os industriais pediam ao Governo a

entregou-se à descrição da situação política «caracterizada, disse, por uma instabilidade crónica e que se traduziu por crises concretas e potenciais».

«Parece, frequentemente, e é decerto, falso — acrescentou o presidente da Confindustria — que o eleitorado conceda aos poderes legislativo e executivo autorização para não governar».

clareza, a vontade de governar eficazmente e o respeito pelas leis económicas.

Embora a este relatório de um homem alarmado falte,

clarou nomeadamente: «O maior risco do momento seria que lhes faltasse o apoio da opinião pública». Considerava «não só aceitável mas ainda para desejar» a constituição de um sindicato único dos metalúrgicos.

por outro lado, existe o temor de que cheguemos a uma estrutura de Estado tipo colectivista.

Declarando-se «preocupado com a tendência subversiva da nova estratégia sindical», o sr. Agnelli considerava que um «enfraquecimento dos sindicatos» constituiria uma situação ainda pior (...). O maior risco do momento seria que lhes faltasse o apoio da opinião pública». Considerava «não só aceitável mas ainda para desejar» a constituição de um sindicato único dos metalúrgicos.

Abordando um outro tema, o sr. Agnelli exprimiu em conclusão o ponto de vista de que «os jornalistas deveriam ter direito a uma participação no pensamento e provavelmente também a uma participação na gestão» do jornal que os emprega.

Por JACQUES NOBECOURT

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

evidentemente, serenidade, o diagnóstico de que se faz acompanhar é claro. Resta pôr o problema à escala da nação inteira e fazer propostas inovadoras a respeito do desenvolvimento da economia italiana. De todas as críticas, a mais espectacular foi feita por Umberto Agnelli numa entrevista concedida ao hebdomadário «Panorama», que fez certo barulho. O administrador delegado da Fiat de-

que favorece as posições de expectativa e de isenção. Todavia, não creio que seja a causa principal do afrouxamento dos investimentos, embora se trate para todos nós de uma hipótese inaceitável sob o ponto de vista das liberdades humanas e do trabalho (...). Convém dizer que, por um lado, verificamos que o Estado não dá, actualmente, garantias de poder actuar de uma maneira válida; e que,

O B. N. U. NA VILA DE SESIMBRA TEM DESDE ONTEM MODERNAS INSTALAÇÕES



O movimento de clientes da nova dependência do B. N. U. iniciou-se logo de manhã

SESIMBRA, 18 — Começaram ontem a funcionar as novas instalações do Banco Nacional Ultramarino nesta vila, situada no seu Centro, na Rua Cândido dos Reis, 14 a 18.

Para assinalar o facto, não houve nenhum acto especial de inauguração, tendo-se deslocado, contudo, a nova dependência (onde apreciaram a recepção aos primeiros clientes) os Drs. Manuel Correia da Silva (Director do Banco para os Assuntos da Sede) e

Fernando Alves Serra (Director dos Serviços da Sede), que foram recebidos pelo gerente Manuel Leal Agante.

O Banco Nacional Ultramarino encontra-se em Sesimbra desde Setembro de 1968, tendo ocupado até agora, todavia, instalações provisórias que, a breve trecho se tornaram exíguas para o movimento da dependência.

As modernas instalações inauguradas, permitem continuar a assegurar ao público cliente da região todos os ser-

viços bancários comuns além das inovações dos cofres de aluguer e nocturno, bem como o de câmbios que para o incremento turístico da região, se reveste de uma importância desnecessária de realçar.

Para além disso — e como vem sendo hábito nas dependências do B. N. U. — o moderno aspecto arquitectónico das instalações é um notável contributo para o progresso urbano da vila.

NOTA

O QUE A MUSA ANTIGA CANTA

ESTA DESIGNADA a presidência da comissão que há-de promover as comemorações da primeira edição de «Os Lusíadas». Cabe ao eminente académico, escritor, jornalista e diplomata dr. Augusto de Castro. Não se sabe por enquanto quem serão os demais componentes da comissão e, para falar a verdade, isso tem também a sua importância, para se saber quem faz o trabalho, já que, sendo de 1572 essa primeira edição, aliás como logo a segunda, o centenário que se vai comemorar, o quarto, é já para o ano que vem. Sem ares de erudição que até nos ficava mal, paga-se por exemplo na edição de 1852, onde vem, apontado por Thomaz Norton, o «catálogo» das edições, a que se segue o dito das traduções, devido este ao ilustre escritor sr. visconde de Almeida Garret. Para tranquilidade dos desconfiados esclarece-se que é mesmo o autor do «Frei Luís de Sousa».

As duas edições de 1572 são devidas ao ofício de António Góçalvez, seguindo-se a de 1584, sob a responsabilidade de Manoel de Lyra, chamada a «edição dos Píscos», à qual se seguiram, pela iniciativa do mesmo editor, as de 1591 e de 1597. Entretanto, já antes daquela terceira edição haviam aparecido em Espanha duas traduções em castelhano, uma em Alcalá, trabalho de Benito Caldera, e outra em Salamanca, por aplicação de Luiz Gomez de Tapia, ambas de 1580. Aos distraídos das vicissitudes da História pedimos que não deixem passar sem reparar aquela data e o que nela é possível supor: no ano da perda da Independência portuguesa, os Espanhóis, aliás Castelhanos, aplicavam-se no esforço de bem nos conhecer, à nossa História, ao «peito ilustre lusitano», para ver com quem se iam haver.

Não sabemos ao certo, para falar a verdade nem supomos, o que possam vir a ser as comemorações desse quarto centenário editorial. Mas arrequeamo-nos da sessão solene na Sociedade de Geografia que, como se sabe, dá para tudo quanto seja de pompa oratória, com os reflexos por encomenda nas sucursais do costume onde vão sempre os mesmos obrigados mesmo que não tenham de quê. No que é que se pode pensar? Na medalha comemorativa? Ótimo para os coleccionadores. Numa edição comemorativa? Talvez, mas com uma advertência que se propõe ainda sob a forma interrogativa: para quem? A boa sugestão seria a de duas edições, uma popular, outra para eruditos. Esta implica muitos cuidados, trabalho e responsabilidade. A outra resolve-se com um crédito especial que permita que a edição a que chamamos «popular» se possa também chamar «barata», isto é, ao alcance de todas as bolsas.

Se assim não for, o resto fica no tinteiro. Tivemos não há muito tempo o centenário da morte de Gil Vicente (tinha-se celebrado em 1937 o do nascimento), houve comissões, reuniões, conferências, representações e até um simpósio a que vieram vicentistas estrangeiros, alguns deles com valiosas contribuições que os especialistas se propunham gulosamente saborear, mas, que se saiba, de todo este prodigioso labor comemoratório a única coisa que se publicou... foi o programa. Como enquanto há vento é que se molha a vela, aqui fica este aviso aos incautos, para que não vá aceder aos camonianos, aliás camonianistas, a mesma decepção de que padeceram os vicentinos, aliás talvez preferentemente vicentistas. Os foguetes ouvem-se, claro. Às vezes nem é só o barulho, são também luminárias. Gostariamos que mais modestamente, menos ruidosamente, se fizesse obra de ficar. Às vezes nem é a mais cara, embora seja, porventura, a de mais trabalho.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

* novo casino estoril * casino estoril * casino estoril * casino estoril * casino estoril *

NOVO CASINO ESTORIL

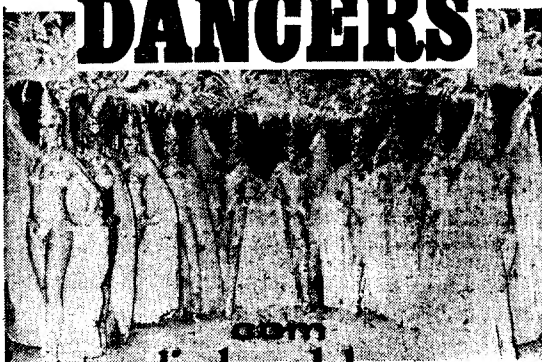


SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"

ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

BENTYBER DANCERS



com **lindsay dolan**

FAITH BROWN

VEGETA DA RÁDIO E DA TV INGLESA

GERA MARDN / **BEATRIZ DA CONCEIÇÃO**

ILUSÃO E FANTASIA

"OS MODS" * "OS FLIERS"

FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

IVORY WILDE

SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
maiores de 17 anos

NO WONDER BAR À 10H. maiores de 21 anos

TELEFONE 26 45 21

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

4.º MÊS

13.ª SEMANA

COISAS DA VIDA

(LES CHOSES DE LA VIE)

COM:

ADULTOS

ROMY SCHNEIDER
MICHEL PICCOLI

UM EXCL. **CLAUDE SAUTET**

UM EXCL. **RIVUS NO**

SATÉLITE

EM COMPLEMENTO:

«EU QUERO A LUA» — desenhos animados, uma produção da Telecine-Moro

«PORTUGAL DE MIL CORES» — uma produção de Miguel Spiguel

Teatro TELEF. 717017

Maria Matos

(M 17 anos)
IGREJAS CAEIRO
APRESENTA A OUSADA
COMÉDIA DRAMÁTICA
DE INTENSA VIBRAÇÃO
com **MÁRIO PEREIRA**
NO PROTAGONISTA

Os jovens dos 17 aos 24 anos têm 50 % de desconto

HOJE
E TODAS AS NOITES
ÀS 21.45 H.

Jogos de Sociedade



CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco
Borja, n.º 22

HOJE, às 22 horas

O FIM

de **ANTÓNIO PATRÍCIO**
Marçoções — Tel. 67 72 99
(Maiores de 17 anos)
Subsidiado Fundo Teatro

AGUARDENTE VELHA

Sleepport

a prova está na prova

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ATRIUM

PARA VOS SERVIR

Complexo de RESTAURANTES
Em plena Baixa. Na rua de S. João.

SELF-SERVICE
CAFETERIA

RESTAURANTE DE LUXO • GRILL ROOM
e na rua da Prata, MINI-SNACK

Um ambiente novo no nosso País. Equipamento ultra moderno
e a melhor qualidade de serviço a partir das 20 horas.

somé

Forneceu para o Restaurante de Luxo,
talheres e baixela
da afamada marca alemã

WMF

MARIA VITÓRIA

• Hoje, às 20.45 e 23 h.

GIUSEPPE BASTOS E VASCO
APRESENTAM EM PLENO ÊXITO,

A SENSACIONAL REVISTA

• **CALA-TE, BOCA!...**

UM ÓPTIMO ELENCO, COM:

- **JOSÉ VIANA**
- **BARROSO LOPES**
- **DORA LEAL**
- **ANGELA RIBEIRO**
- **JÚLIA BABO**

A CANTORA LÍRICA
• **SUZETE DINIZ**

E, NO «COMPÈRE»,
• **OCTÁVIO de MATOS**

A FRENTE DE UMA GRANDE COM-
PANHIA E DE UM ALEGRE «Ballet»
INTERNACIONAL

DORA LEAL, no «Per-
dal do Telhado»



Lucros do Eurofestival

MADRID, 12 — (A. N. I.) — A cantora Karina acaba de ser contratada para interpretar o principal papel de «Num mundo novo», película que tem como realizador Luís Lucia. Ao lado de Karina actua Pepe Rubio. «Num mundo novo» («En un mundo nuevo») é o título da melodia que a mesma Karina interpretou no Festival da Canção da Eurovisão.

Os brasileiros e a memória de Carmen Miranda

RIO DE JANEIRO, 18. — (A. N. I.) — Os quinze filmes interpretados por Carmen Miranda, em Hollywood, vão ser adquiridos pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, com destino à Cinemateca Nacional, onde figurarão na secção especial a que foi dado o nome da desaparecida artista.

Carmen Miranda, portuguesa por nascimento e brasileira por adopção, é aqui considerada uma glória nacional.

A CURTA-METRAGEM EM FESTIVAL

CRACÓVIA, 18. — (A. N. I.) — O crítico polaco Boleslaw Michalek foi nomeado presidente do júri internacional do Festival Cinematográfico de Curta-Metragem, que vai desenvolver-se nesta cidade de 1 a 6 de Junho, o qual será precedido por um concurso dedicado a curtas-metragens polacas.

O inglês Rober Dumbar, o francês Jean Rouch, o jugoslavo Branko Seemen e o italiano Edoardo Bruno fazem igualmente parte do júri.

O «Ballet-Théâtre Contemporain»

A visita, em 1969, do «Ballet-Théâtre Contemporain» trouxe-nos indiscutivelmente uma lufada de ar fresco. Para lá do que representava no âmbito da actividade das «Maisons de Culture» ou da política de descentralização ou de esolamento cultural, generalizado em França, que tal iniciativa implica, a jovem companhia, então muito recentemente constituída, impôs-se ao nosso público esclarecido pelos seus propósitos de estimular um repertório contemporâneo, sem dogmatismos estéticos, dentro de um são eclectismo (em que as próprias disciplinas clássicas não foram perdidas de vista). O agrupamento apresentou uma série de bailados de mérito variável, mas com interesse e evidenciou já, no seu funcionamento, um equilíbrio fundamental, a necessitar rodagem, sem dúvida, se bem que admiravelmente exaltante (e, premiante) de um esforço e de um entusiasmo com muito de positivo e de exemplar.

Não direi que as impressões então colhidas ficaram iludidas com o espectáculo de ontem, a iniciar a série de réclats que preencherão parte da temporada balética deste ano no Teatro de São Carlos.

A verdade, porém, é que o grupo pareceu um tanto diminuído nas suas possibilidades de realização, o que se verificou sobretudo numa tal ou qual desarticulação ou falta de sincronização dos intérpretes nos números de (maior) conjunto. Cansaço, resultante de longa e, por certo, estafante «tourné» em que o agrupamento anda? É possível.

O primeiro número do programa foi, porventura, aquele que tais fraquezas mais se fizeram sentir: «Danças Concertantes» (música de Stravinsky e coreografia de Félix Blaska). Trata-se de um «divertissement» agradável, apoiado num enquadramento cenográfico de tons crus bem característicos de Sonia Delaunay.

«Hi-Kyo» (música de F. Kushima e apontamento cenográfico de pendor geométrico devido a Pham Ngoc Tuan) atinge outra dimensão expressiva, graças à coreografia de John Butler. É um «pas-de-deux» de forte poder de sugestão dramática e concatenado com segurança (melhor dançado por James Urbain do que por Martine Parmain). François Adret revela no «Requiem» (com música de Lige-

ti) mais imaginação plástica, digamos assim, que coreográfica. Sobretudo o bailado alonga-se excessivamente.

Desta pecha não se livra também «Hop-Pop», que, no entanto, se recomenda por excelentes e bem humoradas situações baléticas. Dirk Sanders aproveitou saborosamente

nesse sentido a música «pop», bem servido pelos figurinos de Guy Pell'aert.

E cá ficamos aguardando o próximo programa com «Aquantheme» e «Violastries», que tão gratas recordações deixaram há dois anos.

NUNO BARREIROS

14 SEMANAS NA ESTREIA

4ª SEMANA

NO MONUMENTAL

= 18 SEMANAS

AGORA NO ECRAN GIGANTE DO MONUMENTAL

ÀS 15 E 21 HORAS

O FILME QUE LANÇOU PETER O'TOOLE e OMAR SHARIF

UM ADMIRÁVEL ENTENDIMENTO ENTRE O COLOSSAL E O BELO!



LAWRENCE DA ARABIA

ALEC GUINNESS/ANTHONY QUINN/
JACK HAWKINS/JOSE FERRER
ANTHONY QUAYLE/CLAUDE RAINS/ARTHUR KENNEDY
com OMAR SHARIF no papel de "Al-Fayez"
mus. de MAURICE JARRE
Adaptação cinematográfica de ROBERT BOLT
Produção de SAM SPIEGEL
Direção de DAVID LEAN

Uma hora de música
pela Academia
de Santa Cecília

A Academia de Música de Santa Cecília promove no próximo dia 29 (15 horas) uma hora de música por alunos seus, com obras de Lully (coro e orquestra), Bela Bartók e Haendel, para assinalar o encerramento das actividades escolares de 1970-1971.

Ao espectáculo marcado para o Teatro Monumental e cuja receita se destina integralmente a obras da Fundação Salazar, assistirá o Chefe do Estado. Bilhetes à venda, na bilheteira do referido teatro, a partir de segunda-feira que vem.

EMISSIONA NACIONAL

Foi nomeado chefe de repartição, além do quadro, da Emissão Nacional de Radiodifusão o sr. Adolfo Simões Muller.

NO NOVO Teatro Academia

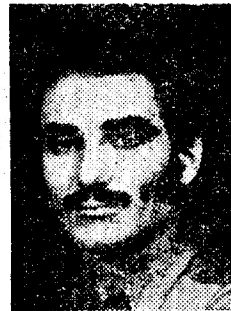
Telef. 63 66 37
HOJE, às 21.45 h.
SÓ ALCUNS DIAS
(M. 12 anos)



de Ariano Suassuna

EÇA DESMASCARA

- I — A LITERATURA
- II — O JORNALISMO
- III — A ALTA SOCIEDADE
- IV — O PROVINCIANISMO
- V — A UNIVERSIDADE



DAMIÃO
(aliás Vicente Galfo)
Aluno Contestatário

Bilhetes à venda a partir de amanhã para ver

LISBOA EM PÊLO

A CAPITAL

de EÇA DE QUEIROZ

adaptação de ARTUR RAMOS e ARTUR PORTELA-FILHO

encenação de ARTUR RAMOS

direcção plástica de JOÃO ABEL MANTA

GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

TEATRO VILLARET

Subsidiado pelo Fundo de Teatro

fundação calouste gulbenkian

concertos no grande auditório

ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL

Maestro: MILAN HORVAT
Solista: SÉRGIO VARELLA-CID

HINDEMITH: Metamorfoses sinfónicas • RAVEL: Concerto em sol maior para piano e orquestra • TCHAIKOVSKY: Sinfonia n.º 6

Sexta-feira, dia 21, às 21.30 h.
Segunda-feira, dia 24, às 18.30 h.

IDOMENEU de Mozart

— ópera em versão de concerto —

Maestro: THEODOR GUSCHLBAUER • Solistas: HORST HOFFMANN, ISABEL GARCISANZ, HANNEKE VAN BORK, ENRIQUETA TARRES, MATTI JUHANI • CORO e ORQUESTRA DE CÁMARA GULBENKIAN

Preços: amanhã — 60\$00, 45\$00 e 25\$00
dias 21 e 24 — 40\$00, 30\$00 e 20\$00

50 % de desconto aos estudantes

Bilhetes à venda • Concertos das 21.30 h.: para maiores de 12 anos • Concerto das 18.30 h.: para maiores de 6 anos

TRINDADE

F. N. A. T.
APRESENTA
HOJE, às 21.15
ÚLTIMA RÉCITA
ORFEO

de Gluck
Maestro: Sérgio Magnani
Encenador:
JEAN-LOUIS CAUSSOU
ELENCO
Isabel Mallaqueria, Elsa Saque, Sara Rosa

ORQUESTRA DE ÓPERA DA EMISSORA NACIONAL
Elementos do GRUPO DE BAILADOS VERDE GAIO

CORO DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

5.ª-FEIRA, 20—3.ª Récita de «LUCIA DE LAMMERMOOR»
(M. 12 anos)

CANTE ACHILIPU COM A PANDILHA!

DARRYL ZANUCK: ADEUS À FOX

WILMINGTON, 18 — (F. P.) — Darryl Zanuck, presidente do conselho de administração da 20th. Century Fox, disse ontem, na véspera da reunião dos acionistas, que não pediria novo mandato.

Zanuck, hoje com 68 anos, faz frente a uma «revolta» dos acionistas que querem

eleger um novo conselho de administração em consequência das pesadas perdas da Fox, as quais se elevam a 77 milhões de dólares para o ano de 1970. Em 1969 a companhia teve um «déficit» de perto de 37 milhões de dólares. Zanuck afirmou que se vai consagrar unicamente à produção de filmes.

**PRIMEIRAS
EXIBI
ÇÕES**

«DETECTIVE PARTICULAR»

TÍTULO ORIGINAL — «Un Detective».

REALIZAÇÃO — Romolo Guerrieri, 1970 (Itália).

INTERPRETES — Franco Nero, Florinda Bolkan, Adolfo Celi, De-

lla Boccardo, Susana Martinkova, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Deperfilme.
ESTREIA — Cinema Roma (14.5.1971).

Um ou outro caso isolado de filmes de género dirigidos na Europa e que conseguiram alcançar certa qualidade e consequente prestígio («Westerns» e policiais de Leoni, Corbucci, Sollima...) poderiam levar a pensar que este desenraizar da

temas próprios do cinema americano haveria, afinal, de ser até artisticamente benéfico e socio-logicamente importante. Acontece que por cada obra interessante estreiam-se centenas de subprodutos de ofensiva mediocridade e, num plano meramente sociológico, o panorama não deixa de ser mais grave ainda. Enquanto no cinema americano, a violência aparece assimilada a uma história, servindo uma acção dramática, uma progressão de determinado tipo, no cinema europeu (leia-se quase exclusivamente nos cinemas italiano e espanhol) a violência aparece como um fim em si mesma, como um alvo a atingir para através dele se alcançar o público, isto é: a receita. O que aqui se diz em relação à violência funciona igualmente em relação ao erotismo (ou à pornografia).

«Detective Particular» é um exemplo bastante elucidativo dos perigos deste cinema que reflecte, silenciosamente, uma menalidade agressiva, de violência e pornografia constantes, nada servindo a não ser os interesses mesquinhos dos seus produtores. Neste filme de Romolo Guerrieri, onde Franco Nero é *detective particular*, a figura central — o herói — é precisamente um *detective*. Sucede, porém, que esse herói italiano com quem o público sempre está, através da opção dos responsáveis da película, é um perfeito SS em liberdade: espanca suspeitos, mente, viola correspondência, via a domicílios, exerce chantagem, encobre crimes, etc., etc.

Figura perfeitamente, repugnante, pensário os leitores. Na verdade assim é (como, aliás, todo o filme). Mas, curiosamente, todas estas violações do herói se encontram justificadas (ou, na melhor das hipóteses, desculpadas). Se ele bate duro, o suspeito descaí-se; se ele viola a correspondência, descobre o criminoso; se ele encobre crimes, acaba por não ser nada de grave; se ele se abotoa com cheques em branco, terminará queimando-os, não se sabe bem porque. Realmente repugnante como figura, este herói que Guerrieri propõe ao público. Um herói que arrasta o espectador, porque é vivo e ninguém o enrola.

Se há ainda alguns adeptos da italianização de certo tipo de cinema americano, aconselho-os vivamente a ver «Detective Particular» e descobrir até que ponto pode ser perigoso o uso e abuso de um esquema a que se subtrai toda a possível razão de ser. Se, no cinema americano, a violência é acção, no cinema italiano a violência é reacção. Num, a violência entra no espectáculo, no outro a violência é o espectáculo. Um espectáculo revoltante para quem tiver dois dedos de testa.

LAURO ANTÓNIO

«QUARENTA QUILATES» DE PIADA

«Quarenta Quilates», da mesma parceria dos êxitos «Criada para todo o serviço» e «A Flor do Cacto», Barillet & Gredy, em versão portuguesa de Jerónimo Bragança, é agora a comédia que no Teatro Monumental se apresenta todas as noites, às 21 e 45.

No desempenho de «Quarenta Quilates» figuram M. M. Irene Isidro, Armando Cortez, Maria Adalina, Gulda Maria, Luísa Pinhão, Oscar Caetano, António Machado, António Semedo, e a colaboração especial de Maria Paula.

“PREVENIR”

ANTES DE PARTIR...

NÃO ESQUEÇA:

- * Avise da sua partida os fornecedores habituais.
- * Deixe à pessoa de confiança um itinerário da sua viagem e um jogo de chaves.
- * Tome providências para que alguém se ocupe do seu jardim.
- * Entregue em boas mãos os seus animais domésticos.
- * Verifique os seus documentos e bilhetes de viagem.
- * Mande arranjar.....
- * Mande limpar.....
- * Pague as contas cujo prazo expire durante a sua ausência.
- * Desligue o frigorífico e deixe-o aberto (só o congelador deve ficar fechado).
- * Feche cuidadosamente as torneiras da água e do gaz.
- * Faça uma lista das pessoas a quem quer escrever.



E SOBRETUDO...

- * Confie-nos os seus objectos de valor.
- * Adquira os cheques de viagem de que necessita.
- * Leve o nosso porta moedas do viajante.
- * Peça-nos todas as informações acerca da moeda dos países que tenciona visitar e viaje mais tranquilo.



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta



CANAL DA CRÍTICA

por MARIO CASTRIM

MAU TEMPO NO CANAL

Aquilo principiou com uma alegoria zoológica, cujo significado, depois de cuidadosa investigação, se apurou ser o seguinte: *Canal 13* sonhou, um dia, com algumas camélicas de grande bossa; em breve reparou que somente algumas cavalidades, mais ou menos butricídes, lhe eram permitidas; impellido à escolha do mal menor, optou pelas vias simiescas...

Assim *Canal 13*, logo às primeiras imagens, desenha um feroz auto-retrato onde não apenas o rosto, mas principalmente a alma, se encontra a nu: o programa ontem nascido (e já ontem velho) está disposto a ser o que querem que ele seja, está disposto a fazer tudo o que for necessário quanto mais não seja para ser... aquilo que foi ontem. *Canal 13*, por este andar, pode não ter boa alma para nada; ninguém, porém, dirá, que não tenha bom estômago para tudo.

Certamente, nada ficámos a saber da entrevista com os farmacêuticos Maria do Castelo Mendes Correia e Eurico Pais, o único momento possível de encontro com a realidade portuguesa. Tal entrevista fora, porém, um simples acidente, uma gota de água no deserto. O calor do deserto fez desaparecer a gota de água. Como se esperava.

Também como se esperava já, *Canal 13* vai ingressar, com armas e bagagens, na imitação grotesca, no culto do velho, no ripanço de mau gosto, no aproveitamento, desculpem!, no aproveitamento daquilo que de pior houve no *Zip-Zip* e no *Curto-Circuito*. Total ausência de inspiração e de imaginação, macaquinho de imitação etc. e não balalaio e um balde de cal.

A RAPOSA APANHA-SE A LAÇO. A VIDA, NÃO

De muita coragem negativa se precisava para abrir a feira musical com o *Trio Harmo*.

Canal 13 teve-a — e veio logo daí o primeiro sinal de alarme. Foi sob o signo da harmonia que a desarmonia principiou. O trio de gaitas de beijos nada nos trouxe de novo. Ora gaita! E para tocar tão mal, tão desafinadamente e tão impreparadamente a cantiguinha de Mônaco, não valia a pena ter ido ao ABC.

Alguma esperança surdiu no horizonte com a vinda do caçador de raposas. Era a possibilidade de uma presença popular, aquele heroísmo pícaro que não desdenha da poesia tanto mais forte quanto mais se lançam raízes na terra anticorderosa da realidade. Era a presença do insólito, capaz de despertar a imaginação dos cidadãos cujos instintos caçadores se perverteram ao contacto com as grandes massas de cimento e com o cimento das grandes massas.

Total fracasso. Ali domesticada, medrosa e subserviente até a raposinha metia dó. O caçador não tinha força bastante para se impor, nos limites da sua verdade. E um fito. Estimulado o seu feitiço de actor, para esse lado caiu. E caiu sem glória, vocalências para a esquerda, senhores telespectadores para a direita. Sem graça que lhe tapasse a desgraça, nem sequer nos resta o remorso de haver rido ou corrido, como aconteceu a algumas figuras do *Zip-Zip*: fica, no resto, uma sensação de pena, como se vissemos um compadre nosso em rãbula imprópria. E depois a habilidade de apanhar raposas a laço (raposas ou outro bicho qualquer) tem qualquer coisa de repugnante que suscita a antipatia e a animosidade. Apanhar inofensivas raposas em tempo de tantos lobos, que beleza é essa?

A Banda de Benavente,

(Glória, glória, glória,
ó terra de boa gente
abraça a nossa banda
centenária veneranda
glória, glória, glória
Benavente! Benavente!)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa

Metropolitano — As 16: Noticiário; 6 e 05: Programa da Juventude; 17 e 30: «Estantes», programa por Odete de Saint-Maurice; 18 e 05: A convidada de hoje: Teresa Paula Brito; 18 e 20: Espetáculo — Cinema, por Videira Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde; 19 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Interlúdio; 20 e 30: «6.º Episódio do Folhetim «Pêlo da Cavilha — O viajante entretido»; 20 e 50: Melodias pela Orquestra de Roberto Delgado; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer curar?; 21 e 55: Viagem ao Passado, por Judite Navarro; 22 e 10: Vamos ouvir... Lily Tchumbai; 22 e 30: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 23: Sinal Horário — Noticiário — Boletim meteorológico; 23 e 05: A vida e a mulher; 23 e 30: Eles cantam para si; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano

As 16: Uma obra... Duas interpretações: O concerto em ré menor de Lalo; 16 e 55: Partita n.º 1, em si bemol maior (Bach), pelo pianista, Dinu Lipatti; 17 e 15: Curiosidades musicais; 17 e 45: Música sinfónica; 18 e 30: Gravações históricas — Solos de piano, por Alfred Cortot — Scherzo n.º 1, em si menor op. 20 (Chopin), pelo pianista, Benno Moiseiwitsch; 19: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio Educativa (Audiódio Juvenil); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Dois Estudos de Villa-Lobos, em viola dedilhada por Laurinda Almeida; 20 e 30: Concerto pelo Quinteto de Ins-

Instrumentistas de Sopra; 21: O

Coral da Radiodifusão Francês, dirigido por Yvonne Gouvenne — Inscricões Camoestres (Capelet); — Cinco Canções Espanholas (Auric); 21 e 20: Tempo Literário; 21 e 45: Recital de piano, por Berta Alves Sousa, preenchido com obras de Chopin; 22 e 15: O Gosto pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 45: A Orquestra da Câmara Inglesa, dirigida por Raymond Leppard — Sinfonia em si bemol maior WQ 182-8 (Carl Philipp Emanuel Bach); 22 e 58: Resumo do programa; 23: Carrilhões — A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa estereofónico

ME 2 — As 21: John Mayall; 21 e 18: The Johnny Almond Music Machine, Patent Pending; 21 e 30: Música Portuguesa; 21 e 40: Melodias por orquestras; 22: The Edwin Hawkins Singers; 22 e 15: O trompetista Roy Etzel; 22 e 25: Vozes, Jazz, com Wes Montgomery; 23: As Grandes Sinfonias — Sinfonia N.º 1 em ré maior (Mahler), pela Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera, dirigida por Rafael Kubelík — Sinfonia n.º 9, em ré menor (Bruckner), pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Eugen Konrad; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m

1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 07: A orquestra de... 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Sessão 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira

à tarde; 1 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 21: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 02: Talismã.

Modulação de frequência

97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C.D.C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m

782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Matinée; 19 e 20: Robbiac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 25: Música para meditar; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: O oratório da verdade; 22 e 03: O santo; 22 e 15: Canções da Europa; 22 e 30: Tirocínio; 23 e 04: Mensageiro do Evangelho; 23 e 18: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 235,2 m

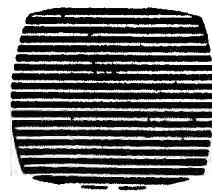
1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18 e 05: Acerte conosco; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande plano; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Parâmetro; 21 e 30: Orquestras e canções; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 40: Música variada; 23: A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m

1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Quanto de hora infantil; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Grande plano; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Hora portuguesa; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora.

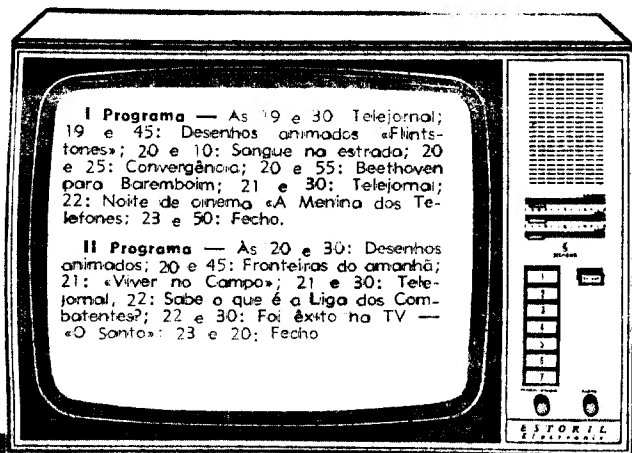
EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. Rádio Peninsular — Dos 7 às 8 e dos 19 e 30 às 22. Clube Radiofónico de Portugal — Dos 12 às 14 e 30 e dos 17 às 19 e 30. Rádio Voz de Lisboa — Dos 8 às 10 e dos 14 e 30 às 17. Rádio Graça — Dos 10 às 12 e dos 22 às 2.



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL
electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série «Júlia»; 13 e 45: Telejornal; 14: Portugal no Mundo — Cidades de Moçambique; 14 e 15: Logo á noite; 14 e 20: Fecho. **2.º período** — As 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: Telejornal; 19 e 25: Eurovisão — Futebol: transmissão directa de Atenas, da final da Taça dos Vencedores de Taças; 21 e 30: Telejornal; 22: Concerto, recital para violino e piano, por Christa Ruppert e Olga Prats; 22 e 40: Série dramática «Família Forsyth»; 23 e 40: Marcha do Mundo; 23 e 50: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: Filme de série «Júlia»; 21 e 30: Telejornal; 22: Documentário de viagens; 22 e 30: Concerto para jovens, com a Orquestra Filarmónica de Nova York; 23 e 25: Fecho.



TUDOR

pilhas para força motriz

DE 17 A 31 DE MAIO DE 1971
NA GALERIA "INTERFORMA"
AV. CASAL RIBEIRO, 44-LISBOA

PROMOVIDA E REALIZADA POR
MENDIÇA PEREIRA, HERDEIROS, LDA.

EXPOSIÇÃO ANUAL
IV CONCURSO ESCOLAR
DE PINTURA E DESENHO
CISNE

150 CARAVANAS NORTE-AMERICANAS EM MONSANTO

Mais de três centenas de americanos, de 36 Estados da União e do Hawai, e canadenses, transportados em 150 caravanas de alumínio, com mais comodidades que um andar dos subúrbios lisboetas, estão «acampados» no Parque de Monsanto.

Vêm fazer uma passeata ao Velho Continente, às origens, mas uma passeata em grande: 12100 quilómetros, visitando a Bélgica, França, Espanha, Portugal, Itália, Jugoslávia, Áustria, Checoslováquia, Polónia, Alemanha Ocidental, Dinamarca, Suécia, Noruega e Holanda. Pertencem a um clube (Airstream Wally Byam Caravan), usam todos uma boina (basca) com distintivo e viajam para conhecer os povos. Mas vejamos o que tem para nos dizer o «leader» do grupo que está em Portugal. Chama-se Robert «Bob» Smith, como consta do cartão de visita, e entrega-nos, depois de acomodados na «sala de visitas» da sua caravana, um folheto onde estão respondidas todas ou quase todas as perguntas com que o costumam «chagar». Assim, vamos a isto:

— O que é uma caravana Airstream Wally Byam?

«É um grupo de turistas americanos, viajando em conjunto, com as suas caravanas Airstream. Vêm de todos os locais dos Estados Unidos e Canadá... de grandes, cidades, de pequenas cidades e de quintas. Muitos provêm da grande classe média americana. São médicos, advogados, professores, fazendeiros e homens de negócios. Há sempre filhos no grupo e até netos (não vivos). Cada pessoa paga as suas despesas e participa no trabalho que há a fazer. Não têm nada para vender nem fazem publicidade a nada. Não representam qualquer igreja, organização ou governo. O seu interesse reside no prazer e na instrução que as viagens proporcionam. Querem aprender coisas sobre cada país e em que medida esse país difere do seu. Estão sinceramente interessados no povo, na história, nos templos, nas ruínas, na arte, nos costumes e na comida.»

— Por que se chamam caravanas Airstream Wally Byam?

«Wally Byam Caravans são assim chamadas em homenagem ao homem que teve

a ideia das mesmas e desenvolveu o modelo utilizado. Até à sua morte, em 1962, os administradores da Companhia Airstream velavam pelas tradições e conduziam caravanas a todas as partes do mundo.»

Seguem-se mais umas quantas perguntas, acompanhadas das respectivas respostas.

«Bob» Smith: «os jovens não têm tempo»

Mas ouçamos «Bob» Smith, que começa por nos dizer que os componentes deste grupo chegaram, em 30 de Março, à Grã-Bretanha, em sete aviões fretados. As caravanas e os automóveis, daqueles que ocupam a estrada toda (com tais carros nem eram precisas as caravanas!) chegaram a Antuérpia, por via marítima, em barco especial, e no dia 7 iniciou-se a marcha, que só vai terminar no dia 28 de Setembro, também naquele porto belga. E lá vão os ianques de volta a casa. Durante a semana que ficam em Lisboa (no dia 24 partem para Évora, rumo a Sevilha) têm excursões, etc. Alguns, somos testemunhas, preferem ir à conquista de Lisboa de autocarro.

— Quantos elementos tem o clube, sr. Smith?

«Tem 50 000 pessoas, 26 000 caravanas, são estes os números do Wally Byam Caravans Club. Os seus membros estão espalhados por todos os «States», Canadá e México.»

Na mesa está um galhardete da cidade de Coimbra.

«Já estivemos em Coimbra. Esta viagem à Europa é como



As caravanas e reboques do cortejo automóvel de 148 unidades, que anda a percorrer a Europa, numa viagem de seis meses, desembarcaram há tempos no porto de Ambar, de bordo de um gigantesco navio de contentores, cujos convés alugaram. A imagem mostra um aspecto desse desembarque

voltar para ver a família. Um dos membros do clube, que não veio nesta viagem (o clube tem neste momento outras excursões a processarem-se, nomeadamente no Canadá) é de ascendência portuguesa. Eu sou de ascendência alemã. Não vendemos nada, não fazemos propaganda de nada (já sabíamos pelo folheto), só queremos travar amizades, conhecer os povos. Desejamos ver tudo o que pudermos. Trazemos connosco três médicos, engenheiros, e mecânicos... Todos os domingos, fre-

quentamos as igrejas locais...

— Não se vêem, no grupo, muitos jovens (não tínhamos visto nenhum)...

«Pois não, e eu vou explicar porquê. O grupo é constituído por pessoas de 50 e 60 anos. Pessoas reformadas, pessoas que levaram a vida a trabalhar e agora viajam. Pessoas com dinheiro para comprar uma caravana, que custa milhares de dólares. Pergunte, pergunte o que quiser, estou ao dispor...»

Mrs. Smith, entretanto, faz a lida da caravana e não se



Aspecto parcial do acampamento em Monsanto

mostra grandemente interessada na nossa conversa, que prossegue:

«Os jovens têm de trabalhar não podem passar meses seguidos a viajar, nem têm dinheiro para isso.»

Smith tem gostado, tal como os outros membros do «club», da hospitalidade portuguesa e do resto. Despedimo-nos e pronto.

Uma notícia: desde a inauguração do Parque de Campismo de Monsanto, em 27 de Julho de 1961, nunca o mesmo acolhera grupo tão elevado de caravanas. Mas estava tudo previsto, que os americanos não gostam de improvisações e avisaram com antecedência.

Manhã na praça

ECONOMIA DOMÉSTICA E ZOOLOGIA

Nêspers a 18\$50 o quilo — eis o espanto. Fruta modesta, vê-se assim promovida a comestível de luxo, a competir com o bacalhau que também já foi de pobres. A vendedeira, no Mercado da Ribeira, era a primeira a chamar a atenção para o facto. «Eu até guardei os papéis, por causa da Intendência» — dizia ela.

Noutra bancada, esta de peixe, a varina deu para dialogar com o repórter. E foi assim que o jornalista ficou a saber que as garoupas eram também chamadas pérolas do oceano.

As coisas que uma pessoa pode aprender numa manhã passada na praça, economia doméstica e zoologia, por exemplo...

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo da batata nova a 2\$50 o quilo; da batata velha a 2\$30 e 2\$40; da azeitona a 7\$, 8\$, 9\$ e 12\$00; da cebola, a 2\$50; do feijão verde a 10\$00; das favas a 2\$00 e 2\$50; das cenouras a 4\$00 e 5\$00; do tomate a 10\$00 e 20\$00; da ervilha de grão a 4\$00.

O molho de rabanetes estava a 3\$50; dos grelos a 4\$00; dos agriões a 1\$50; dos espinafres a 6\$; da couve-flor a 5\$00, 6\$, 7\$00, 8\$00, 9\$00 e 10\$00. O nabo vendia-se a 1\$00 e 1\$50, a alface a 1\$00 e 1\$50; os pimentos a 30\$; e os pepinos também a 30\$00.

PEIXE

O quilo do chicharro estava a 10\$00 e 10\$40; da pescada branca a 20\$, 22\$00 e 26\$00; da xaputa a 12\$00; do peixe-espada a 18\$00; da tainha a 6\$40; do goraz a 30\$; do linguado a 6\$00; das azevias a 21\$00; do carapau a 5\$00, 8\$00 e 12\$00; da marmota a 23\$00; da dourada a 12\$00; da ga-

roupa a 32\$00; da cirrós a 40\$00.

O camarão vendia-se a 55\$00 o quilo.

CRIAÇÃO E OVOS

A duzia dos ovos estava marcada a 12\$20, 13\$50, 14\$20, 14\$40 e 15\$20.

O quilo do frango vivo vendia-se a 20\$00, e limpo a 26\$00; da galinha de aviário viva a 21\$00 e limpa a 23\$00; da galinha do campo viva a 28\$00; do coelho vivo a 27\$00 e 28\$00; do cabrito vivo a a 28\$00 e limpo a 45\$00.

FRUTA

Na secção de fruta, vimos o quilo de nêspers a 13\$00 e 18\$50; das laranjas a 6\$50, a 10\$40 e 11\$70; da banana a 12\$ e 13\$00; do limão a 13\$00; da toranja a 14\$00; dos pêsos a 13\$00; 15\$50 e 16\$50; do ananás a 24\$00, 25\$00 e 26\$00.

FLORES

Por fim, na secção de flores, vimos cravos a 10\$00, jarros a 10\$00; gladiolos a 30\$00; rosas a 10\$00 e grázietes a 15\$00.

Necrologia

FALECIMENTOS

Albino Francisco do Aido

Faleceu o sr. Albino Francisco do Aido, de 62 anos, serralheiro mecânico da Companhia Colonial de Navegação, natural de Valadares (S. Pedro do Sul), casado com a sr.ª D. Julia Pereira Aido. O funeral, a cargo da Agência Amaral, da Rua dos Anjos, n.º 12-B, realizou-se hoje, da igreja de S. Paulo para o cemitério de Benfica.

FUNERAIS

Rev.º António Vieira

Da igreja de Vaqueiros para o cemitério local realizou-se hoje o funeral do rev.º António Vieira, de 55 anos, residente em Lisboa, falecido no Hospital da Misericórdia de Pernes. O extinto, que foi professor dos seminários dos padres claretianos, a cuja congregação pertencia, e pároco de S. Sebastião (Setúbal), dedicou-se principalmente ao ministério da pregação, percorrendo todo o País.

D. Fernanda Pimentel Gonçalves

Da igreja de Santa Isabel para o cemitério do Alto de S. João realizou-se, esta ma-

nhã, o funeral da sr.ª D. Fernanda Pimentel Gonçalves, de 76 anos, viúva, mãe da sr.ª D. Maria Carlos Pimentel Gonçalves Carmona da Silva, tia do sr. Homero Pimentel Correia de Almeida, da sr.ª D. Maria Olga Vasconcelos Pimentel Cunha, do sr. tenente-coronel Octávio Hugo de Almeida Vasconcelos Pimentel (em comissão na Guiné), do sr. Rui Mário de Almeida Vasconcelos Pimentel (gerente internacional do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa) e do sr. dr. José Raimundo Correia de Almeida.

Electrodomésticos destruídos pelo fogo

Em cinco horas, o fogo destruiu, esta manhã, grande quantidade de frigoríficos e outros aparelhos electrodomésticos pertencentes à firma Manuel J. Monteiro, Lda., nas suas dependências da R. Pinto Ferreira, 6, à Junqueira.

Em consequência do incêndio, ruíu parte da cobertura metálica do armazém anexo, pertencente à mesma firma.

BOM APETITE

MAIA

O RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS
R. DAMIÃO DE GÓIS, 42-B
Tel. 212705
Mariscos recebidos directamente da origem

restaurante arameiro

LISBOA
Restauradores
Trav. S. Antão, 21
PRÉMIO DO S. N. I.



VIRIATO

SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA
PORTUGUESA
Rua Tomá, Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h.)
Telefone 53 07 58

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

TELHEIRAS DE CIMA, 144 * TELEFONE 790211

JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo

AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR

(M/15 anos)

Parque automóvel privativo

Premiado pelo SNI

JOGOS FLORAIS DA CASA DO PESSOAL DOS HOSPITAIS CIVIS

A entrega dos prémios dos Jogos Florais da Casa do Pessoal dos Hospitais Civis de Lisboa está marcada para o dia 25, às 21 horas, no cinema da Manutenção Militar. A entrega dos prémios, segue-se um sarau recreativo com um elenco da FNAT e um acto de variedades promovido pelo Clube Radiofónico de Portugal.

Homologada a direcção da Sociedade Portuguesa de Educação Médica

Foi homologada a primeira direcção da Sociedade Portuguesa de Educação Médica (secção da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa) que é constituída pelo prof. dr. J. Pinto Correia; pelos drs. F. Peres Gomes e António Galhardas.

Destina-se esta Sociedade ao estudo e discussão de todos os problemas relacionados com Educação Médica encarada no sentido global, isto é, preparação de pessoal de saúde: médico, de enfermagem, técnicos, administrativos, etc. Em reunião preparatória foram já constituídos três grupos de trabalho que se encarregarão dos seguintes temas: a) Realidade actual e necessidade do País em médicos e outros técnicos de saúde, em termos da sua evolução socio-económica; b) Perspectivas de transformação de ensino médico e paramédico; c) Educação permanente do médico (estudos para pós-graduação, de reciclagem e de especialização).

Está ainda programada a realização de três mesas-redondas, em Lisboa, Coimbra e Porto, abordando respectivamente «Política Geral de Educação Médica», «Perspectivas de transformação do Curso de Medicina» e «Ensino Pós-graduação».

ora diga-nos...

Já comeu lampreia?

Dizer-se que lampreia é o «nome vulgar dos ciclóstomos da família dos petromizontídeos, e mais particularmente das várias espécies do género petromizon que vivem nos rios de Portugal» pode ser muito erudito e informativo, mas, nesta altura do ano, é sem dúvida, pouco apetitoso. Melhor seria dizer apenas que estamos na época do arroz de lampreia à moda do Minho, ensopada em seu sangue.

● A pergunta respondeu primeiro o jovem algarvio Luis Manuel de Jesus, de 16 anos, relojoeiro, que de lampreia não percebe mesmo nada.

— Não, nunca...
— E já viu alguma lampreia?
— Também não.
— Sabe, pelo menos, o que é?
— Também não.



● A seguir, respondeu Joaquim Carlos Pereira de Sousa, de 12 anos, natural de Lisboa e empregado numa farmácia:

— Não senhor.
— Mas já ouviste falar de lampreias?
— Ainda não...

● Por último, a sr.ª D. Maria Manuela Alves dos Reis Monteiro, doméstica,

responde que sim:

— Já comi, sim senhor em caldeirada...

— E sabe cozinhar algum prato de lampreia?

— Isso não, nunca cozinhei. Mas já comi uma vez, de caldeirada, em casa de pessoas de família.

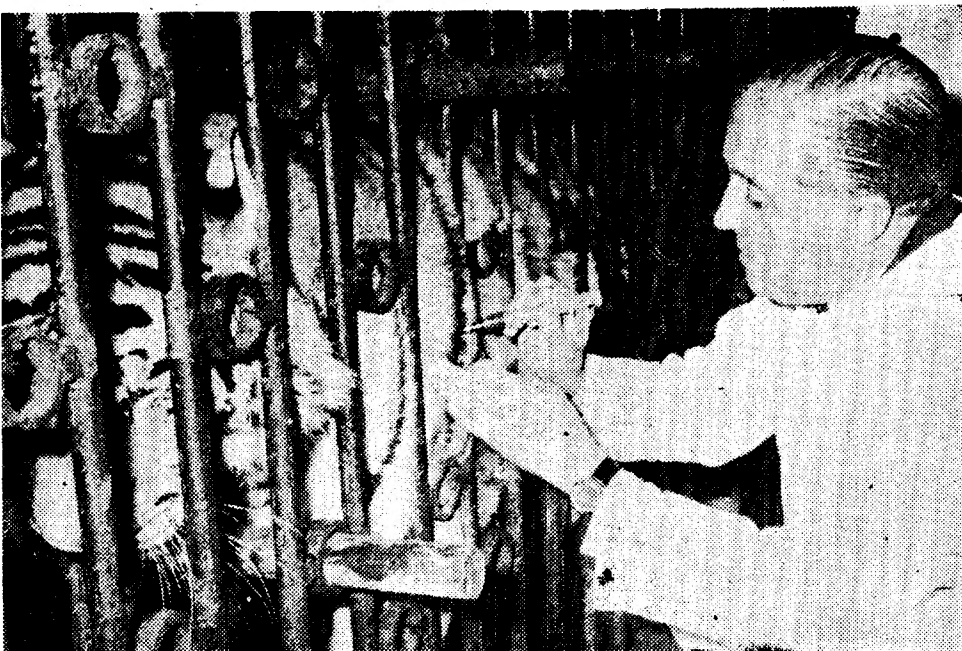
— Sabe o que é a lampreia?

— Acho que é um peixe de água doce.



A INECÇÃO DO TIGRE

Os animais do Zoo lisboeta também são atrelados a doenças e o respectivo médico veterinário tem, por vezes, de enfrentar situações pouco comuns entre os técnicos da sua especialidade. A imagem mostra-o quando teve de dar uma injeção a um dos tigres do Jardim Zoológico. Claro que, para essas eventualidades, há jaulas especiais. O animal feroz, comprimido entre as grades, não pode furtar-se à picadela nem agredir o médico veterinário que pretende curá-lo.



VIDA MUSICAL

Uma ópera de Mozart na Fundação Gulbenkian

Com a apresentação da ópera «Idomeneu», de Mozart, inicia-se nos próximos dias 21 (às 21 e 30) e 24 (18 e 30), um novo ciclo de concertos do Coro e da Orquestra Gulbenkian no Grande Auditório da Fundação.

Datando de 1781, a ópera seria «Idomeneu» ficou a assinalar o primeiro grande triunfo de Mozart como compositor dramático, ainda sob a influência do estilo de Gluck. Segundo afirmou um dos seus estudiosos, a força trágica do «Idomeneu», a majestade dos coros e o brilho da orquestração conferem a esta obra um lugar à parte entre toda a vasta produção do compositor.

Para dirigir a versão de concerto do «Idomeneu» a Fundação convidou o maestro austríaco Theodor Guschlbauer, já conhecido do público português através de um concerto da Orquestra de Câmara

Gulbenkian, em Janeiro último. Discípulo de Karajan e Hermann Scherchen, Guschlbauer foi director titular do Conjunto Barroco de Viena e do Teatro Popular de Ópera da capital austríaca. Como maestro convidado regeu as Orquestras Sinfónicas de Viena, Bamberg e Lamoureux, entre outras. Colaborou nos Festivais de Salzburgo e Westford. Recentemente passou a dirigir a Orquestra do Teatro de Ópera de Lyon, que é hoje um dos mais importantes palcos líricos da França.

A interpretação das partes solísticas foi confiada a um elenco de cantores procedentes dos principais teatros de ópera europeus: Horst Hoffmann («Idomeneu»), Isabel Garciasan («Idamante»), Hanneke van Bork («Ilia»), Enriqueta Tarrés («Elektra») e Matti Juhani («Arbaces»).

Curso «Orff-Schulwerk»

Realiza-se, esta tarde, às 18 horas, em algumas classes da Fundação Gulbenkian, a apresentação do curso de iniciação e formação musical «Orff-Schulwerk», desta instituição. Colaboram alunos das professoras Maria de Lourdes Martins, Ana Domingues e Graziela Cintra Gomes.

Concerto na Sé

Está marcado para o próximo dia 23, às 16 horas, na Igreja da Sé, um concerto de órgão pelo organista francês A. Silbertin-Blanc.

Este artista, já bem conhecido no nosso meio musical, titular do grande órgão da Sé Patriarcal, da igreja de São Luís dos Franceses, e professor das classes de Órgão e Harmonia do Centro de Estudos Gregorianos, que promove, aliás, o concerto, interpretará obras das escolas alemã e francesa, também alguns trechos portugueses.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais * Tocam: António Bessa e Fernando Reis * Consumo mínimo 60\$00 * Rua das Taipas, 14 * Tel. 32 72 56.

BALEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25\$00 * A noite consumo mínimo 40\$00 * Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) * Telef. 21 32 59 * Encerrado aos quintas-feiras

MIL E UM

cantam: Maria Eva Fátima do Rosário, Ana Maria, Zília Maria, Alzira Moreno, Henrique Manuel, António Ferreira e Moisés Campos * Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — Consumo mínimo 40\$00 * Trav. da Espera, 8 * Telef. 3 54 64 * Encerra às 5 da madrugada.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo, Correia, Ana Rosmaninho, Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga Tocam: Fontes Rocha José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * Encerra aos domingos * Consumo mínimo 90\$00 * Beco dos Curtumes, 10 * Tel. 860816.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima e Armando Miranda. Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramalho, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» * Consumo mínimo 50\$00. Rua da Barroca, 133 * Telef. 369760 e 30532 * Encerra às terças-feiras.

de Xira * Cons. Min. 70\$00 * Rua do Norte, 91 * Telef. 30095-328713 * Encerra à segunda-feira.

TIMPANAS

cantam: Trío Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros * Cons. min. 61\$50 (taxas

incl.) * Rua Gilberto Roló, 24 * Telefones: 676655 e 672431.

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo * Rua «Diário de Notícias», 107 * Telef. 328307 * Encerra aos domingos

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado * variedades internacionais * Telef.: 264521 - 264526-264596-264621-264946

ADAGGIO

A presença de JOSÉ LETRIA Pop — Saul e Underground * Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Aberto todos os dias, das 16 às 20 e das

22 às 3.30 h. * Rua Carlos dos Reis, 51-A * Telef. 775695.

TAMILA

Morão e o Conjunto * Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 * Matinés todos os dias * Encerra aos domingos. CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas * Música constante * Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 * Telef. 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 86 633.

D. QUIXOTE — Bar-Boite

com Carlos Villaret e Tony Vieira * Aberto até às 5 da madrugada * Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 * Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante * Av. Marechal Carmona * Telef. 367136 * Encerra às 3 horas.

MAXIME

Conjunto 6 * Reação e Maximiliano * «Show» turístico * Variedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

a fuma
música gravada
feitas até às 3 da manhã
fechado aos domingos
e ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)
53 44 66 56 19 49

HIPPOPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A * Telef. 48384 * Conj. Hélder Reis * Encerrado aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.



Algumas máquinas da colecção do sr. Eduardo Dóres (uma delas custou três contos)

REABILITAÇÃO PROFISSIONAL

O eng. Manuel de Sousa Calé foi designado para presidir à comissão especializada de reabilitação profissional, criada recentemente junto do Conselho Consultivo da Fundação de Desenvolvimento da Mão-de-Obra.

Esta Comissão tem como funções principais estudar e avaliar as necessidades e meios, bem como as realizações existentes em matéria de reabilitação profissional; emitir indicações sobre a melhor forma de actuação e prioridade na execução do seu programa de reabili-

tação profissional; dar parecer sobre os trabalhos apresentados respeitantes a essa reabilitação; promover a integração social de deficientes e contribuir para a solução dos problemas dependentes dos vários sectores representados, de modo a conseguir-se uma mais ampla e efectiva integração dos deficientes.

Fazem parte da comissão delegados do sector público, de corporações, das entidades patronais e dos trabalhadores

Não há brinquedo para crianças que mais prazer dê a um adulto do que um comboio eléctrico em miniatura.

Acontece, no entanto, que alguns adultos não têm coragem (ou dinheiro) para constituir uma rede ferroviária com todos os requisitos, onde não faltem desvios, passagens de nível, etc. No caso de não haver dinheiro, compreende-se; mas a falta de coragem, essa não.

O sr. Eduardo Augusto Figueiredo Dóres, industrial gráfico, é um homem com a coragem necessária para viver a vida e dedicar as horas de ócio aos seus comboios eléctricos em miniatura. Possui, nada mais nada menos, do que 117 máquinas e 430 vagões. A sua «rede ferroviária» ocupa 14 metros quadrados e á importou em qualquer coisa como 300 contos.

«Quando se cresce e se quer temos mesmo!»

— Quando era miúdo, o comboio eléctrico era o brinquedo que eu mais ambicionava. Mas

era um brinquedo caro e os meus pais, embora tivessem posses para mo oferecerem, achavam mal empregado... Mas, quando se cresce e que-

os TRIX, são todos de corrente contínua.

O conjunto actual levou dois meses a montar. O sr. Dóres não o tem em casa, mas, sim, no sótão de um edifício, e o sótão já se vai tornando muito pequeno. Modestamente, afirma-nos:

— Isto não dá tanto traba-

nho um fornecedor que é, ao mesmo tempo, um amigo.

Uma máquina que custou três contos

Com nove transformadores e dezenas de botões, podem trabalhar sete composições ao mesmo tempo, ficando duas para manobras. A maior parte das máquinas está guardada, alinhada em prateleiras, com todo o cuidado. São 117.

— Qual foi a mais cara, sr. Dóres?

— A «Big Boys», da Union Pacific, que é toda em metal. Custou três contos. O preço das outras variou muito. Algumas custaram dois contos, outras muito menos... Os preços variam com as marcas e com os modelos, claro. Algumas carruagens não têm electrificadas, sou eu que lhes po-

Reportagem de PEDRO RAFAEL

remos ter, temos mesmo! — afirma-nos o sr. Eduardo Dóres, actualmente com 35 anos.

Que ele tem mesmo uma rede em grande não resta dúvida. Qualquer coisa de impressionar e, como nos disse, só começou há sete anos.

— Nessa altura já pensava que isto viesse a tomar estas proporções?

— Não, não pensava. Isto nunca está acabado. Comecei com um pequeno circuito e hoje tenho comboios de nove marcas diferentes, mas prefiro

lho como isso, nem é assim muito complicado.

Permita-nos duvidar, sr. Dóres, permita-nos duvidar: montes, vales, pontes, refinarias, fábricas, estações, automóveis (em escala), catenárias, luzes de todas as cores, 100 agulhas...

— As casas foram montadas por mim. As decorações sou eu que faço.

— Compra o material no estrangeiro?

— Não, compro-o todo cá. Te-



Neste complexo ferroviário, os sertam-se depressa... ao contrário linha de Sin

nho lâmpadas. Tenho material alemão, italiano, francês e norte-americano.

Os comboios, entretanto, estavam em marcha. A dada altura, dá-se um pequeno desencarilamento, coisa sem consequências. Observa acto-conto o sr. Eduardo Dóres:

— Como vê, não é só nos grandes que isto sucede!

O carrilamento é rápido e o tráfego restabelece-se em segundos, exactamente o contrário do que sucede na linha de Sintra...

Os carris têm 16 milímetros, a escala é HO, a corrente continua.

— Tenho pouco tempo para



Materna

NA

AV. ROMA

a via ápia do seu bom gosto

Para sua comodidade encontra agora uma Materna na Av. de Roma esquina com a João XXI



LISBOA · PORTO · COIMBRA · CASCAIS

NOIVOS

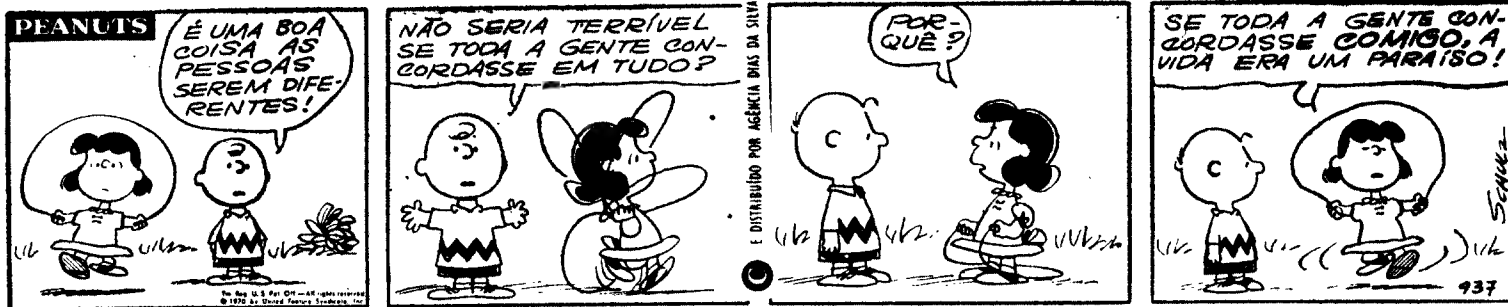
As alianças e prendas de OURIQUESARIA DA MODA dão felicidade RUA DA PRATA, 257

Enviar a Singer, Av. 24 de Julho, 42 — Gostaria de obter acerca desta oferta Demonstrações de

Nome _____

Morada _____

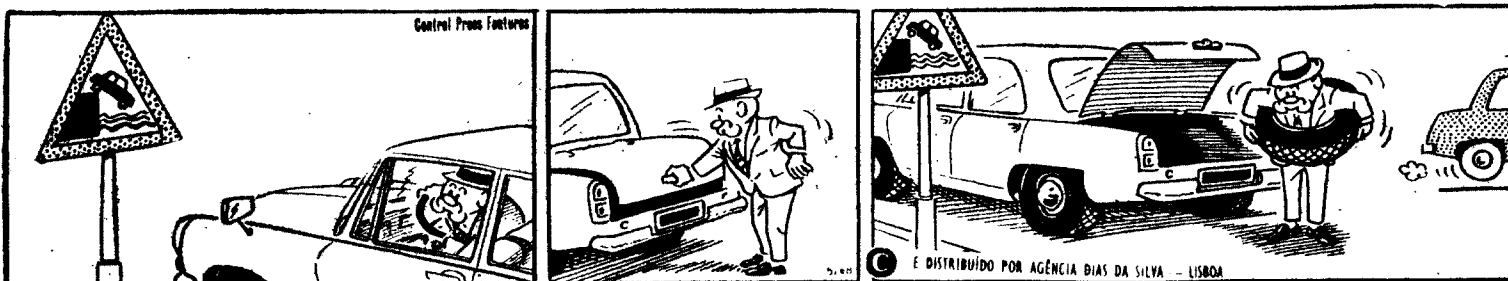
Informações ☐



OS PEANUTS



CAROL DAY



AVENTURAS DO TIO CARLOS

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 18 de Maio de 1941 publicava:

«WASHINGTON, 18 — O Departamento de Estado revelou que pioraram as relações dos Estados Unidos com a França, ao ser conhecido que mais de dois mil americanos se encontram retidos como virtuais reféns pelas autoridades alemãs, na zona ocupada da França. As autoridades de Washington recusaram-se a fazer comentários acerca desta situação, mas os observadores sugerem que estes cidadãos americanos se encontram retidos, quer como represália do aprisionamento dos marinheiros alemães na América, quer na expectativa de uma guerra iminente entre a Alemanha e os Estados Unidos. Se os alemães cumprirem a sua ameaça de afundarem os navios americanos no Mar Vermelho, tem-se aqui como certa, dentro de poucos dias, uma guerra não declarada entre estes dois países.»

MOVIMENTO CONSULAR

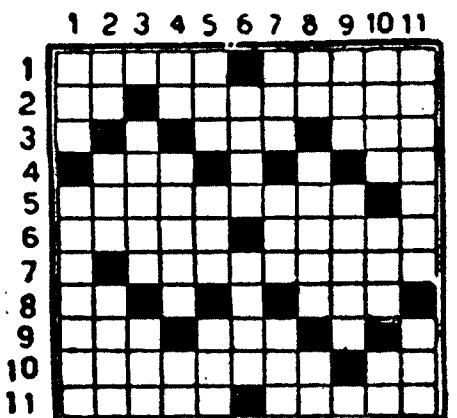
Foram exonerados dos cargos de chanceleres do Consulado-Geral de Portugal em Nova York e do Consulado em Salvador (Baía), respectivamente, os srs. Anténio Sobral e Gerson Estelino Correia de Carvalho, que passam a exercer as funções de vice-cónsules.

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5896

HORIZONTAIS: 1 — Risco. Ardor (inv.). 2 — Interjeição de dor. Induzir. 3 — Artigo definido. Preposição e artigo definido (pl.). Falso. 4 — Rema para trás. Quatro em romano. 5 — Poupassim. 6 — Equipal. Bradar. 7 — Segurana. 8 — Basta. Chefe etíope. 9 — Artigo indefinido. Tempo do verbo fazer. 10 — Dominar. (fig.). Pogo (abrev.). 11 — Forte (Prov. trasm.). Resseara.

VERTICAIS: 1 — Rio de Portugal. Abundância. 2 — Escamece. Colorido. Frade catalão que veio a Portugal traçar o casamento de D. Dinis e D. Isabel. 3 — Fixa. Rio de França. 4 — Aquí. Guimece de orames. Em a. 5 — Arara. Camareira. Realiza. 6 — Ratos. Vassourar o forno depois de aquecido. 7 — Duna na Suécia. Ente. Interjeição designativa de pancada, queda, ou procedimento rápido. 8 — Abreviatura de Santos. Erro. Solitário. 9 — Fruto do atrevo. Residues. Artigo definido. 10 — Mestre. Suspiros. Prasiódio (s. q.). 11 — Valor. Aperto molhos.



INVESTIR PELO SEGURO

A erosão do tempo destrói ilusões de futuro, quando não é alicerçado em bases sólidas de providência.

Futuro

Preocupação dominante do homem de hoje, que acautela a estabilidade económica da família e prevê a sua própria segurança. É lógico procurar investimentos que garantam a valorização das economias aplicadas.

Mas, ao tomar qualquer atitude definitiva, há que avaliar vantagens e riscos.

A Mundial, consciente das necessidades sócio-económicas do mercado, apresenta agora uma modalidade de Seguro de Vida, com valorização progressiva do capital seguro.

Esta valorização provém da participação do Segurado nos lucros que a Companhia realiza na exploração técnica e financeira desta modalidade.

Com o Seguro Base Valorizável, cada Segurado é "accionista" da sua própria apólice.

seguro
BASE
VALORIZÁVEL

NA BASE DO SEU FUTURO
E DA VALORIZAÇÃO DO SEU DINHEIRO

Consideramos que terá interesse em saber pormenores deste novo Seguro de Vida. Se telefonar para 35258 ou 362131 de Lisboa ou 25977/8/9 do Porto, um nosso representante estará ao seu dispor para o visitar quando achar conveniente. Em qualquer outro ponto do País, basta requerer a colaboração do Agente Mundial mais próximo.



A MUNDIAL
SEGUROS

Actualidade internacional

SADAT REORGANIZA O PARTIDO ÚNICO

CAIRO, 18 — (A. N. L.) — O presidente Anwar Sadat (cuja depuração política se cifraram já em 110 funcionários presos e 200 demitidos) está agora a proceder à reorganização da União Socialista Árabe — o único partido político do Egipto — segundo afirmam círculos diplomáticos.

Tudo parece indicar que Sadat se encontra firmemente instalado no Poder, depois de ter demitido os seus adversários, incluindo um vice-presidente, sete membros do Governo e três altos dirigentes do Partido. Sadat fará uma comunicação especial à Assembleia Nacional, na quinta-feira, às 8 horas da manhã (T.M.G.).

Sadat iniciou ontem a reorganização do Partido ao assinar o decreto que estabelece um novo secretariado provisório de oito membros para aquele organismo político,

que é chefiado por Aziz Sidiky, vice-primeiro-ministro e ministro da Indústria.

PORMENORES DO GOLPE FALHADO

BEIRUTE, 18 — (F. P.) — O enviado especial do jornal «Al Anwar» (pró-nasserista) dá mais pormenores acerca do falhado golpe de Estado no Cairo. «Apurou-se», diz, «que o general Mohammed Fawzi, ministro da Guerra e comandante-chefe do Exército, tentou levar a cabo um golpe de Estado militar nas últimas horas da crise».

«Tendo reunido no seu gabinete vários oficiais superiores, entre os quais se contavam o comandante da Aviação e o comandante-chefe adjunto do Exército terrestre», prossegue «Al Anwar», «o general Fawzi pediu-lhes que o apoiassem numa acção

que projectava contra o presidente Sadat».

«Aqueles dois comandantes recusaram», diz o jornal, «e outro factor contribuiu para o malogro do plano de Fawzi. Pouco antes de terminada a reunião, o general Ahmed Sadek, chefe do Estado-Maior, teria entrado à força na reunião. O general Sadek era nomeado no dia seguinte ministro da Guerra».

Reunião da NATO em Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

bre a proposta apresentada pelo chefe democrático Mike Mansfield deverá realizar-se amanhã, esperando a Administração que seja derrotada.

Entretanto, nos círculos governamentais americanos considera-se animador que a União Soviética tenha renovado a sua oferta de negociações que vai ser devidamente estudada. No entanto, não se espera uma resposta dos aliados antes de terem ocasião de assentar numa linha comum durante a próxima conferência da N.A.T.O.

SACRIFÍCIOS HUMANOS NA NOVA GUINÉ

PORT MORESBY (Nova Guiné), 18 — (A. N. L.) — Milhares de papuas já estão a caminho do monte Turu, cujo cimo fica a 1220 metros, para assistir a dois sacrifícios humanos, que haviam sido marcados para 7 de Julho, mas que talvez se realizem mais cedo.

O novo culto pagão — semelhante ao que há uns quantos lustros apareceu em diversas regiões da África e da Ásia — é essencialmente hostil aos brancos.

O seu chefe é Mathias Yeliwa.

Segundo esta seita, o marco trigonométrico, pintado de branco, que está no alto do monte Turu é o símbolo do domínio dos brancos nesta região.

As lendas, disseminadas há tempos entre os papuas, consideram o marco trigonométrico um feitiço dos brancos, para preju-

dicar as culturas dos papuas e para manter nas mãos dos brancos a riqueza e o poder.

O marco foi colocado no monte Turu em 1962, por uma equipa militar norte-americana, durante os trabalhos de cartografia da região.

As autoridades não querem retirar o marco geodésico, o que seria ceder perante o novo culto e aceitar a tese de que assim esconderiam o segredo da riqueza e dos conhecimentos dos brancos.

Por outro lado, estão decididas a não interferir no sacrifício de duas pessoas, que serão imoladas junto do marco, pois isso provocaria a revolta e acabaria por haver muitas vítimas.

As vítimas a imolar serão Yeliwa e um rapaz, que ainda não foi designado. Só depois dos sacrifícios o marco será retirado do local pelos papuas.

ELEIÇÕES SINDICAIS EM ESPANHA

MADRID, 18 — (F. P. e R.) — Começaram em toda a Espanha as eleições sindicais ao nível de empresas. As eleições são organizadas em virtude de uma disposição transitória resultante da entrada em vigor da Lei Sindical de Fevereiro do ano corrente e, na generalidade, decorrerão até 22 do corrente. As eleições destinam-se a renovar metade dos delegados sindicais (160 000) e 60 000 membros das comissões de empresa.

Serão chamados a votar, esta semana, cinco milhões de trabalhadores.

Entretanto, foram pedidas pela acusação penas de cadeia de dois a 22 anos quando 40 homens de Santander, no norte de Espanha, continuaram ontem a ser julgados pelo Tribunal da Ordem Pública de Madrid, incriminados de associação e de propaganda ilegais.

O acusador afirmou que os réus pertenciam ao movimento sindicalista clandestino «Comissões Operárias» ao Partido Comunista ou à Accão Católica deaternidade entre Operários.

BENZIDA A LAVA DO ETNA PARA SALVAR SANT'ALFIO

SANT'ALFIO (Sicília), 18 — (R.) — Centenas de sicilianos organizaram hoje uma procissão com as ossadas dos santos padroeiros até à torre de lava incandescente

que desce pela encosta do Etna, na esperança que a sua acção de graças possa evitar que as suas casas sejam sepultadas pela lava.

do sono, numa tentativa para impedir a sua jornada de destruição e incutir coragem e paciência aos seus paroquianos.

A gigantesca massa de cinzas e rochas vulcânicas, negra e fumegante durante o dia, mas brilhante como um rio de fogo durante a noite, encontra-se presentemente a cerca de três quilómetros de Sant'Alfio e continua a avançar a 50 metros por hora com uma frente de meio quilómetro. Contudo, as autoridades alimentam ainda a esperança de que a lava não atinja a povoação. Não é esta a opinião dos seus 2000 habitantes, para os quais só um milagre lhes poderá salvar as residências.

Por esse motivo, tendo a frente o pároco da freguesia, o padre Francesco Parisi, a procissão partiu às 11 e 30 da manhã para a sua digressão à montanha. Os peregrinos levavam imagens e relíquias dos seus mártires, Sant'Alfio, Girino e Filadelfio, a fim de as colocar no extremo da massa de lava, a escassas duas horas de viagem. Seguidamente, acompanhado do presidente do Município, o padre Parisi benzerá a muralha de lava que se eleva a 26 metros acima

Soldados ingleses retidos na China

HONG-KONG, 18 — (R.) — Os serviços de Informação do Governo comunicaram hoje que sete soldados britânicos atravessaram a fronteira para a China, por distração, e as tropas chinesas impediram-nos de regressar a Hong-Kong.

Os soldados seguiam em veículos e atravessaram a fronteira por engano.

MAIS TURISTAS EM ESPANHA

MADRID, 18. — (A. N. L.) — O número de turistas estrangeiros que visitaram a Espanha nos primeiros quatro meses deste ano foi de 5 103 415, o que representa um aumento de 24,4 por cento em relação a igual período de 1970 — anunciou o Ministério da Informação e Turismo, acrescentando que os visitantes gastaram no país o equivalente a 420 milhões de dólares.

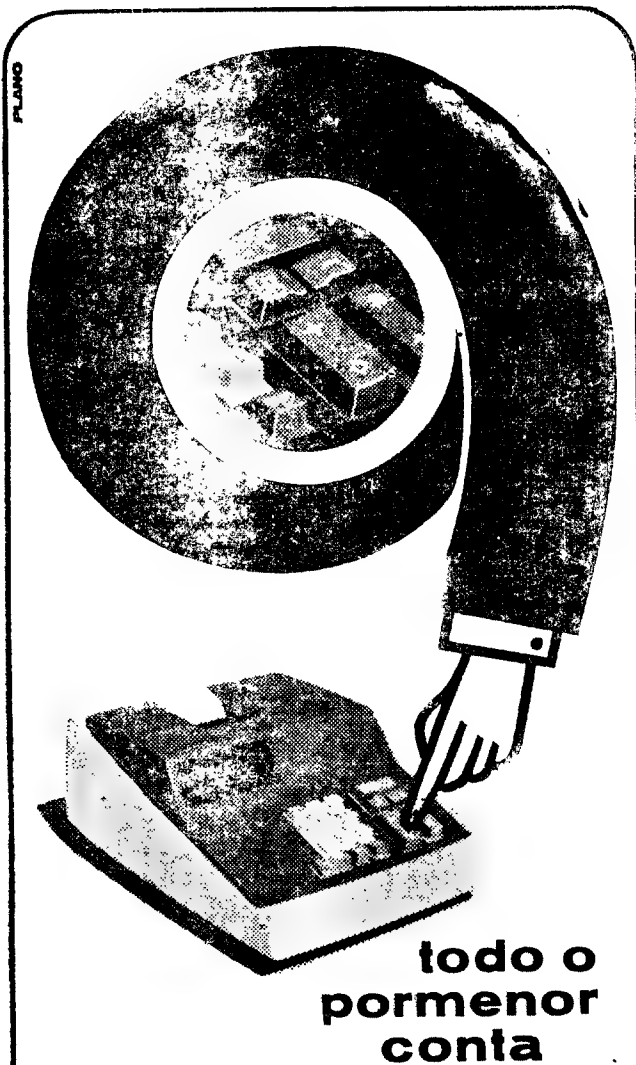
DR. CAPELAS REIMÃO

ESTOMATOLOGISTA

AGRADECIMENTO

Ao distinto estomatologista e seu pessoal de enfermagem, vem por este meio Eduarda Graça, recentemente sujeita a uma operação, sem pretender ferir a modéstia de suas excelências, testemunhar o seu profundo reconhecimento pela excepcional competência e carinho demonstrados, assim como todo o restante pessoal.

reconhecimento
EDUARDA GRACA



todo o pormenor conta

Registo Automático de cálculos, multiplicações contínuas e bloqueio de capacidade. Multiplicações negativas. Duplo espaço automático para sub-totais e totais. Repetição automática de números. Duas teclas que efectuam cinco operações diferentes - soma, sub-total, "não-soma" e total -

CITIZEN

A mais veloz multiplicadora automática (400 R. P. M.) Peça catálogos



NOGUEIRA INFORMÁTICA

ELECTROLÓGICA E MECANOGRÁFICA APLICADA S. A. R. L.

Av. da República, 41, 3.º - Telef. 77 91 51/5 - LISBOA 1

PORTUGAL

MORREU COM 154 ANOS

MOSCOVO, 18 — (F. P.) — Nascido dois anos depois da batalha de Waterloo, faleceu ontem, com a bonita idade de 154 anos, Chirine Gassanov, natural da actual República da Azerbaidjão. Até aos últimos dias, continuara a trabalhar na sua aldeia de Teherken, de cuja comissão agrícola permanente era presidente.

Há muito que se registam casos de longevidade nas regiões caucasianas. Os gerontólogos julgam que o clima e o regime alimentar, essencialmente lácteo, naquelas regiões, permitem ao homem ultrapassar largamente a média de vida habitual. Sem pôr em dúvida que assim possa ser, os especialistas têm, no entanto, dúvidas quanto à fidelidade dos registos.

A paralisação dos comboios alastra nos EUA a diversas indústrias

DETROIT, 18 — (R.) — A greve geral dos 18 000 funcionários dos serviços de sinalização dos caminhos-de-ferro norte-americanos ameaça a paralisação involuntária de outros sectores do operariado e da indústria.

A noite passada, a Chrysler Corporation teve de pôr 8500 operários da secção de estampagem de Twinsburg a trabalhar em turnos de quatro horas e publicou uma comunicação declarando que todas as operações, tanto nos Estados Unidos, como no Canadá, poderão ficar paralisadas dentro de três dias. A secção de estampagem de Twinsburg faz a prensagem de todos os modelos da Chrysler, tanto de ligeiros como de pesados e depende completamente do caminho-de-ferro para o transporte das peças estampadas para as cadeias de montagem,

a maior parte das quais são em Detroit.

Por sua vez, o informador da General Motors declarou a noite passada que dentro de 24 horas todas as fábricas e oficinas de montagem da empresa começariam a ter graves dificuldades devido à falta de peças. A General Motors teve de pôr ontem, também, 6500 operários de uma fábrica do Michigan a trabalharem em turnos de quatro horas e dentro de 48 horas terá de começar a mandar pessoal para casa na maioria das 118 fábricas que possui nos Estados Unidos.

Sabe-se também que em Battle Creek, no Michigan, a empresa de produtos cereais Kellogg Company terá de fechar ainda hoje se a greve continuar, pois a maior parte da matéria-prima é recebida pelo caminho-de-ferro.

Em poder dos tupamaros quatro personalidades

MONTEVIDEU, 18. — (A. N. L.). — O presidente do Uruguai, Jorge Pacheco Areco, pediu ontem a comparecimento do embaixador soviético, Nikolai Demidov, no seu gabinete particular para discutir a actual vaga de raptos políticos e de terrorismo no Uruguai.

Demidov, ao deixar o palácio presidencial, disse aos jornalistas que as conversações haviam incidido em assuntos de «carácter geral» e eram de «rotina».

Os guerrilheiros tupamaros têm actualmente em seu

poder quatro personalidades: o embaixador britânico Geoffrey Jackson, dois industriais uruguaios, Ulyes Pereira Reverbel e Ricardo Perres, amigos do presidente, e um antigo membro do Governo, Carlos Frick Davie.

Em Outubro de 1966, em seguida a uma vaga de agitação de trabalho, o Governo do Uruguai expulsou do país quatro diplomatas soviéticos sob a acusação de terem interferido nos assuntos internos políticos da nação.

O USO DE DESODORIZANTES PODE PROVOCAR LESÕES PULMONARES

LOS ANGELES, 18. — (R.). — O uso prolongado de certos desodorizantes do tipo aerossol, para as axilas, poderá causar lesões pulmonares em pessoas susceptíveis segundo afirmou a noite passada um oficial médico do Exército dos Estados Unidos.

uma investigação que está agora a decorrer.

O agente químico responsável e a maneira como afecta os pulmões quando inalado não são ainda bem conhecidos — prosseguiu o dr. Ward, o qual acrescentou que médicos «deveriam conhecer o perigo potencial de tais produtos em doentes com males cardíacos ou respiratórios».

Em Washington, a Administração Federal de Drogas disse que descobrira dois casos de lesões parecidas com cânceres, causadas por produtos de pulverização do tipo aerossol e um óbito atribuído à inalação de vapores de pulverização.

O informador da A. F. D. não afirmou se os produtos indicados eram desodorizantes para as axilas e recusou-se a identificá-los.

A A. F. D. é sabedora de possíveis reacções prejudiciais em consequência da inalação de vapores do tipo aerossol e recomenda que eles sejam usados apenas em locais bem ventilados.

CONCORRENTE ACUSADO DE SER O INSTIGADOR DO ATENTADO

AMSTERDÃO, 18. — (F. P.). — Jurgens, o representante da organização «World Wide» com sede no Liechtenstein, proprietária do navio «Radio Veronica», foi preso e acusado de ser o principal instigador do atentado da noite de sábado para domingo contra o navio «Mebo II» no qual está instalado o emissor pirata Radio Noord Zee.

Segundo os serviços de segurança, os três autores do atentado, presos no domingo de manhã, teriam recebido cada um 25 000 florins, dos quais foram adiantados 10 000 para a compra do material necessário, incluindo nove quilos de dinamite.

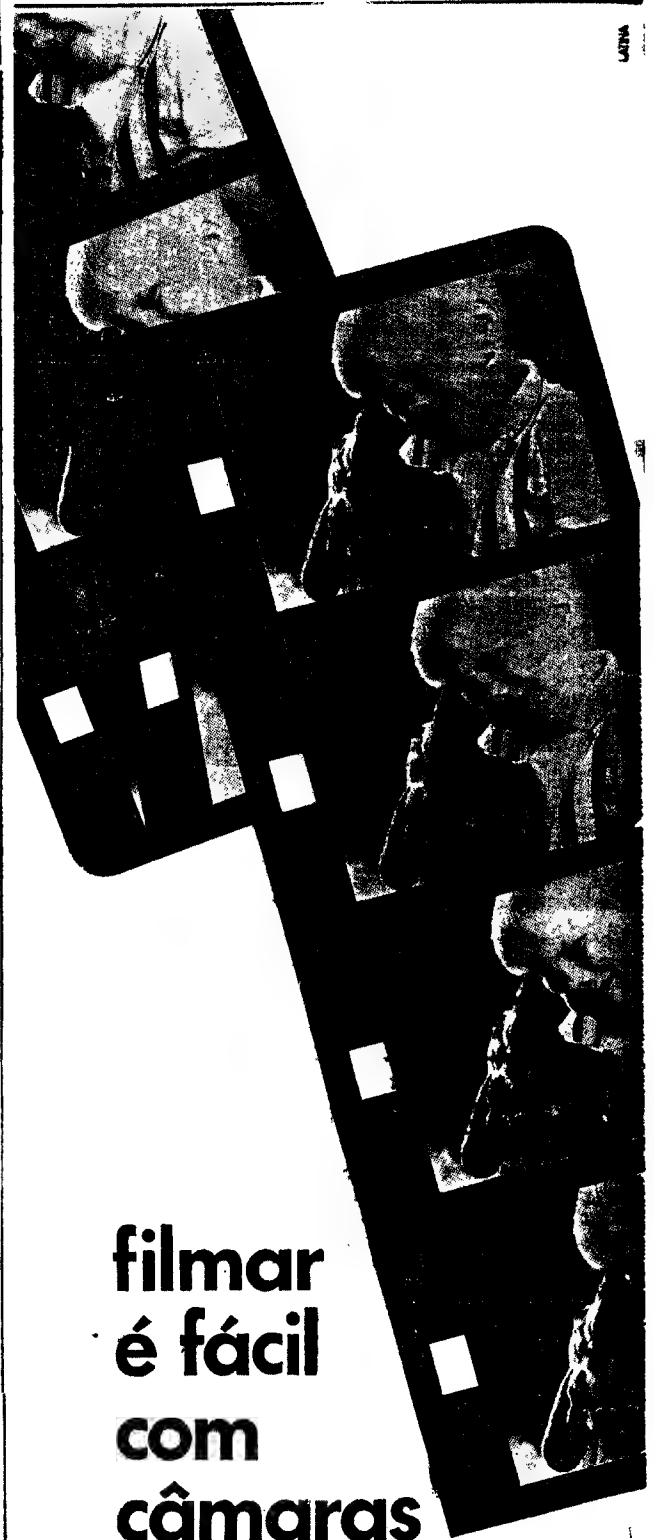
O objectivo era causar estragos no «Mebo II» a fim de o obrigarem a vir para o estaleiro. Os credores de Radio Noord Zee — entre os quais a «World Wide» — aproveitariam então para penhorar o navio por uma dívida de 9 milhões de florins. O «Mebo II» ficaria, assim, na impossibilidade de fazer concorrência a Radio Veronica.

A Comissão de Descolonização reune-se na Tanzânia

DAR-ES-SALAM, 18. — (A. N. L.). — A Tanzânia está resolutamente empenhada na luta contra todas as formas de colonialismo — declarou Mohammed Ali Foum, director da secção africana e do Médio Oriente do Ministério dos Negócios Estrangeiros, na sessão da Comissão Especial das Nações Unidas para a Descolonização, reunida em Dar-El-Salam.

O presidente da Comissão, Germano Nava-Carrilho, da Venezuela, prestou homenagem à Tanzânia por «se encontrar nas primeiras linhas da batalha pela erradicação do colonialismo da África».

Depois da sessão inaugural, a Comissão adiou a sua sessão para hoje, a fim de servir como petiçãoários elementos do Congresso Nacional Africano da África do Sul.



filmar
é fácil
com
câmaras
Kodak Instamatic

A partir de cerca de 1500\$00 pode comprar uma boa câmara, com a certeza de que compra o melhor - Kodak Instamatic.®. Veja também os projectores Kodak - alta técnica e simples. manejo. E receba um écran grátis na compra de uma câmara de filmar.



Miss Kodak mostra-lhe como é fácil filmar

De 17 a 22 de Maio
assista a uma demonstração
no revendedor KODAK

J. C. ALVAREZ, LDA.

205, Rua Augusta, 207

Cofres de aluguel
Av. Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

Ultimato do governo turco aos raptos de Elrom

ISTAMBUL, 18. — (R.). — O vice-primeiro-ministro turco, Sabi Kocas, declarou a noite passada que o Governo não negociaria com os raptos que ontem raptaram o consul-geral israelita, Ephraim Elrom.

Kocas referiu-se a notícias que tinham principiado a circular nesta cidade de que os raptos tinham entregue um ultimato a uma agência noticiosa doméstica.

O pretensão ultimato dos raptos dizia que o consul-geral seria executado por um pelotão de fuzilamento se o governo não libertasse até às 17 horas locais (16 de Lisboa) de 20 de Maio membros do denominado Exército de Libertação do Povo Turco, que tem presos.

Kocas contestou o anúncio do ultimato — aparentemente os funcionários ainda não o viram — com outro da sua autoria, ameaçando com a pena de morte todos os membros do Exército Clandestino de

Libertação e qualquer pessoa que lhes dê asilo.

O vice-primeiro-ministro dissera antes que planeava apresentar hoje ao Parlamento uma lei autorizando uma pena capital automática para membros do Exército de Libertação, se Elrom não fosse libertado imediatamente.

CONTRA O «IMPERIALISMO» AMERICANO

O vice-primeiro-ministro ameaçou mesmo levar a tribunal os familiares e amigos dos elementos mais notórios da organização clandestina.

Os observadores pensam que o rapto do diplomata israelita está dentro da linha política seguida pelo Exército de Libertação Popular que afirma lutar contra «o imperialismo americano e os seus lacaios», o que abrange Israel.

De resto, sabe-se que muitos dos militantes turcos fo-

ram treinados pela organização esquerdista palestina de George Habash e já houve casos de trocas de tiros com a Polícia em que os guerrilheiros urbanos foram vistos com a cabeça e a cara tapadas à moda dos guerrilheiros palestinos.

O primeiro gesto espectacular do Exército de Libertação foi em Março com o rapto de quatro militares americanos em Ankara. Depois disso, a organização clandestina tem procurado obter fundos para a luta mediante assaltos a bancos e raptos de homens de negócios, libertados a troco de avultados resgates.

REUNIÃO DO GABINETE ISRAELITA

JERUSALÉM, 18. — (R.). — O gabinete israelita reuniu-se hoje em sessão extraordinária para discutir o rapto do consul-geral de Israel em Istambul.

AGENTES

Precisam-se à comissão, em todas as cidades do País, para venda de pilhas para rádio e lanternas e outros artigos. Fernando Silva Miguel, Rua do Crucifixo, 76. 4.º, dt.º — Lisboa.



**ALBINO FRANCISCO
BO AIDO**
Serralheiro Mecânico
da Companhia
C. de Navegação
FALECEU

Sua esposa, irmão, cunhados, sobrinhos e mais família compareceram o doloroso dever de participar o seu falecimento e que o funeral se realize hoje, às 15 horas, saindo da Igreja de S. Paulo, para o Cemitério de Benfica.

AGENCIA «AMARAL»



**MANUEL ANTÓNIO
MARTINS**

Missa do 30.º dia
e agradecimento

Francisca da Piedade, Ermelinda Rosa dos Santos Rocha, marido e filho participam que amanhã, dia 19, às 10,30 horas, na Igreja de São João de Deus, será rezada missa pelo eterno descanso de sua alma, agradecendo a todos que se dignarem assistir a tão piedoso acto e bem assim aqueles que o acompanharam à sua última morada ou que de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar.

P. N. A. M.

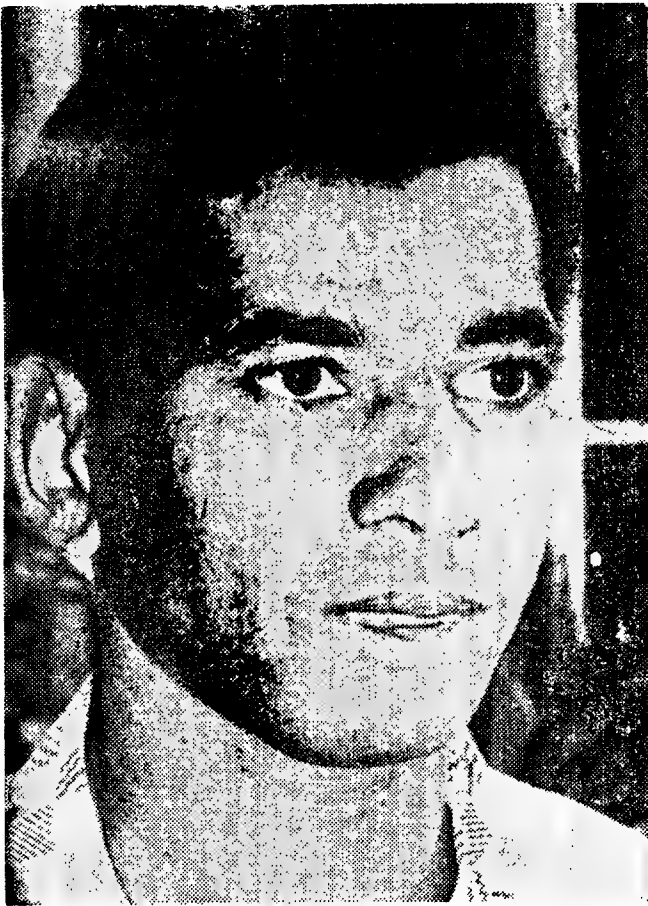
AGENCIA SALGADO
Telef. 48258



**MARIA JOSÉ VIDEIRA
DA CUNHA LEAL**

Missa do 7.º Dia

Dr. José Francisco Videira Pinto da Cunha Leal e sua mulher D. Maria Manuela Gonçalves Farinha Leitão da Cunha Leal, filhas e genro, Dr. Artur Videira Pinto da Cunha Leal e sua mulher D. Esther Athias da Cunha Leal, filhos e noras, D. Maria da Piedade Pinto da Cunha Leal Molarinho Carmo e seu marido, Sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra Rui Fereira Molarinho Carmo e filhos, D. Maria Helena Videira Pinto da Cunha Leal Ramos Rocha e seu marido Sr. Capitão-de-Fragata Alfredo Ramos Rocha, filhas e genro, D. Aurora Videira, D. Branca Videira Sá Pereira e filhos, Dr. Rodrigo Franco Afonso e família, D. Maria José Leal Pinto e mais família participam que amanhã, dia 19, às 12,40 horas, na Igreja de S. João de Brito, será rezada Missa pelo eterno descanso da sua muito querida mãe, sogra, avó, irmã, tia, cunhada e parente.



Chama-se Sousa — Euricles de Sousa Campos —, é brasileiro, dizem-no «homem-golo» e fará, esta tarde, o seu primeiro teste no Restelo. Entretanto, os belenenses estão atentos — e para além de atentos esperanças em que ele seja, efectivamente, aquilo que dizem que é

VOLEIBOL

O Técnico venceu o Ext. Moscavide

No Estádio Universitário, prosseguiu o Campeonato Nacional da I Divisão tendo o Técnico vencido o Externato de Moscavide por 3-0 (17/15; 15/12; 15/11). Sob a arbitragem de João Veiga, as equipas formaram:

TÉCNICO — Cunha Pereira, Luís Briz, Corte Real, Elio Franco, Rogério Almeida, João Fernandes e Francisco Vaz.

EXT. MOSCAVIDE — Helder Silva, Carlos Brilhante, Fernando Riça, Vítor Melo, José Ramon, Vítor Gomes e Jaime Mortágua.

Mercê de uma exibição agradável e plena de determinação e entusiasmo a turma de Moscavide ofereceu excelente réplica contrariando ao máximo a vitória final dos «engenheiros» que actuaram sem Raul Carregoso o que reduz consideravelmente o poder atacante da equipa.

O resultado final é demasiado severo para a actuação dos vencedores muito embora se aceite a vitória do Técnico pela maior calma e experiência evidenciada.

A classificação ficou assim ordenada: 1.º, Esmoriz (7 vitórias, 2 derrotas) 16 pontos; 2.º, Técnico (6 v., 2 d.), 14; 3.º, Académica (6 v., 2 d.), 14; 4.º, Nun'Alvares (5 v., 4 d.), 14; 5.º, Ext. Moscavide (1 v., 7 d.), 9; 6.º, A. C. Moscavide (0 v., 8 d.), 8.

ATLETISMO

MONIZ PEREIRA treinador nacional

Os dirigentes federativos depois de se debruçarem sobre o problema de treinador das equipas de atletismo, resolveram nomear, a título gracioso, para o desempenho daquele cargo, o prof. Mário Moniz Pereira, que, aliás, já há tempos desempenhou cargo idêntico e é, actualmente, o treinador com mais anos de efectividade (22) de profissão num clube — o Sporting.

BOXE



KAKA

- ALMEIDA ou TAVARES?
- ANJOS ou RODRIGUES?
- KAKÁ ou MARQUES?
- BELARMINO ou DIAMANTINO?

ESTA NOITE

NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

A RESPOSTA SERÁ DADA!

Rigorosamente suspensas as entradas de favor
P/ maiores de 17 anos «LISBOABOXE»

Terminados os campeonatos nacionais da 1.ª e 2.ª divisões, os concursos do Totobola incidem sobre provas de menos interesse desportivo. Isso não quer dizer que os concursos tenham menos interesse — como se verifica pelos excelentes prémios destas últimas semanas.

1x2 totobola

O próximo concurso

A GRANDE PROMESSA DOS «PEQUENOS JOGOS»

Sete partidas a contar para a Taça «Ribeiro dos Reis» e seis encontros referentes ao campeonato da III Divisão nacional, constituem o cartaz totobolístico do próximo domingo.

Lembramos, para o apostador poder aferir do «palmarés» de cada turma, as classificações obtidas pelas várias equipas nos torneios da II Divisão (concluídos há pouco) e no ainda decorrente Campeonato da III Divisão — em vésperas de completar-se.

Taça «Ribeiro dos Reis»

1. RIOPELE-FAMALICÃO — O Riopele (29 pontos) foi o 5.º classificado na Zona Norte da II Divisão, três degraus à frente do Famalicão (28 pontos).

2. SANJOANENSE-GOUVEIA — A Sanjoanense (21 pontos) foi penúltimo da sua zona, no Campeonato da II Divisão, enquanto que o Gouveia foi nono classificado, com 24 pontos.

3. TORRES NOVAS-UNIAO DE TOMAR — Os torresanos conseguiram 21

pontos (11.º lugar) no torneio secundário, enquanto que o U. Tomar se fixou em segundo posto, com 35 pontos ganhos.

4. UNIAO DE LEIRIA-TRAMAGAL — Na Zona Norte, o Leiria ficou em 3.º lugar (30 pontos), enquanto que no Grupo Sul o Tramagal obtinha 27 pontos, o que lhe valeu o quinto posto.

5. SINTRENSE-ORIENTAL — O «onze» de Sintra logrou 20 pontos e o Oriental conseguiu mais dois no Grupo Sul da II Divisão.

6. PENICHE-TORRIENSE — Os penichenses ficaram em 4.º lugar da escala da Zona Sul da II Divisão (com 28 pontos) enquanto os torrienses (com 28 pontos) eram oitavos classificados.

7. SEIXAL-PORTIMONENSE — Penúltimo da sua zona, o Seixal (com 20 pontos) nem por isso se distanciou muito dos concorrentes seguintes, entre os quais o Portimonense (25 pontos) classificado no sétimo posto,

III Divisão

8. SOURE-FEIRENSE — O Norte e Soure, (com 23 pontos), recebe o Feirense, que já conseguiu 33 pontos. O Soure conta 15 derrotas, 5 empates e 9 vitórias, enquanto o Feirense já ganhou 13 jogos tendo empatado 7 e perdido 9.

9. ODIVELAS-ALMEIRIM — Partida de certo modo equilibrada, entre uma turma com 30 pontos (o Odivelas) e outra com 34 (o Almeirim). Os rapazes de Almeirim são especialistas em empates...

10. CALDAS-MARRAZES — Quem vencerá? O Marrazes, com 36 pontos já conquistados, está no 2.º lugar e o Caldas, com menos 2 pontos, ocupa a 5.ª posição.

11. JUVENTUDE-C. PIEDADE — Já triunfador da Zona D, o Cova da Piedade vai a Évora em maré de festa. Mas o Juventude está em terceiro lugar, e tem uma palavra a dizer.

12. ALMADA-LUSITANO DE ÉVORA — Em bate de difícil prognóstico, entre almadenses e evorenses, os visitados com 30 pontos e os visitantes com 38. O Almada «gosta» de empatar e o Lusitano possui um «team» equilibrado.

13. GRANDOLENSE-AMORA — Com 26 pontos no activo, o Grandolense recebe o «onze» de Amora (já com 32 pontos conquistados). Jogar em «casa» será vantagem?

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos concursos n.º 37 das nove épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

61-62	112	121	x21	12x2
62-63	122	111	xxx	12x2
63-64	212	21x	xx2	212x
64-65	x12	122	211	1111
65-66	112	11x	111	2111
66-67	1x1	111	x21	1211
67-68	111	121	x22	1111
68-69	112	x11	211	x1xx
69-70	x12	12x	x12	2112

a) Nos jogos n.ºs 3, 5 e 11 nunca saiu o símbolo «X»;
b) Tem sido um concurso com média alta de bons prémios.

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

Escreve-nos o sr. João R. Matamouros, de Faro, a pedir um sistema de 13 duplas «condicionado ao 12» e desdobrado em apostas múltiplas.

O preço do sistema é de 2048\$00 e sem aquele condicionalismo seria de 16 384\$00.

Acertando em todas as duplas há GARANTIA TOTAL DE 12 RESULTADOS CERTOS e uma percentagem de 12,5 para alcançar o Treze.

1	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1	X
1	X	X	1	1	X	X	1	1	X	X	1	1	X	X	1
1	X	1	X	1	X	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1
1	X	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1
1	X	1	X	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1
1	X	X	1	X	1	1	X	1	X	1	X	1	X	1	1
1	X	1	X	X	1	1	X	1	X	1	X	1	X	1	1
1	X	1	X	1	1	X	1	X	1	X	1	X	1	X	1
1	X	1	X	1	1	X	1	1	X	1	1	X	1	1	X
1	X	1	1	X	1	1	X	1	1	X	1	1	X	1	1
1	X	1	1	1	X	1	1	1	X	1	1	1	X	1	1
1	X	1	1	1	1	X	1	1	1	1	X	1	1	1	1
1	X	1	1	1	1	1	X	1	1	1	1	1	X	1	1
1	X	1	1	1	1	1	1	X	1	1	1	1	1	X	1
1	X	1	1	1	1	1	1	1	X	1	1	1	1	1	X

O desdobramento é feito em 16 boletins de 64 apostas, cada.

As duplas apresentam-se todas para 1-X, mas poderão ser transformadas em 1-2 ou X-2 conforme o desejo do apostador.

O CONCURSO DO DIA 30

O concurso n.º 38, a realizar no próximo dia 30, é inteiramente dedicado à Taça Ribeiro dos Reis, com os seguintes treze jogos:

1. Famalicão-Varzim
2. Vizela-Riopele
3. Braga-Guimarães
4. Salgueiros-Espinho
5. U. Coimbra-Lamas
6. Tramagal-T. Nova
7. U. Leiria-Marinhense
8. Atlético-Torriense
9. Oriental-Benfica (R)
10. Sintrense-Peniche
11. Luso-Montijo
12. Portimonense-Sesimbra
13. Seixal-Olhaneense

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A SESSÃO DE HOJE

DEFINIÇÃO REAL DE VALORES NO BOXE PROFISSIONAL

Esta noite, no Pavilhão dos Desportos vai dar-se o escla-
recimento final e definitivo
acerca dos valores do novo bo-
xe profissional português.

Os nossos pugilistas profes-
sionais vão ser postos em con-
fronto directo. A oportunidade
do choque é bem escolhida e,
revela o sentido comercial dos
empresários. Os vencidos, dado
que os combates se disputam
antes de ser aberta a disputa
dos Campeonatos Nacionais,
terão sempre a oportunidade
de vir a modificar o resultado,
criando novos motivos de in-
teresse no público.

É claro que nem todas as
lutas são «antecamaras» de
campeonato. A esta categoria
pertencem, apenas, os comba-
tes de Carlos Anjos com Costa
Rodrigues e de Carlos Almeida

com Fernando Tavares. Os em-
bates entre Diamantino Ro-
drigues e Belarmino Frago-
so e entre Kaká e Vítor Marques
são, somente, uma prova defi-
nidora das respectivas capaci-
dades.

Nas condições actuais do
profissionalismo português este
embate entre os nossos melho-
res profissionais terá o efeito
de agitar a opinião pública e
o interesse pela modalidade. O
organizador ficará com uma
classificação de valores de bi-
lheteira arranjando, assim,
uma garantia para futuras or-
ganizações. Como «manobra»
comercial o confronto é perfei-
tamente válido e a ocasião
oportuna. Desportivamente,
não tem um aspecto tão bri-
lhante porque todos os profes-
sionais, com honrosa excepção
para Fernando Tavares, não

passam de «maus profes-
sionais».

Diamantino Rodrigues, era
um excelente amador em
1968, quando foi campeão na-
cional. Apresentou-se, agora,
em excelente condição física
e tem futuro pois é valente,
bate bem e é decidido. Es-
treia-se como profissional e
nada mais se pode dizer.

Belarmino Frago-
so é um «passado brilhante», sem fu-
turo possível. É um golpe
«oportunistas» o contrato deste
antigo campeão. Não querem
ver, porém, que Belarmino
foi muito grande, dos melho-
res pugilistas de Portugal,
quando pesava entre 59 e 62
quilos. Actualmente, com 68
ou 70 quilos já não pode ser
o mesmo homem. Para a al-
tura está com peso a mais e
embora o exame do Centro

de Medicina Desportiva, o
electro-cardiograma e o elec-
tro-encefalograma digam estar
em perfeitas condições físicas,
a elasticidade muscular já de-
sapareceu, como é natural
num homem de 39 anos. E
sem ela onde o oportunismo
das fintas e a coordenação
dos movimentos?

Costa Rodrigues foi sempre
um pugilista hábil, valente e
bom «pegador», mas indis-
ciplinado e relapso aos treinos.
Tem condições físicas e téc-
nicas para triunfar e esta é
uma boa oportunidade para
definir o seu valor.

Carlos Anjos é rápido, duro,
bom socador, mas tem mui-
tas deficiências técnicas e fra-
co jogo de pernas. De uma
combatividade acima da mé-
dia pode encontrar nesta ca-
racterística a razão de um
triunfo seu.

Kaká vai ter oportunidade
de firma a sua crescente po-
pularidade. Mau grado sua
técnica incipiente de atacar
tem, frente a Vítor Marques,
adversário de nulo jogo de
pernas, a possibilidade de ob-
ter um claro triunfo.

Finalmente, Fernando Ta-
vares e Carlos de Almeida, os
dois mais cotados dos nossos
pugilistas profissionais, vão
iniciar uma série de lutas pa-
ra definirem qual é deles, na
realidade o melhor.

O estilo «batalhador» de Al-
meida «asa-se», admirável.

T. Z.



Almeida

mente, com o boxe estilista
de Tavares. Em todos os as-
pectos da técnica do pugilis-
mo Fernando Tavares está
bons pontos acima de Carlos
Almeida, excepto num: poder
de encaixe.

Por isso o embate entre am-
bos será decisivo para o or-
ganizador auscultar as prefe-
rências do público. Esta ses-
são tem, para nós, um cunho
de estudo tanto quanto aos
valores a aproveitar em futu-
ras organizações e quais os
tipos de pugilistas, que mais
interessam ao público. Há
como que o esboço de um
plano de trabalho, a longo
prazo. Após a sessão, os ven-
cedores serão, certamente,
considerados os nomes de car-
ta, mas serão em virtude
das provas públicas dadas e
não em consequência da ar-
gumentação palavrosa dos
respectivos «managers». Os
quais, normalmente, só sabem
falar deixando os pupilos com
os mesmos defeitos e insufi-
ciências técnicas, combate
após combate.

O pugilismo está de para-
bens, pois o tipo desta orga-
nização revela um desejo de
trabalho em profundidade que
não é, normalmente, o objec-
tivo dos organizadores.

P. A.

ESTA NOITE

ASSEMBLEIA — Reunião
da assembleia a delegada do F.
C. do Porto para se debate-
rem problemas da futura di-
recção, às 21 e 30.

BASQUETEBOL — Cam-
peonato Nacional da I Divi-
são, em Lourenço Marques:
Sporting-Luanda e Benfica e
Sporting de Lourenço Mar-
ques-Desportivo de Lourenço
Marques.

— Curso de árbitros e ofi-
ciais de mesa, na Comissão
Central, às 21 e 30.

BOXE — Sessão profes-
sional, no Pavilhão dos Despor-
tos, às 21 e 45.

HÓQUEI EM PATINS —
Campeonato Metropolitano da
II Divisão: Cimento Tejo-
Educação Física, Vila-Fran-
quense Queluz, Belenenses-
Cascais, H. Sintra-Liga de
Algés, Azeltonense-Futebol
Benfica e Estremoz-Acadé-
mica da Amadora, às 22, nos
rings dos primeiros.

TENIS DE MESA — Cam-
peonato de Lisboa de Senho-
res: 1.ª série — nas mesas do
Operário Ateneu e Arroios.
2.ª série — na mesa do In-
tendente.

TOTOROLA

O NOSSO PALPITE

Riopele-Famalicão	1
Sanjoanense-Gouveia ...	2
T. Novas-U. Tomar	2
U. Leiria-Tramagal	1
Sintrense-Oriental	X
Peniche-Torriense	1
Seixal-Portimonense ...	2
Soure-Feirense	2
Odiveias-Almeirim	X
Caldas-Marrazes	X
Juventude-C. Piedade ...	2
Almada-Lusitano Évora ..	1
Grandolense-Amora	1

BASQUETEBOL

CAMPEONATO NACIONAL

SPORTING: SEGUNDA DERROTA CONSECUTIVA
EM LOURENÇO MARQUES

Proseguiu ontem á noite
na capital moçambicana, a
fase final do nacional com a
realização da 2.ª jornada.

O pavilhão do Sporting L.
Marques voltou a esgotar a
lotação cifrando-se a assis-
tência mais uma vez na casa
dos milhares de pessoas.

**Sporting L. Marques, 94
Luanda e Benfica, 78**

No primeiro jogo da noite
defrontaram-se Sporting lo-
cal e o Luanda e Benfica. Os
«leões» tal como na véspera
averbaram novo triunfo pe-
rante um Luanda e Benfica
que parece destinado a
ocupar o lugar de «lanterna
vermelha».

Na verdade o americano
Almostedt por si só não che-
gou e nem chega para col-
matar a deficiência técnica-
táctica dos «angolanos» pa-
tenteada ontem perante uma
equipa de superior envergadu-
ra. Com dois jogos e ou-
tras tantas vitórias o Spor-
ting de Lourenço Marques,
confirma em absoluto o nos-
so vaquinio de ser o princi-
pal candidato ao título.

**Desp. L. Marques, 60
Sporting C. P., 54**

No segundo encontro da
sessão considerado como o
mais aliciante defrontaram-
se outros dois presumíveis
candidatos. A vitória voltou a
sorrir novamente a uma

equipa moçambicana, pre-
cisamente o Desp. L. Marques.

Teremos de referir que o
americano Martinuik mais
uma vez exerceu a sua in-
fluência mormente no capítu-
lo defensivo.

Com mais esta preciosa vi-
tória o Desportivo soma igual-
mente dois triunfos, repartin-
do o primeiro lugar com o
Sporting de L. Marques.

Por sua vez o Sporting
(Lisboa) embora melhorando
a sua actuação em relação á
véspera sofreu a contrarieda-
de de não ter podido alinhar
com Encarnação o homem
mais alto da equipa.

A causa foi um inesperado
ataque de febre que impossi-
bilitou o jogador «leonino» de
dar o seu precioso e impres-
cindível (neste caso) contri-
buto. Foi uma baixa de vulto
sem duvida o que constituiu
excelente «handicap» para os
lourençomarquinos.

Como curiosidade o Spor-
ting fez alinhar o seu ex-ju-
nior Rui Pinheiro, elemento
de envergadura semelhante a
Encarnação, e que efectuou
excelente exibição a confir-
mar todas as qualidades que
lhe são atribuídas. De salien-
tar neste encontro a fraca e
anormal pontuação obtida
pelo Sporting (54 pontos)
tantos como as equipas femi-
ninas metropolitanas o que de-
nota a influência das arbitra-
gens ultramarinas com crité-
rios diferentes dos da metró-
pole.

Classificação após a 2.ª jornada

EQUIPAS	J.	V.	D.	M.	Pontos
1.º — Sp. Lourenço Marques	2	2	—	166-135	2
2.º — Desport. de L. Marques	2	2	—	162-129	2
3.º — Sporting C. Portugal ...	2	—	2	111-132	1
4.º — Luanda e Benfica	2	—	2	153-196	1

Jogam hoje à noite

Luanda e Benfica-Sp. C. P.
Sp. L. Marques-D. L. Marques

Com os jogos desta noite



IMOBILÁRIA CONSTRUTORA GRÃO-PARÁ

S. A. R. L.

Sede: Rua Victor Cordon, 37-1.º — LISBOA

Dividendo do Exercício de 1970

Dividendo líquido de impostos a pagar por acção

	Portador	Portador Registadas	Nominativas
Dividendo Atribuído	29.50	39.50	39.00

Avisam-se os senhores accionistas de que a partir do dia 24 do corrente estará a pagamento o dividendo do exercício de 1970 atribuído às acções desta Sociedade, na sede: Rua Victor Cordon, 37-1.º

Os accionistas que residem na Província ou Ilhas Adjacentes, que desejem efectuar a transferência do seu dividendo, deverão dirigir-se por escrito até ao fim de Maio, aos escritórios da Sociedade, onde se prestam todos os esclarecimentos.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

AGENCIA ABREL
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 166

Por 140 contos

PODE COMPRAR UM MAGNÍFICO APARTAMENTO MOBILADO

J. GIMENES, S.A.R.L.

oportunidade já
ótimo ensejo de obter
um bom rendimento

E o seu capital aumentará
com a valorização
da propriedade
que nos adquirir

CONSULTE-NOS

Pr. Marquês de Pombal, 15 — T. 45843/47843
LISBOA



JULGAMENTO NO PLENÁRIO

No Plenário Criminal da Boa Hora, sob a presidência do desembargador Morgado Florindo e ocupando a tribuna do Ministério Público o dr. Costa Saraiva, está marcado para esta tarde o julgamento de Luís Raimundo Estudante da Silva, de 42 anos, casado, natural de Lisboa, diretor comercial, residente na Parede, o qual, segundo o texto do despacho de pronúncia, em 30 de Setembro do ano findo, teria inculcado Domingos Catarina Guerra de proceder à distribuição, em Cascais, de um panfleto intitulado «5 de Outubro — mais um passo na luta contra o fascismo».

Entretanto, Domingos Guerra foi detido pela P. S. P. da aquela localidade, no Largo de Estação, afirmando-se no processo que, nessa altura, havia já entregue cerca de 300 exemplares às pessoas que ali circulavam.

O despacho de pronúncia transcreve integralmente o texto dos panfletos, um dos

quais se encontra junto ao processo. Figuram quatro testemunhas de acusação e outras tantas de defesa. É patroa do inermidade o dr. Assis Almeida.

Se o pleito for apreciado, como se espera, é possível que o acórdão seja lido ao princípio da noite.

Dois automobilistas condenados na Boa Hora

No 8.º Juízo Criminal da Boa Hora, em audiência colectiva a que presidiu o sr. corregedor Serafim das Neves, prestaram contas à justiça os srs. António Bernardo Sequeira, de 40 anos, casado, de Moscaide e António Duar-

te, de 33 anos, casado, de Sacavém, ambos empregados de comércio inermemente como presumíveis responsáveis de um acidente de viação mortal.

A família da vítima moveu uma acção cível, em conjunto com o processo penal, contra os réus e contra as companhias de seguro, pedindo uma indemnização de 181 875\$00 por todos os danos causados.

O acórdão afirma que a vítima foi a principal causadora do acidente, contribuindo com dois terços de responsabilidade. Quanto aos automobilistas, por não haverem usado as devidas cautelas no sentido de procurarem evitar o acidente, a sua responsabi-

lidade foi graduada em cerca de um terço. Assim, foram condenados cada um em 80 dias de prisão correcional, substituídos por igual tempo de multa a 20\$00 por dia, e mais um mês e razão da mesma taxa, ficando ainda inibidos de conduzir durante quinze dias. Quanto à parte cível, o tribunal arbitrou aos réus e companhias de seguro uma indemnização de 81 500\$00, acrescidos das verbas do n.º 2 do artigo 182.º do Código das Custas Judiciais a favor do assistente. Além disso, cada um pagará 900\$00 de imposto de justiça, e mais 400\$00 de procuradoria a favor do Socorro Social do Ministério da Justiça.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 1.ª página)

ravilha, por de simples encontro com uma realidade, que se deseja denunciada pelo humor. Chamar-se humor é espada que, a rir, se crava no coração.

Mas, Camilo, abusa do gargarejo, da repetição gaguejada e exaustiva (acreditem!, vamos todos ficar cheios de tiques, de «sinclaramento» de «isto é mesmo assim», de «é claro», de discurso tosco, incompleto, mastigado entre dentes); mas Aníbal Nazaré abusa da piada fácil, e da anedota velha: E humor que não seja isso é já das de trapo: arde no meio da praça, desaparece sem deixar rasto. Nem saudade.

Uma completa ausência de comunicação ao nível do humano da simpatia pessoal (esse trunfo de Soldado) faz que o reaparecimento de Camilo de Oliveira na Televisão, ao fim de tantos anos de ausência, possa vir a tornar-se contraproducente. O capital de popularidade, ganho por ele na Televisão, corre o perigo de se perder também na Televisão. Os tempos são outros, patrão. O público tornou-se mais exigente, tem mais olhos na cara. E quando os textos não ajudam (pela que, nem dentro da sua condição revistória podem levar as situações às máximas consequências) o passaporte para o fracasso está comatado. Pode-se ainda talvez agradecer a uma luz de telespectadores, em um mínimo de inteligência e de vigilância sobre eles próprios? Será o maior fracasso, esse.

CADEIRA DE DENTISTA

(SEM CONTAR COM A BROCA)

Um homem esteve muito tempo em cena: Filipe Costa. Visivelmente nervoso, deslocado dos temas e do ambiente de «Canal 13», procurou rema: contra a maré, dar um pouco de confiança aos outros e de ordem no espectáculo. Foi arrastado por ele. A sua interven-

ção na entrevista com o apanhador da raposa, terá sido uma das razões do estorço. Conversar não é o mesmo que fazer perguntas. Conversar, em Televisão, é algo distante de arrancar dentes. O processo da cadeira de dentista pode resultar, ou pode atenuar-se, nos Casos da semana; ali as pessoas levam, em geral, as respostas engatilhadas e não desejam senão umas perguntinhas onde possam encaixá-las. Ali pode empregar-se o método do laço para apanhar raposas. Mas a vida não se apanha a laço da Ponte da Barca, apanha-se de maneira mais subtil que vai até ao ponto de não dar a perceber que pretende apanhá-la. O mal de Filipe Costa é denunciar demasiado o seu jogo. Seu laço — está muito a vista — e a vida não cai nele. A vida é mais esperta que cem raposas... Não. Aquele não é programa para um homem como Filipe Costa. Se, é evidente, Filipe Costa não quiser ser o homem daquele programa.

Quanto a Raul Durão, o salto terá sido demasiado brusco: passar da locução esporádica e em off para as luzes da ribalta exige pulso e duração que ainda parece não ter. Infelizmente os seus processos não completam os de Luís Filipe Costa. Pelo contrário: seguem-se as pisadas com o senão da inapetência. Aumenta assim o risco da monotonia, que já ontem foi mais do que mera possibilidade. Foi uma apavorante realidade.

Quanto ao realizador Luís Andrade, o desastre foi evidente. Pode dizer que o material não lhe dava motivos para grandes voos, mas também é certo que Luís Andrade jogou quase sempre, na defensiva, praticamente com uma câmara só em ponta de lança (e essa nem sempre bem aproveitada). Assim, com uma breve excepção para o Trio Harmonia, não conseguiu destruir o palco como realidade exterior à Televisão: o palco do ABC esteve sempre em jogo, o que enfraqueceu a verdadeira televisão do programa.

Rectificar posições e métodos? Sem dúvida. As suas dores de cabeça não fizeram senão começar. Tanto mais que, na sua experiência e na ciência de Luís Filipe Costa, assenta a única esperança do telespectador. Resta saber se conseguirão sobreviver nas areias movediças.

MÁRIO CASTRIM

FUNDOS DO ESTADO	Efe.	Compra	Venda	Ultramarinas	Efe.	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4% ...	—	—	485\$	Ag. S. Tomé e Príncipe...	—	195\$	—
Consolidado 3% ...	—	—	485\$	Boror ...	—	120\$	—
Consolidado 3 1/2% ...	—	—	604\$	Buzi ...	71\$	70\$	71\$
Consolidado 4% ...	—	—	1.400\$	Cabinda ...	—	2.080\$	—
Consolidado 5% ...	—	—	1.000\$	D. Amante Angola ...	2.070\$	2.050\$	2.080\$
Ext. 1.ª Série ...	590\$	590\$	595\$	H. & Revus ...	—	620\$	—
Ext. 2.ª Série ...	—	—	—	Ilha do Príncipe ...	—	500\$	650\$
Ext. 3.ª Série ...	—	—	—	Moçambique ...	—	410\$	—
Ext. 4.ª Série ...	—	—	—	Sonete ...	419\$	419\$	420\$
Ext. 5.ª Série ...	—	—	—	Zambézia ...	68\$	67\$	68\$
OBRIGAÇÕES				Diversas			
Agua. Lisboa 5% ...	890\$	885\$	—	Cidm ...	6.800\$	6.780\$	—
A. P. 1.ª Série 5% ...	—	890\$	—	Cim ...	—	4.500\$	4.600\$
A. P. 2.ª Série 5% ...	—	—	—	Cim Teo ...	—	—	—
C. P. 1.ª Série 5% ...	—	—	930\$	Col. Navegação ...	1.520\$	1.510\$	1.530\$
C. P. 2.ª Série 5% ...	—	—	930\$	C. U. F. ...	—	1.350\$	1.400\$
C. U. F. 6% ...	920\$	925\$	935\$	Ind. Alentejo ...	—	—	—
C. U. F. 6% ...	930\$	925\$	935\$	Nac. Navegação ...	—	3.750\$	3.900\$
Gás Elect. 4% ...	—	850\$	855\$	Petroquímica ...	1.180\$	1.180\$	1.200\$
Gás Elect. 4% ...	850\$	845\$	855\$	Port. e Colónias ...	—	1.000\$	1.020\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Port. Celulose ...	—	—	3.950\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Port. Pesca ...	—	1.200\$	1.220\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	955\$	Port. Tabacos ...	605\$	602\$	605\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Sacar ...	3.810\$	3.800\$	3.830\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Siderurgia Nac. ...	2.450\$	2.445\$	2.450\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	—	Societ. ...	3.300\$	3.280\$	3.290\$
Gás Elect. 5% ...	—	—	820\$	Tabacos de Portugal ...	—	1.420\$	—
H. E. Alentejo 5% ...	—	770\$	—	Tabacaria ...	6.150\$	6.120\$	6.190\$
H. E. Cávado 5% ...	—	940\$	980\$	U. F. Azote ...	635\$	630\$	640\$
H. E. Cávado 6% ...	—	770\$	775\$				
H. E. Douro 5% ...	—	770\$	—	Agua. Elect. e Gás,			
H. E. Douro 6% ...	—	770\$	—	Agua. Lisboa p. ...	—	390\$	—
H. E. Estreito 5% ...	—	930\$	—	Agua. Lisboa 34 ...	—	390\$	—
H. E. Estreito 6% ...	—	770\$	—	Agua. Lisboa 36 ...	—	390\$	—
H. E. Zêzere 5% ...	—	770\$	—	C. P. Electricidade ...	1.192\$	1.191\$	1.198\$
H. E. Zêzere 5% ...	—	770\$	—	C. P. Electricidade n. ...	1.185\$	1.185\$	1.186\$
Lisboa 6% ...	950\$	930\$	955\$	C. P. Electricidade 969 ...	—	—	—
Metroport 4% ...	—	880\$	—	Elect. Beiras ...	1.615\$	1.615\$	1.620\$
Metroport 5% ...	680\$	670\$	690\$	Gás Elect. ...	380\$	379\$	380\$
Nac. Elect. 5% ...	—	760\$	—	H. E. Alto Alentejo ...	1835\$	183\$	184\$
Nitratos 5% ...	—	760\$	—	H. E. Norte Portugal ...	223\$	223\$	224\$
Nitratos 5% ...	—	850\$	870\$	H. E. S. Estreito ...	—	—	—
Port. Celul. 5% ...	—	935\$	—	Nac. Electricidade ...	—	—	—
Sacar 5% ...	—	825\$	—	U. E. P. ...	—	195\$	196\$
Siderurgia 5% ...	830\$	825\$	—				
Siderurgia 5% ...	—	715\$	—	FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Siderurgia 5% ...	—	715\$	—	F. I. D. E. S. ...	—	201\$	207\$
Siderurgia 5% ...	—	715\$	—	F. I. D. E. S. ...	—	126\$	130\$
Sonete 5% ...	—	800\$	—				
Sonete 5% ...	—	900\$	—				
U. E. P. 4% ...	—	—	—				
U. E. P. 4% ...	—	—	89\$				
U. E. P. 4% ...	—	91\$	—				
U. E. P. 5% ...	715\$	715\$	72\$				
U. E. P. 5% ...	—	—	750\$				
U. E. P. 5% ...	—	880\$	—				

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7
Telex ALMEIRO — Telex 47 ALAPI P

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTACÃO DAS ACCOES (Base Dez. 65 100)

	11/5/71	17/5/71	18/5/71
GERAL	151,5	151,4	151,8
METROPOL.	148,5	148,1	148,0
ULTRAM.	173,6	175,6	179,9

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35\$50	38\$00
Alemanha — Marco	7\$85	8\$20
América:		
— Dólares de 2 ...	27\$80	28\$30
— de 5 a 20 ...	28\$0	28\$60
— de 50 a 100 ...	28\$20	28\$70
Argentina — Peso Novo	4\$80	6\$30
Austria — Schilling	1\$1	1\$1
Bélgica — Franco	5\$6	5\$6
Brasil — Cruzeiro	4\$30	5\$60
Canadá — Dólar	27\$80	28\$30
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$00
Espanha — Peseta	540,5	542
Frância — Franco	5\$00	5\$30
Holanda — Florim	7\$85	8\$20
Inglaterra — Libra	68\$00	10\$00
Itália — Lira	504,4	504,7
Marracos — Dirham	—	5\$60
Noruega — Coroa	3\$85	4\$15
Suécia — Coroa	5\$35	5\$85
Suísça — Franco	6\$85	7\$10
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	300\$00	320\$00
Inglaterra — 7/2 Libra	300\$00	320\$00
Ouro fino — Barra	37\$50	39\$50

J. BURNAY, L.ª Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 Notas estrangeiras
Tel. 231278

MATERIAL ELÉCTRICO PARA CARROS FRANCÊSES

SEV

REPRESENTANTE
GARAGEM CENTRAL, L.ª
Anunciada, 17 — LISBOA
AGENTES NO PORTO
Auro Porto, 18a — Europa Acessórios

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

NOVO HORÁRIO

Comunicamos a C. P. que com início no próximo dia 23 de Maio, são alteradas as horas de partida dos comboios n.º 1003 — «Sud. Express» e 1005 — «Rápido da Beira», que passarão a partir de Santa Apolónia às 14.30 h e 10 h respectivamente.

Presentemente estas comboios saem às 14.45 h e 9.30 h.

ALTA RODA

DECORADOR — MÓVEIS
MAPLES DE QUALIDADE
Av. Visconde Valmor, 15-A
Telef.: 76 57 47 — LISBOA

CARTAZ DOS CINEMAS



SÃO LUÍS
(Adultos) Tel. 327172
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.15 e 21.30
Dois jovens lutando contra as exigências de uma sociedade
Michael Sarrazin e Barbara Hershey em
EM BUSCA DA FELICIDADE
(The Pursuit of Happiness)
Um filme de Robert Mulligan
Colorido

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
Color
Um missão arriscada de que poderiam voltar... ou NÃO!
RICHARD MARRISON em
36 HORAS NO INFERNO

BERNA
(Adultos) Tel. 77
4.ª SEMANA DE ÊXITO!
As 8.30 e 21.45
Claudie Berge e Peter Strauss no empolgante e inesquecível filme de Ralph Nelson, rodado nas pradarias do México
SOLDADO AZUL
(TRAGICA VITÓRIA)
Em Panavision e Technicolor
A Av. Monção da Terra

MUNDIAL
(M. 17 anos) Tel. 538743
As 18.30 e 21.45 h
3.ª SEMANA DE ÊXITO!
Charles Bronson e Telly Savalas
viverem uma extraordinária e emocionante aventura em
CIDADE VIOLENTA
Um primoroso filme colorido de Sergio Sollima
Metro: Estação Picoas

AVIS
(M. 17 anos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
5.ª SEMANA
A. Girardot — Mireille Darc e B. Blier
numa divertida história de humor quase negro!
ELA NÃO BEBE, NÃO FUMA, MAS...
EASTMANCOLOR

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45133
As 21 horas
O JOGO DO CRIME
MULHERES E... RECRUTAS

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
Ingmar Bergman!
PAIXÃO
Max Von Sydow — Liv Ullmann — Bibi Andersson

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134/5
As 15.15 e 21.30
Frank Sinatra em
QUE BELO PATIFE!
(Dirty Dique Magee)
com George Kennedy e Anne Jackson
Metrocolor

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
2.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima do cinema sueco
A ILHA
Um filme de Alf Sjöberg com Bibi Andersson

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15 e 21 h
4.ª SEMANA
Peter O'Toole — Omar Sharif
LAWRENCE DA ARÁBIA
No ecrã gigante de 70 mm
ATENÇÃO: O filme começa a ser exibido às 15.15 e 21.15 h.

SATELITE
(Adultos) Tel. 562832
13.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Sautou
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45
Color
Uma missão arriscada de que poderiam voltar... ou NÃO!
RICHARD MARRISON em
36 HORAS NO INFERNO

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320917
As 21 horas
QUERIDO JOEY
MERGULHO NO PASSADO

VOX
(Adultos) Tel. 20000
As 18.30 e 21.45
5.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
Um filme onde a crítica a análise, o quotidiano e a malandrerie andam soltas e de que maneira
UM MARIDO INFIEL
Atrevida comédia colorida com Jean Vanné e Françoise Fabian
(Junto a A. d. R. M. a.)

ODEON
(Adultos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
EM ÚLTIMAS EXIBIÇÕES:
O ÊXITO DE MAIS VIVA SENSACÃO DO ANO
AMORES PROIBIDOS
(Los Jovens Amantes)
Amavam-se tanto que ambos esqueceram a vergonha da paixão que uniu as suas almas enamoradas
Eastmancolor

CONDES
(Adultos) Tel. 322523-326710
As 14.15, 18 e 21.45
13.ª SEMANA
Um filme de David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum, Trevor Howard, John Mills e Sarah Miles

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 261621
As 17 e às 21.30 h
A BORBOLETA VERMELHA
com Peter Sellers, Leigh Young Taylor, Jo Van Fleet

ROYAL
(Adultos) Tel. 805837
As 21 horas
A MÃO OS AMBICIOSOS

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
BEIJA-ME IDIOTA
O REGRESSO DOS 7 MAGNÍFICOS

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
LIOLA
com Ugo Tognazzi Anouk Amé

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
Um novo grande comico francês
PIERRE RICHARD
numa comédia sensacional
O DISTRAÍDO

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 426305
As 15.15 e 18.15 e às 21.30
HOJE E AMANHÃ: ÚLTIMAS DO EXTRAORDINÁRIO ÊXITO
COM MONTGOMERY WOOD:
A VIOLENCIA DE UM FURACÃO EM ANTES MORTO QUE VIVO
Eastmancolor

ROMA
(Adultos) Tel. 78778
As 15.30 e 21.45
Franco Negro e Florinda Bolkan em
DETECTIVE PARTICULAR
Um filme da mais forte tensão dramática!
EASTMANCOLOR

ESTÚDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45
«O melhor filme estrangeiro apresentado na América em 1970»
O MENINO SELVAGEM
Uma obra-prima de cinema Realizada e interpretada por François Truffaut

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
No esplendor inigualável dos 70 mm e em 4.ª SEMANA
O VALE PERDIDO
c/ Omar, Sharif, Michael Caine, e Florinda Bolkan
Colorido

LUMIAR
(Adultos) Tel. 79593
As 21 h.
A AMANTE DO PERSEGUIDO QUARTO PARA DOIS

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
As 21.30 h.
Um filme de emoção e violência!
OS 6 INVENCÍVEIS
com Elke Sommer e Curt Jurgens

outros espectáculos

• LISBOA

TEATROS

CAPITÓLIO — As 21 e 45: «A Querida Mãe» (17 anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45: «A Cozinha» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — As 22: «O Fim» (17 anos).
VARIEDADES — As 20 e 45 e às 23: «Quarenta quilates» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23 h: «Cala-te boca» (17 anos).
TEATRO ACADEMIA — As 21 e 45: «O Santo e o Porco» (12 anos).
MARIA MATOS — As 21 e 45: «Jogos de Sociedade» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — As 21: «Taurus, filho de Attila» (12 anos).
CINEARTE — As 21: «Carra a cara» (12 anos).
JARDIM-CINEMA — As 21: «Amar selvagem» (17 anos).
PARIS — As 21: «Juventude inquietada» (17 anos).
ARCO IRIS — As 21: «Missão na União Soviética» (12 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «O espadachim da Copa Negra» (12 anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «Os 11 do Oceano» (17 anos).
IDEAL — As 21 e 15: «Cerimónia Secreta» (17 anos).

• Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21

• PORTO

TEATROS

RIVOLI — As 21 e 45: «O Duelo» (17 anos).
COLISEU — As 21 e 45: «Fragas na grelha» (17 anos).
CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «O da lenda do amor» (17 anos).
TRINDADE — As 21 e 30: «Contestação geral» (17 anos).
OLIMPIA — As 21 e 30: «Matar ou não matar?» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «A Confissão» (12 anos).
ESTÚDIO — As 2 e 30: «Quem?» (17 anos).
CARLOS ALBERTO — As 21: «Carrinhos inimigos» e «Não me mandem flores» (12 anos).
AGUIA DE OURO — As 2 e 30: «Jamaica» (17 anos).
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Um trem para Durango» (17 anos).
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «O vecinde de Haragelom» (17 anos).
NUN'ALVARES — As 21 e 30: «A morte vem a cavalo» (17 anos).
ODEON — As 21 e 30: «Os Sete Magníficos» (12 anos).
CINE-GAIA — As 21 e 30: «O Vale das Bonecas» (17 anos).

• COIMBRA

GIL VICENTE — As 21 e 30: «A Promessa» (17 anos).
AVENIDA — As 21 e 30: «Um amor para Carolina» (17 anos).
TIVOLI — As 21 e 30: «Missão cravadora humana» (17 anos).

farmácias de serviço

• LISBOA

AJUDA — Lopes, Rua do Cruzeiro, 117 (Telefone 633288) * Boa Hora, Rua dos Quarteis 25 (Telefone 637777)
ALFAMA — Arnall, R. das Escolas Gerais, 88-A (Tel. 863940)
ALTO DO PINA — Zia, R. Rua Morais Soares, 56-C (Tel. 847708)
ALTO DE S. JOÃO — Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (Av. Afonso III) (Tel. 843439)
ALVALADE — Alvalade, Avenida da Igreja, 18-A (Tel. 712070) * Neoterapia, Campo Grande, 138 (Tel. 774682) * Paula, R. Reinado Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (T. 710131) * Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Telefone 710465) * Ideal, Av. Gago Coutinho, 49-A (Telefone 712803) * Odeia, Avenida João XXI, 13-A (Tel. 726848)
ANJOS — S. José, Rua dos Anjos, 41-A (Telefone 50730)
AREIRO — Vera Cruz, Praça Afonso Peixoto, 2-B (Tel. 724991)
ARRIOLOS — Oriental de Lisboa, R. de Arroios, 215 (Tel. 45079)
AVENIDAS NOVAS — Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (T. 40592)

* Miranda, Campo Pequeno, 36-B (Tel. 770776) * Cardoia, Avenida Duque de Avila, 32-C (à esquina da Avenida da República) (Tel. 43495) * Universal, Rua Actor Taborda, 7 (Telefone 44158)
BAIRRO ACTORES — Nobel, Rua Actor Vale, 53 (4.ª Fonte Monumental) (T. 842152)
BAIRRO AMÉRICA — Martins, Rua Fernão Magalhães, 33 (Tel. 849448)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, Rua Forno do Tolo, 40 (Tel. 841122)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172)
BAIXA — Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 88 (Tel. 321211) * Unifra, Rua da Vitória, 2 (Tel. 323793)
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 702532) * Sousa, Estrada de Benfica 429 (T. 780027)
CAMPOLIDE — Central, Rua General Taborda, 17 (Tel. 680304)
CAMPO PEQUENO — Miranda, Campo Pequeno 36-B (Av. Sacadura Cabral) (Tel. 770776)
CAMPO DE OURIQUE — Ivans, Rua Silva Carvalho, 232-C (Tel. 650760) *

Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59 (Tel. 668349)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel. 780181) * Benfica, Estrada de Benfica 678 (Tel. 702532)
CONDE REDONDO — Sutor, Rua Conde Redondo, 9-A (a Gomes Freire) (Tel. 533411)
ESTRELA — Palves & Parente, Rua de Santo António, 96 (Tel. 665196)
LAPA — Silva, Rua S. João da Mata, 74 (Telefone 661010)
LUMIAR — Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942) * S. Tomé, Estrada do Desvio, lote 12-C (Telefone 790704)
MARVILA — Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612)
OLIVAIS — S. Paulo, Rua 2, lote 823 (Olivais Sul) (Tel. 310711) * Hilgense, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (Tel. 310026)
PICHELEIRA — Marlux, Caçada do Picheleira, 140-B (T. 720703-728395)
POÇO DO BISPO — Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 381612)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728)

RESTELO — Ocidental, Rua Jerónimo Osório, 18-D (Tel. 610256) * Tanera, Rua Rodrigues Reis, 3-A (Tel. 61184)
SANTO AMAR — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel. 637020)
S. BENTO — S. Bento, Rua dos Poiais de S. Bento, 73 (Tel. 679673)
S. MAMEDE — S. Mamede, Rua da Escola Politécnica, 82-B (Tel. 660280)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Sagres, Avenida Luís Bivar, 69 (Telefone 4723)
SOCORRO — Tavares, R. da Palma, 194 (Telefone 863350)
XABREGAS — Romana, Rua B 7 (Av. Rua Marquês de Olhão) (Tel. 383800)
• Linha de Cascais
ALGÉS — Combatentes — Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)
CAXIAS — Neve — R. Bernardino Ribeiro 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 85 (Tel. 2432084)
OLIVEIRA — Olives — L. Henrique Pativa Couceiro (Tel. 2430455)
FAREJE — Macau — R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)
S. PEDRO DE ESTORIL — S. Pedro — (Tel. 263052).

ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (T. 261861)
MONTE ESTORIL — Lopes — R. Hangar, 3 — Tel. 260008
CASCAIS — Misericórdia — R. do Regimento 19, 41 (Tel. 280141) * Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Coixas (Tel. 282407)
• Linha de Sintra
AMADORA — Dias — Av. Marques de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589) * Campos — R. Elias Garcia, 185 (tel. 930072) * Clotel — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938551)
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, Lote D (Telefone 971023)
QUELUZ — Zeller, Rua da República, 83 (Telefone 950045) * Corneio, L. do Mercado, 3 (Tel. 950905)
CACIM — Geres — Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181)
MEM MARTINS — Quilme — Estrada Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim — (Tel. 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155)
COLARES — Colares — Abreia (Tel. 299088)
• Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro

— L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 294100)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Roca, 8 (Tel. 224250)
ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Telefone 270504)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Telefone 224141)
BARREIRO — Pimenta — R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (Telefone 2273012)
CEVA DA PRADEA — Alentejo, Quinta do Pombo, 1 (Tel. 274365)
MOITA — União Melitense — Av. Dr. Teófilo Spago (Tel. 239025)
MONTIJO — Montepio — Av. Almirante Reis, 98 (Tel. 230035)
BESIMBRA — Lopes, R. Conde dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETUBAL — Marques — R. Arronches Junqueira (T. 22783) * Bonfim — Av. Rodrigues Marinho, 18 (Tel. 24558)
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja, 51 (Tel. 2218980)
• PORTO
Antero de Quental, Rua

Antero de Quental, 520 (Tel. 45048) * Azevedo, Rua do Meiro, 503 (Telefone 52344) * Constituição, Rua da Constituição, 93 (Telefone 49083) * Correio de Araújo, Rua de Santa Catarina, 259 (Tel. 25644) * Cruz, Rua Costa Cabral, 082 (Tel. 40041) * Guarani, Rua Pedro Hispano, 367 (Tel. 62250) * Merculiano, Rua Alexandre Merculiano, 384 (Telefone 27943) * Liga Ass. Soc. Mútuos, Rua do Bonfim, 286 (Tel. 21711) * Magalhães, Rua de Serpa, 566 (Tel. 63561) * Nova do Monsanto, Rua de Monsanto, 48 (Telefone 490889) * Ribeiro Júnior, Sucr., Rua da Firmeza, 99-A (Tel. 23849) * Sampaio, Rua de Cedofeita, 636 (Tel. 21782) * Samil, Rua do Paraíso, 214 (Tel. 23995) * Vitória, P. da Liberdade, 34-37 (Tel. 24133) * Gondarém, Rua de Gondarém, 360 (Fax)
• COIMBRA
Silva Soares — Rua Mouzinho de Albuquerque (tel. 26554) * Vilaga — Rua Ferreira Borges, (T. 22043) * Cruz e Costa — Rua António de Vasconcelos (tel. 22715).

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA, Telex 1363
Lisboa — Portugal



O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal, continuação do céu nublado; o vento era fraco e chuvoso ou calmo e aguaceiros em vários locais.

TEMPERATURAS EX TREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE
ATE AS 9 HORAS DE HOJE
— Máxima: Régua, 19,5; Lisboa, 14; Faro, 16 e Funchal, 16.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 13; Penhas Douradas, 5; Coimbra, 14; Portalegre, 0; Lisboa, 14; Faro, 16 e Funchal, 16.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — No Alentejo: 16; na água do mar: 14,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco; períodos de chuva ou aguaceiros; possibilidade de trovoadas.

Amãhã
Nascer às 6 e 22
Ocaso às 20 e 45

DIAS 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31

MARÉS:
PREIA-MAR: Hoje — 10 e 42 (3,3 m); 23 e 05: (3,5 m).
Dia 19 — 11 e 58 (3,4 m).
Dia 20 — 0 e 28 (3,7 m); 12 e 59 (3,6 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 3 e 53 (1,4 m); 6 e 16 (1,6 m).
Dia 19 — 5 e 07: (1,3 m); 17 e 33: (1,5 m). Dia 20 — 6 e 11 (1,2 m); 18 e 38 (1,3 m).

UM MENINO SALVOU OUTRO QUE SE AFOGAVA

OLHAO, 18 — Na ilha da Culatra, fronteira a esta vila, o pequeno Luís Manuel Martins dos Santos, de 7 anos, filho de Arminho dos Santos Montegordo e de Odete dos Santos Martins, residentes naquela ilha, salvou ontem de morrer afogado outro menino, Paulo José dos Santos Pereira, de 2 anos, filho de José Veríssimo Pereira e de Maria Augusta dos Santos Pereira.

Verificando que o Paulo se encontrava em situação afilada, o Luís Manuel lançou-se ao mar e corajosamente arrastou-o para terra. Transportado ao hospital de Olhão, o pequenito foi aqui tratado e encontra-se livre de perigo.

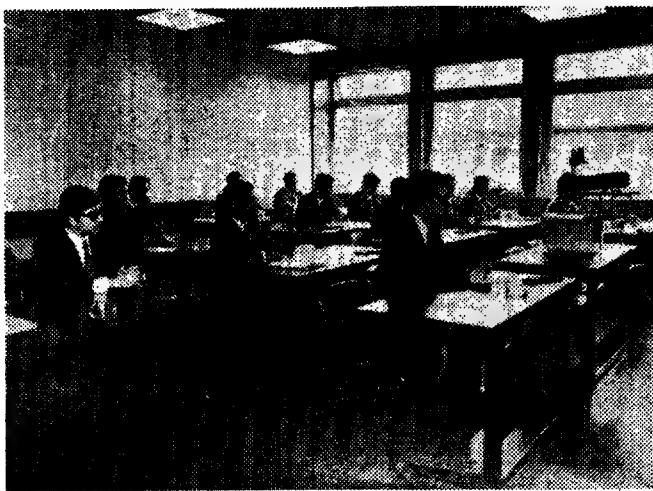
HILÁRIO EXPÕE EM MADRID

Está patente ao público, em três salões do Museo Español de Arte Contemporáneo em Madrid, uma exposição individual de Hilário (Teixeira Lopes) de pintura e desenho.

Este artista, prémio «Sousa Cardoso» de 1965, participa igualmente, a convite, este mês, na III Bienal Internacional del Deporte en las Bellas Artes, em Barcelona, com três desenhos (o máximo consentido).

A Hilário foi atribuído o primeiro prémio de pintura na mesma Bienal, quando realizada em Madrid em 1969, com a participação de 81 países, num total de 416 artistas.

Também a convite, está presente em desenho no X Prémio Internacional Dibuix Joan Miro — Barcelona.



Os participantes no Curso de Formação de Novos Funcionários, valiosa iniciativa promocional do Banco Borges & Irmão em relação ao seu pessoal

NOVOS FUNCIONÁRIOS DO BANCO BORGES & IRMÃO FREQUENTAM UM CURSO DE PREPARAÇÃO

PORTO, 17 — Na sede do Banco Borges & Irmão, nesta cidade, iniciou-se hoje um curso de formação destinado a preparar os novos funcionários. O monitor encarregado do curso é o sr. Julio da Fonseca Lopes Gomes, que terá a colaboração dos srs. dr. Carlos Gomes, consultor técnico do Banco Borges & Irmão, dr. António J. Faria de Barros, director dos Serviços de Pessoal, e Luís Martinez, dos Serviços de Informática.

O curso, que tem a duração de um mês e decorrerá dentro do horário normal de trabalho, tratará das seguintes matérias: funções e organização bancária; política de pessoal; contrato colectivo de trabalho; noções de operações bancárias; moeda e crédito; e noções de informática.

Deste modo, a partir de agora, a exemplo do que tem vindo a ser feito pelos maiores bancos estrangeiros, o Banco Borges & Irmão promoverá sistematicamente cursos em que os novos funcionários adquiram noções teóricas e práticas indispensáveis ao exercício das suas funções, tanto no plano das informações gerais sobre a actividade bancária e das operações que no seu âmbito se processam, como no das respeitantes ao funcionamento e utilização dos dados fornecidos pelos modernos meios técnicos de que aquele estabelecimento bancário dispõe.

A iniciativa permitirá, pois, que os funcionários desde o começo da sua actividade adquiram algumas noções importantes não apenas para um mais eficiente desempenho das suas funções específicas como igualmente para uma compreensão da maneira como elas se integram no conjunto das actividades bancárias. A complexidade crescente que estas têm vindo a assumir no nosso País, em grande parte devido ao apoio crescente prestado à vida económica nacional, aconselha, com efeito, que se preste cada vez maior atenção à formação do pessoal bancário, em ordem a dar-lhe a conveniente preparação

O MINISTRO DA EDUCAÇÃO DISTINGUIU OS HOQUISTAS

A equipa portuguesa de hóquei em patins, recente vencedora do Campeonato Europeu da modalidade, foi hoje recebida pelo titular da pasta

da Educação Nacional. Acompanhavam-na os dirigentes federativos, encontrando-se também presentes os dois subsecretários do Ministério, o respectivo secretário-geral, o director-geral dos Desportos e outros dirigentes.

O prof. Veiga Simão distinguiu com a medalha de mérito desportivo o seleccionador Armando Ribeiro e os jogadores eng.º Julio Rendeiro (capitão da equipa), Casimiro e António José.

Os restantes, bem como o treinador Torcato Ferreira, receberam a medalha de bons serviços desportivos.

VIII SEMANA DE ENGENHARIA CIVIL NO I. S. T.

No I. S. T. prosseguiram os trabalhos da VIII Semana de Engenharia Civil, iniciativa dos finalistas do curso de Engenharia daquela escola superior.

Nas sessões de hoje foram debatidos os temas: «Betão pré-esforçado» e «O engenheiro civil, a escola e a profissão». No colóquio para debate deste ultimo tema participaram os srs. profs. eng.ºs Manzanares Abecassis, Teixeira Trigo (L. N. E. C.), Ulpio do Nascimento (L. N. E. C.), Monteiro de Barros (I. C. E. S. A.), Armando Lencastre (Hidroprojecto), Marques Maia (E. N. P. E. C.) e Saragoça (C. O. M. E. V. E.).

JORNADAS LUSO-BRASILEIRAS DE CIRURGIA PEDIÁTRICA

Por iniciativa da Sociedade Brasileira de Cirurgia Pediátrica e Sociedade Portuguesa de Pediatria vão realizar-se em Lisboa, de 9 a 11 de Agosto, as I Jornadas Luso-Brasileiras de Cirurgia Pediátrica.

A respectiva comissão científica é constituída pelos Drs. António Gentil Martins, que serve de coordenador, Eduardo Rosado Pinto e Luciano de Carvalho.

As inscrições podem ser feitas até 15 de Junho, na respectiva secretaria, à Rua D. Francisco Manuel de Melo, 1, 3.º-Dt., em Lisboa. As reuniões decorrerão no Hospital de D. Estefânia.

Empréstimo (50 mil contos) ao Município do Porto

PORTO, 18 — Na reunião da Câmara Municipal, que hoje decorreu, o presidente, sr. eng.º Nuno Vasconcelos Porto referiu-se ao II Colóquio Nacional de Municípios, em Lourenço Marques e no qual representou o Município portuense.

Entre as propostas apresentadas, salientam-se as da alteração da organização de serviços, proposta que vai ser apresentada ao Ministério do Interior; autorização do pedido dum empréstimo de 50 mil contos para os serviços municipais de gás e electricidade; condições de cedência de terrenos ao Boavista F.C.; e nomes para novas artérias urbanas, entre as quais a da Rua do Conde da Covilhã, recentemente desaparecida.

Conselho de Ministros

No Palácio de S. Bento, reuniu esta tarde o Conselho de Ministros. Presidiu o prof. Marcello Caetano.

SOCIEDADE ANÓNIMA CONCESSIONÁRIA DA REFINAÇÃO DE PETRÓLEOS EM PORTUGAL «SACOR», SARL

SEDE: RUA DAS FLORES, 7
LISBOA-2

TROCA DE TÍTULOS PROVISÓRIOS POR DEFINITIVOS

Avisam-se os Ex.ªs Accionistas que devem apresentar, a partir do próximo dia 20 (quinta-feira), na TESOURARIA desta Sociedade, Rua do Alecrim, 67, os títulos provisórios respeitantes às acções representativas do aumento de capital de 700 000 para 850 000 contos, a fim de serem trocados pelos títulos definitivos.

Chama-se a atenção dos possuidores de títulos provisórios ainda com o dividendo de 1969 por receber que devem proceder à sua cobrança, com a maior brevidade, dado que, pelos títulos definitivos respectivos, só poderão vir a cobrar dividendos a partir do exercício de 1970.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO

GRUPO DE BAILADOS PORTUGUESES

«VERDE-GAIO»

no TIVOLI

Dias 19 e 20 de Maio, às 18.30 horas

Espectáculo de temas nacionais

Colaboração de FERNANDA GUERRA, MARIA LUISA VIEGAS, CARLOS PAREDES e FERNANDO RIBEIRO

MAIORES DE 6 ANOS

COZINHA-VELHA

QUELUZ — TELEFONE 950232

Informamos os nossos Ex.ªs Clientes que amanhã, quarta-feira, dia 19, a nossa SALA COZINHA VELHA se encontra reservada para um BANQUETE, servindo-se os habituais Almoços, Chás e Jantares na SALA DE BANQUETES. NOS RESTANTES DIAS agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até às 19 horas.

A DIRECÇÃO

FÉRIAS

na

PRAIA

8 ou 15 dias em

Torremolinos

ou

Palma de Maiorca

desde 1780\$00

incluindo passagem de ida e volta e hotel em pensão completa

Encontrando-se quase esgotados as lotações das viagens de verão, a «Europa» recomenda aos interessados que reservem já os seus lugares.

viagens apolo



Europa

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

231. Av. da Liberdade. 235
Telef. 53 61 21

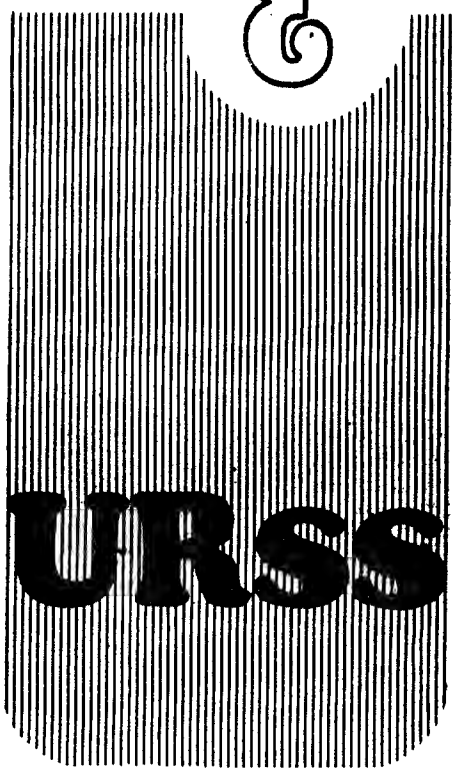
LISBOA-2

Exclusivo

A URSS DÁ PRIORIDADE À LUTA CONTRA A INFLAÇÃO

Por ALAIN JACOB

MOSCOVO



PRIORIDADE



INFLAÇÃO

O EXAME atento do projecto de directivas para o IX Plano (1970-1975) de Desenvolvimento Económico, recentemente publicado em Moscovo, dá a impressão, à primeira vista, de que os economistas soviéticos foram ainda um pouco mais discretos do que há cinco anos, quando se tratou do VIII Plano. Não se fornece, por exemplo, qualquer indicação, ao contrário do que aconteceu com o projecto de 1966, acerca do volume global dos investimentos e da sua divisão pelos diversos sectores da economia. É certo que a comparação teria sido, de qualquer modo, arriscada, se considerarmos as alterações verificadas entretanto em diversas categorias importantes de preços industriais.

A segunda observação que nos é dado fazer é que existe uma enorme diferença entre as palavras e os números citados. De um modo geral, a política de expansão da U. R. S. S. parece travada pela preocupação de evitar toda e qualquer tendência inflacionista, bem como todo e qualquer «sobreaquecimento» artificial da economia. A própria promessa de um «esforço considerável» no sector do consumo é consideravelmente atenuada por esta preocupação.

A prudência dos economistas soviéticos também já se havia revelado no sector dos rendimentos: os objectivos fixados a este respeito pelo IX Plano são todos inferiores aos crescimentos verificados no decurso do anterior quinquénio. A intenção neste domínio é, evidentemente, ajustar melhor o poder de compra distribuído às disponibilidades reais oferecidas ao consumo e travar, na medida do possível, os excessos perigosos para a estabilidade dos preços e da moeda, mesmo numa economia socialista.

A modéstia dos objectivos fixados para a produção é igualmente notável em numerosos casos. Se se calcularem as taxas de crescimento projectadas pelo VIII e pelo IX Planos na base dos números publicados no projecto de directivas ou por outras fontes estatísticas soviéticas, verifica-se, efectivamente, que as segundas são inferiores às primeiras. Assim acontece não só com os índices globais relativos ao conjunto da produção industrial, mas também com uma série de produtos tais como os hidrocarbonetos e o aço, com o sector dos serviços, com a construção de habitações e com os próprios artigos de consumo corrente, tais como os sapatos.

Muito embora a produção de aço aumente em todos os casos, o ritmo previsto é menos rápido de 1971 a 1975 do que de 1966 a 1970. Poder-se-iam citar inúmeros exemplos deste género, em que as diferenças são, por vezes, consideráveis. Assim, a produção de alumínio deve aumentar de 50/60 por cento e a do cobre de 35/40 por cento, em contraste com as taxas de 90/100 por cento e 60/70 por cento previstas no VIII Plano (1).

O caso da agricultura convém ser examinado mais pormenorizadamente. Depois do plenário da comissão central de Julho de 1970, os dirigentes soviéticos referem-se à sua intenção de levar a efeito um esforço excepcional no sector da agricultura. Determinados objectivos fixados pelo IX Plano reflectem esta intenção. É, com efeito, necessária uma certa ambição, tendo em consideração a inércia inerente à agricultura soviética, para projectar o crescimento, em cinco anos, da produção média de cereais de cerca de 17 por cento e da cereja de aproximadamente 22 por cento. Mesmo assim, parece que também estes objecti-

vos são modestos relativamente aos que foram fixados pelo VIII Plano: mais 30 por cento, por exemplo, para a produção de cereais.

Simultaneamente, em todo o caso, a assistência prometida à agricultura não é susceptível de ser comparada com o que fora previsto para o quinquénio precedente. A agricultura deve receber, por exemplo, menos tractores e ceifeiras-debulhadoras ao abrigo do XI Plano do que ao abrigo do VIII, e um número semelhante de caminhões. Um dos raros aspectos em que é verdadeiramente favorecida é a entrega de adubos minerais, que deve atingir 72 milhões de toneladas em 1975, em contraste com 46 milhões (números reais) em 1970.

CALCULAR COM EXACTIDÃO

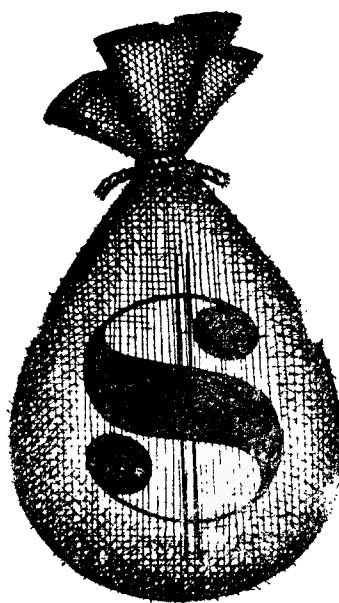
A impressão geral suscitada por estes diversos exemplos é que se pretendeu calcular com exactidão, com risco de deixar transparecer um afrouxamento da taxa de crescimento da economia nacional e provocar algumas perguntas acerca do modo como serão cumpridas as promessas feitas aos cidadãos-consumidores.

Todavia, convém chamar a atenção para diversos aspectos. A vontade política de favorecer o consumo não oferece quaisquer dúvidas. A este respeito a taxa de crescimento prevista para as indústrias ligeiras (grupo B) superior à da indústria pesada (grupo A) tem valor simbólico. Trata-se, por assim dizer, de uma garantia de intenção cujo interesse consiste em ser dada num sistema político onde, por doutrina, as indústrias de base deveriam gozar sistematicamente de prioridade.

Mas para satisfazer as necessidades do consumo, deste modo reconhecidas, recorre-se menos ao crescimento dos meios do que à procura de uma maior eficiência. Isto é dito e repetido no tocante aos métodos de gestão e à modernização das técnicas de produção. Em apoio destas afirmações anuncia-

MUDAR O PREÇO DO OURO

— GRANDE SOLUÇÃO PARA O DÓLAR



Paul Fabra analisa (na pág. central) o último livro de Jacques Rueff intitulado «O Pecado Monetário do Ocidente»

INFLAÇÃO

—se um aumento de 140% da produção de materiais de automação e de 160% da dos computadores electrónicos. A intenção parece também ser semelhante a níveis mais modestos como, por exemplo, na agricultura. Esta é convidada a produzir mais sem um aumento maciço dos seus meios, isto é, a utilizar melhor o material que tem ao seu dispor e a melhorar o seu rendimento, o que explica a generosa dotação relativamente aos fertilizantes.

É provável que esta preocupação de eficiência se faça acompanhar pela preocupação de uma melhor qualidade. Trata-se, em todo o caso, de um assunto que figura no projecto das directivas do Plano e que já fora desenvolvido em muitos editoriais. Admite-se, em suma, que talvez valha mais a pena fabricar,

por exemplo, um número um pouco menos considerável de sapatos, mas fazer com que os respectivos donos não molhem os pés — o que raramente acontece hoje em dia.

Esta dupla preocupação de eficiência e de qualidade — que, a bem dizer, não é totalmente inédita — tende a fazer passar a economia soviética a um tipo de crescimento mais intensivo do que extensivo, que corresponda melhor ao nível do seu desenvolvimento industrial, mas ainda muito mal, salvo nos sectores de ponta, aos usos e costumes da sua população.

A relativa modestia dos objectivos fixados pelo IX Plano pode ser, sem dúvida, explicada, em parte, por um realismo, um «gosto da verdade» até, que é ele próprio o fruto da experiência. Conforme é revelado pelos números re-

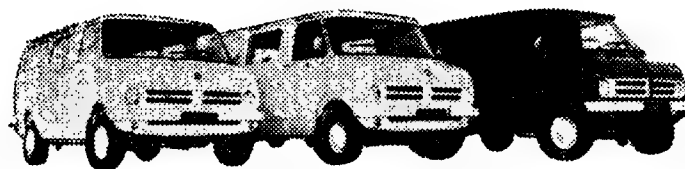
centemente publicados pela direcção das estatísticas, os resultados do VIII Plano não foram muito brilhantes. O facto tornou-se do domínio público, a partir do fim de 1969, e a atitude defensiva dos responsáveis da economia tinha dado origem ao severo relatório apresentado em 15 de Dezembro desse mesmo ano, perante a comissão central, pelo sr. Brejnev. O secretário-geral do Partido denunciara, sem dúvida, muitas insuficiências e negligências, mas foi, igualmente, possível verificar nesta ocasião que os objectivos do Plano, frequentemente fixados com base em informações falsas ou condescendentes, se revelavam, finalmente, irrealizáveis. É provável que se tenha pretendido evitar o mesmo erro no novo quinquénio, e que esta seja, também, uma das razões pelas quais os projectos do IX Plano fizeram inúmeras idas e voltas entre a base e o cimo do aparelho de planeamento soviético antes de serem definitivamente fixados.

Teria sido de desejar que este «gosto da verdade», se realmente existe, tivesse, igualmente, conduzido a uma informação menos elíptica acerca dos programas económicos e financeiros do país, bem como a uma frescologia mais sóbria do que a das directivas publicadas.

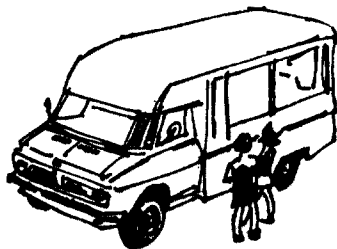
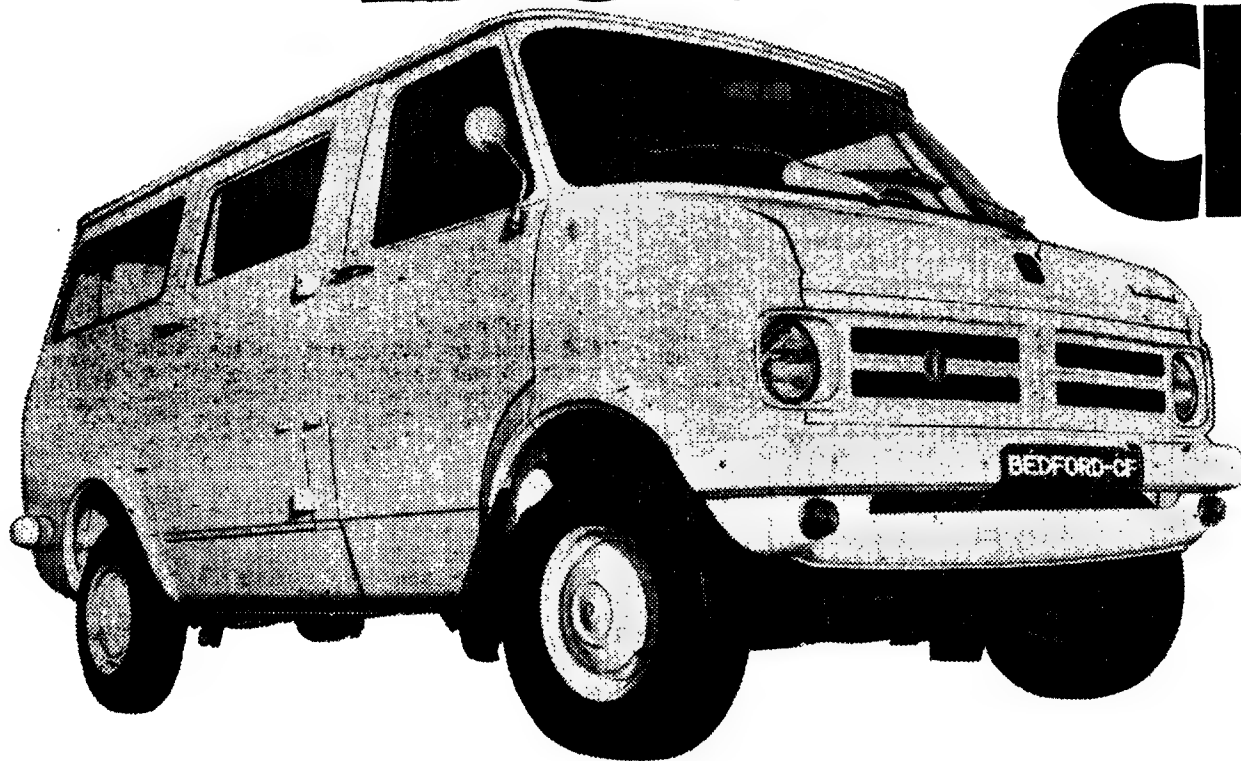
(1) O caso da indústria automóvel não é citado aqui, em virtude de ser afectado por circunstâncias particulares. Por um lado, a produção de 1970 ficou consideravelmente atrás das previsões do VIII Plano — 916 000 unidades, em lugar das 1 350 000/1 510 000 previstas; por outro lado, o novo e muito importante potencial industrial (em particular a fábrica Togliatti) começa agora a funcionar. O importante aumento da produção, anunciado pelo IX Plano, é, portanto, o resultado, em larga medida, de investimentos realizados, mas que permaneceram improdutivos, durante o VIII Plano.

ESPANHA

O carro dos sete ofícios



Bedford CF



Capaz de transportar as cargas mais diversas.
De se transformar em ambulância.
Capaz de se tornar num "gabinete de trabalho" ou em carrinha de passageiros.
Em suma: robusta e infatigável a Bedford CF faz tudo o que se lhe pede.

Disponível para entrega imediata.

Motor — Potência:
Gasolina 72 BHP
Gasóleo 52 BHP
Volume de Carga 5240 Litros
Pesos Brutos 2336 - 2500 Kg.
Peso disponível para Carga: de 1044 a 1192 Kg.

3 lugares na cabine (com aquecimento)

Dimensões Interiores:

Altura 1,36 m.
Comprimento 2,39 m.
Largura 1,66 m.

Travões: Circuito duplo com servo-freio;

Coluna de direcção anti-roubo;

Passageiros: até 9 (com carta de ligeiros);



BEDFORD CF

Um produto novo com a qualidade tradicional BEDFORD.



Um produto GENERAL MOTORS montado em PORTUGAL, com assistência técnica em todo o País.



NACIONALISMO CROATA E UNIDADE JUGOSLAVA

ZAGREB



Por DAN MORGAN

Um novo conselho estudantil, intimamente ligado ao movimento para os direitos croatas e para uma menor interferência por parte do Governo central de Belgrado, assumiu as suas funções na principal Universidade da capital.

A mudança, a que se referiram com desagrado alguns comentadores da Imprensa de Belgrado, veio acentuar as tensões entre sérvios e croatas e agravar a situação da federação multinacional da Jugoslávia.

Os resultados da eleição universitária foram recebidos com júbilo por muitos dos mais destacados dirigentes comunistas e governamentais croatas, apesar de ter provocado a substituição de um grupo estudantil dominado por comunistas por um grupo em que apenas quatro em 19 são membros do partido.

Esta situação aparentemente paradoxal, afirmam croatas bem informados, é uma consequência de acontecimentos políticos que estão actualmente a transformar a Jugoslávia.

Fundamentalmente, dizem as mesmas fontes, o apoio do partido local aos dirigentes estudantis recentemente eleitos sugere que as autoridades croatas estão dispostas a prescindir de alguma influência directa a fim de darem liberdade de movimentos na Universidade a determinadas forças que pretendem mais autonomia croata na federação jugoslava.

APELO AO CHAUVINISMO LOCAL

Durante 16 meses, os dirigentes croatas do partido têm-se manifestado publicamente a favor de um maior «controlo» local e completa igualdade — económica, política e cultural — para as seis Repúblicas da Jugoslávia, das quais a Croácia, com a sua capital em Zagreb, é a segunda pelo número dos habitantes.

Esta pretensão foi censurada por alguns sérvios, em Belgrado, como um

apelo ao chauvinismo local susceptível de suscitar tensões na federação multinacional jugoslava. Na Croácia, todavia, encontrou um apoio entusiástico por parte dos católicos não comunistas e intelectuais e grande popularidade para o que resta do partido dos dias eufóricos de Alexander Dubcek na Checoslováquia.

Nos edifícios de Zagreb, o nome de Miko Tripalo, o jovem funcionário do partido que tem ousado falar mais abertamente na campanha para os direitos croatas, encontra-se escrito com grafite.

Simultaneamente, as aspirações dos croatas foram reforçadas pela decisão do presidente Tito de alterar a constituição este ano, liberalizar ainda mais a economia e descentralizar a vida política.

Sem a decisão do presidente Tito de permitir a discussão do problema, durante muito tempo ignorado, das nacionalidades jugoslavas, e procurar soluções para as tensões que se verificam, dizem os croatas, a mudança na Universidade de Zagreb teria sido impossível. Um dos novos dirigentes estudantis comparou o presidente Tito a um «Papa» cujas ideias fundamentais eram contrariadas pelos seus colaboradores dominados pelos sérvios.

PAPEL DA UNIVERSIDADE

A anterior chefia estudantil foi expulsa pela força do pódio, durante o encontro decisivo da assembleia dos estudantes, realizada em 4 de Abril. Rádio Belgrado disse que a substituição foi saudada por aplausos delirantes.

O conselho estudantil expulso foi, posteriormente denunciado como possuidor de tendência centralistas — um eufemismo para demasiada lealdade a um Estado jugoslavo controlado do centro — e métodos estalinistas.

Os oradores disseram que o anterior conselho tinha impedido a Universidade, que desempenhou um importante papel no renascimento nacional croata

do século XIX, sob o domínio austriaco, de assumir uma posição central do movimento contemporâneo.

Numa entrevista, o novo presidente do conselho estudantil, Drazin Budis, declarou que a Croácia desejava preservar a unidade da Jugoslávia. Todavia, acrescentou que chegou a altura de dar à palavra nacionalidade a dignidade que deve ter.

Prosseguiu afirmando que o papel da Universidade não deve ser apenas o de promover a educação e a ciência, mas também estimular a cultura nacional, proporcionar um elo com a economia nacional croata e desenvolver o sentimento de unidade nacional.

Zvonimir Cicak, estudante católico não comunista de 24 anos, que foi eleito primeiro dirigente adjunto estudantil da Universidade, em Dezembro, descreveu os recentes acontecimentos universitários como uma revolta contra o genocídio, intencional ou não, praticado permanentemente contra a nação croata durante os últimos 50 anos...

Segundo ele, o genocídio consistia em suprimir a história nacional croata e na discriminação na selecção de polícias, oficiais do exército e diplomatas.

Siobdan Schneider, um dos estudantes expulsos em consequência da recente remodelação do Governo estudantil, disse: «Sou cem por cento croata. Mas os novos são duzentos por cento».

Prosseguiu condenando a expansão do sentimento croata e afirmando que o nacionalismo reforça as sensibilidades da classe média. Os burgueses mesquinhos precisam de ter o seu nacionalismo...

UM «TITOISTA» CATÓLICO

Inicialmente, o Partido Comunista croata parece ter tido ideias contraditórias sobre a crescente actividade política dos 40 000 estudantes e do corpo docente da Universidade de Zagreb.

O partido opôs-se à eleição de Cicak como dirigente adjunto, em Dezembro, facto que pode ter chamado a atenção para a sua candidatura. Todavia, Cicak, que usa barba e tem uma aparência ascética, está agora convencido de que as reservas do partido acerca do seu catolicismo não tinham fundamento.

Cicak descreveu-se como um «titoista» católico, tendo declarado, numa en-

trevista recente, que não era um clericalista «porque o meu catolicismo é apenas o meu ponto de vista privado sobre a vida. Não sou comunista e não o serei, mas vivo como comunista. Suporto o Partido Comunista porque este nos está a obter mais liberdade na Croácia».

Todavia, Cicak admite haver quem airme que ele é um covarde e não se mostra suficientemente radical na questão da nacionalidade. Quando tentou evitar a expulsão pela força do anterior conselho estudantil, foi assobiado. Diz-se, igualmente, que o partido tem dúvidas acerca de Cicak como dirigente adjunto.

Em contrapartida, quase todos os principais «leaders» croatas se referiram em termos favoráveis à nova chefia estudantil. Contudo, a decisão de permitir as manifestações de nacionalismo croata tornou, sem dúvida, o corpo estudantil da Universidade de Zagreb mais volátil e difícil de influenciar.



O presidente do conselho estudantil, Budis, diz que a Liga dos Comunistas da Croácia não é um partido ditatorial. Contudo, acrescenta que «não permitirá que alguém nos maneje. Os católicos e os ateus estão agora juntos na Croácia. E não permitiremos que alguém persiga os católicos do nosso movimento...»

SUPER-SUBMERGIVEL
100% Impermeável
210 M. abaixo de água

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

CAUNY
A mais alta precisão suíça

Incabloc
Resistente

LEVEZA E ROUPA BEM PASSADA

morphy richards

— Luz avisadora
— Controlo automático, com selector de tecidos
— Termostato de arco que suprime as interferências na rádio e na TV
O favorito de milhões de lares, garantido pela experiência de uma marca de prestígio: MORPHY-RICHARDS

soc. de rep. SIDA SUECA LDA • RUA DE S. NICOLAU 44-46 • LISBOA

APEADEIRO DE BOBADELA

Comunica-nos a C. P. de que a partir de 1 de Maio é estabelecida a venda de bilhetes neste apeadeiro.

No seu próprio interesse, é de toda a conveniência que os Srs. Passageiros adquiram os seus bilhetes antes de embarcarem no referido apeadeiro.

NOVO HORARIO

Comunica-nos a C. P. que com início no próximo dia 23 de Maio, são alteradas as horas de partida dos comboios n.º 1003 — «Sud-Express» e 1005 — «Rápido da Beira», que passarão a partir de Santa Apolónia, às 14.30 h. e 10 h., respectivamente.

Presentemente, estes comboios saem às 14.45 h. e 9.30 h.

A RETRACTAÇÃO DO POETA CUBANO HERBERTO PADILLA

Por MARCEL NIEDERGANG

O poeta Heberto Padilla, preso no dia 20 de Março último, foi posto em liberdade pelas autoridades cubanas, em 27 de Abril. O poeta dirigiu-se directamente da prisão para sua casa. Tal como acontecera com a detenção, também a sua libertação não foi anunciada, oficialmente, pelo Governo. Heberto Padilla teria, em 5 de Abril, escrito, na prisão, uma longa autocritica, de quatro mil palavras, dirigida ao Governo. O texto não foi publicado pela Imprensa cubana, mas foi-me comunicado pela agência oficial Prensa Latina. O poeta afirma não ser «o medo que o leva a confessar as suas vergonhosas actividades, mas o desejo de reparar o mal feito à revolução».

A vontade do Governo de Havana de assegurar, no estrangeiro, a mais ampla difusão a um documento onde as acusações ridículas contra personalidades estrangeiras alternam com o «mea culpa» lacrimante de um escritor coroado de louros oficiais não parece duvidosa. Para dissipar qualquer equívoco, o próprio Fidel Castro afirmou que «tinha ordenado, pessoalmente, a detenção de Padilla», e deixou-se, rece n t e m e n t e,

entender, nos meios dirigentes cubanos, que «outros intelectuais poderiam ser acusados de actividades contra-revolucionárias e presos».

UMA CERTA INGENUIDADE?

Heberto Padilla não é sem dúvida, o maior escritor cubano contemporâneo. Mas tinha merecido, em 1968, o prémio de poesia pelo seu livro «Fora de jogo», embora alguns dirigentes, ocupando funções importantes no Estado-Maior das Forças Armadas, tivessem sido de opinião que certas alusões do autor exaltavam um nítido perfume contra-revolucionário. A União dos Artistas e Escritores Cubanos tinha, nessa ocasião, demonstrado uma bela independência de espírito. Confirmara a escolha do júri, escrevendo um postácio em que exprimia as suas reservas. «Verde Olivo», semanário das Forças Armadas, manifestou menos equanimidade, acusando, já então, Heberto Padilla de ser, na realidade, um adversário da revolução.

O caso parecia, no entanto, encerrado. O prémio concedia entrevistas às esta-

ções de rádio estrangeiras, para, diz ele agora, «alimentar o seu egocentrismo». Em 20 de Março último, foi preso na sua casa de Havana e encarcerado. Que «crime» era o seu? Parece que foi o de ter acreditado, com certa ingenuidade, ser ainda possível fazer trocadilhos com as gradações do pensamento, quando o País inteiro está, ou deveria estar, empenhado num difícil combate, de que dependem o sobrevivimento da experiência revolucionária e o prestígio do regime. Esta «frequência» mereceria o estatuto e a ignomínia?

A resposta terá de ser, sem dúvida, negativa. Pode, portanto, compreender-se a emoção de numerosos intelectuais europeus e da América Latina, que demonstram, no entanto, a melhor simpatia para com a revolução cubana. As suas diligências, Fidel Castro respondeu, irritado: «A que título intervêm eles? Ficarmos agora a conhecer onde estão os nossos verdadeiros amigos...».

Afunda-se, portanto, um pouco mais, o fosso cavado entre os dirigentes cubanos e a esquerda europeia e latino-americana não comunista,

mais sensível, talvez, à subtil harmonização da liberdade com a mística revolucionária, do que ao esforço anónimo, desconhecido e sem «panache» de um povo lançado na esgotante batalha da soberania económica.

NÃO HÁ REGIMES PRIVILEGIADOS

Afunda-se, também, entre o castismo e os jovens dirigentes revolucionários da América Latina, que denunciavam, por vezes ainda em voz baixa, o «alinhamento de Havana com Moscovo» e o «apoio de Fidel Castro a regimes que nada têm de revolucionários» censurados pelos seus «amigos» europeus, devido ao tratamento reservado aos intelectuais fundibulários, os cubanos são criticados pelos seus «filhos» latino-americanos pela aceitação, aparente, das regras da coexistência pacífica. «Estamos nós...», lamentava-se, já Fidel Castro, em 1968.

O que não é, de todo em todo, exacto. A Rússia parece, militar e politicamente, cada vez mais presente em Havana. E será por acaso que a autocritica de Heberto Padilla, cujo tom o exagero lembram, deploravelmente,

outras «confissões» ouvidas, a Leste, no tempo de Estaline, coincide com a influência cada vez maior, dos elementos mais decididamente pró-soviéticos do Governo e das Forças Armadas cubanas? Assenta aqui o fulcro da questão, Fidel de Castro ainda foi capaz, em 1962, de tropeçar contra a decisão de Kruchchev de retirar os foguetões do solo cubano, sem aparentemente ter avisado os dirigentes de Havana.

Estes últimos, que realmente nunca tiveram a possibilidade de praticar uma política «neutralista», não têm outra escolha a fazer, em 1971, que não seja apoiar sem reservas a única grande potência capaz de vir em seu auxílio, em caso de «intervenção» directa ou indirecta. Porque ainda não foram encerrados os campos de «mercenários» ou de «voluntários», tanto na Florida como na América Central. A hipótese de uma nova Baía dos Porcos, embora pouco provável, não pode ser posta de lado em Havana.

Os Estados Unidos sabem que o «contágio castrista» já não é uma questão de assinalada actualidade e que as experiências chilenas e peruanas se mostram, sob o seu ponto de vista, muito mais preocupantes. Mas não

têm a intenção de favorecer uma «normalização» com Cuba, enquanto o Governo de Fidel não renunciar, formalmente, a «apoiar os movimentos subversivos» e ao auxílio militar soviético. A primeira destas duas hipóteses poderia, em rigor, ser suprimida. Quanto à segunda, é que não.

São conhecidos os fracassos, os erros ou as inépcias da revolução cubana. É lamentável, hoje em dia, que os dirigentes de Havana queiram ver agentes da C. I. A. em todos os observadores que façam críticas ou oponham reservas. Fidel Castro denunciou, em Março de 1962, os malefícios do sectarismo. A situação será hoje tão difícil que não será capaz de tolerar o mínimo murmúrio? Também não é, em todo o caso, possível julgar a totalidade da experiência cubana para do seu enquadramento internacional.

Não há regimes privilegiados. «Uma revolução deve ser julgada em relação àquilo que destruiu e ao que pretende construir...» Este juízo sobre o regime de Havana pertence a Raymond Aron, cujas simpatias pró-cubanas não são como ele próprio confessa, muito grandes. Mas também, o do bom-senso.

BROTHER

Máquinas de escrever eléctricas, de somar e portáteis, japonesas — garantidas.

Pedidos a

A PRESTAMISTA MERCANTIL, LDA.

Av.º Almirante Reis, 10-C — Telef. 562314 — Lisboa 1

Companhia Portuguesa de Electricidade — CPE

S. A. R. L.

CAPITAL: 5 700 000 CONTOS

SEDE
RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 567
PORTO

ESTABELECIMENTO CENTRAL
AVENIDA INFANTE SANTO, 15-1.º
LISBOA

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1970

Avisam-se os Senhores Accionistas que se encontra em pagamento a partir de 24 do corrente mês, o dividendo do exercício de 1970 — 80\$00 por acção, cativo de impostos para os accionistas — atribuído às acções emitidas pelas Hidro-Eléctrica do Zézere, Hidro-Eléctrica do Cávado, Hidro-Eléctrica do Douro, Companhia Nacional de Electricidade e Empresa Termoelectrica Portuguesa, de que esta Companhia assumiu todos os direitos e obrigações pela fusão daquelas Sociedades concessionárias de aproveitamentos hidroeléctricos, de empreendimentos termoelectricos e de transporte de energia eléctrica, cujas centrais e instalações constituem a rede eléctrica primária.

A importância líquida por acção é a seguinte:

Acções ao portador	52\$37,4
Acções nominativas	69\$59,1
Acções ao portador registadas	70\$17,6
Acções averbadas a Instituições de Previdência	79\$41,5

Este pagamento, mediante a apresentação dos títulos ou dos cupões n.º 21 para as acções emitidas pela Hidro-Eléctrica do Zézere e n.º 27 para as acções emitidas pela Companhia Nacional de Electricidade, será efectuado na Sede da Companhia ou no Estabelecimento Central em Lisboa, e nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

— CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
— ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
— AUGUSTINE REIS & C.ª
— BANCO DA AGRICULTURA
— BANCO DO ALENTEJO
— BANCO DE ANGOLA
— BANCO BORGES & IRMÃO
— BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
— BANCO FERNANDES MAGALHÃES

— BANCO DE FOMENTO NACIONAL
— BANCO FONSECAS & BURNAY
— BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
— BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
— BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
— BANCO TOTTA & AÇORES
— BANK OF LONDON & SOUTH AMERICA
— CRÉDIT FRANCO-PORTUGAIS
— CRÉDITO FIDUCIÁRIO PORTUGUÊS
— MONTEPIO GERAL

Porto, 10 de Maio de 1971

O CONSELHO DE GERÊNCIA

PÂNCREAS ARTIFICIAL PELO PREÇO DE UM FOGUETÃO

LOS ANGELES



Por ROBERT SOLÉ

Pelo preço de um foguetão impulsor espacial — cerca de um milhão de dólares — é possível aperfeiçoar-se um pâncreas artificial, capaz de manter o nível normal de açúcar nos diabéticos — afirma um cientista da Califórnia.

O dr. Samuel P. Bessman, da Universidade da Califórnia do Sul, afirma que ele e os seus colaboradores conseguiram superar uma das principais dificuldades na construção de um tal aparelho.

Trata-se de um sistema em que se assinala a quantidade de açúcar existente no sangue do diabético, mas este deverá ser acoplado a uma bomba, capaz de regular o fluxo de insulina, a partir de um reservatório artificial, instalado no corpo do doente. Dentro de quatro ou cinco anos, será possível, segundo o dr. Bessman, ter o mecanismo completamente pronto a funcionar.

A anormal quantidade de açúcar existente no sangue dos diabéticos resulta do mau funcionamento do pâncreas, que não fornece a insulina necessária a «queimar» o açúcar existente nos alimentos.

O dr. Samuel Bessman afirma que o pâncreas artificial libertará os diabéticos das injeções de insulina ou dos comprimidos necessários à normalização do nível do açúcar.

É também possível — acrescenta — que, forne-

O aparelho de medição do nível do açúcar, inventado por Bessman e Schultz, tem, mais ou menos, o tamanho de uma agulha comprida. Se for aperfeiçoado, será possível fazer com que emita sinais, por

meio de um transmissor miniaturizado, para uma bomba implantada no corpo do doente.

O dr. Samuel Bessman prevê que a bomba, com o seu reservatório de insuli-

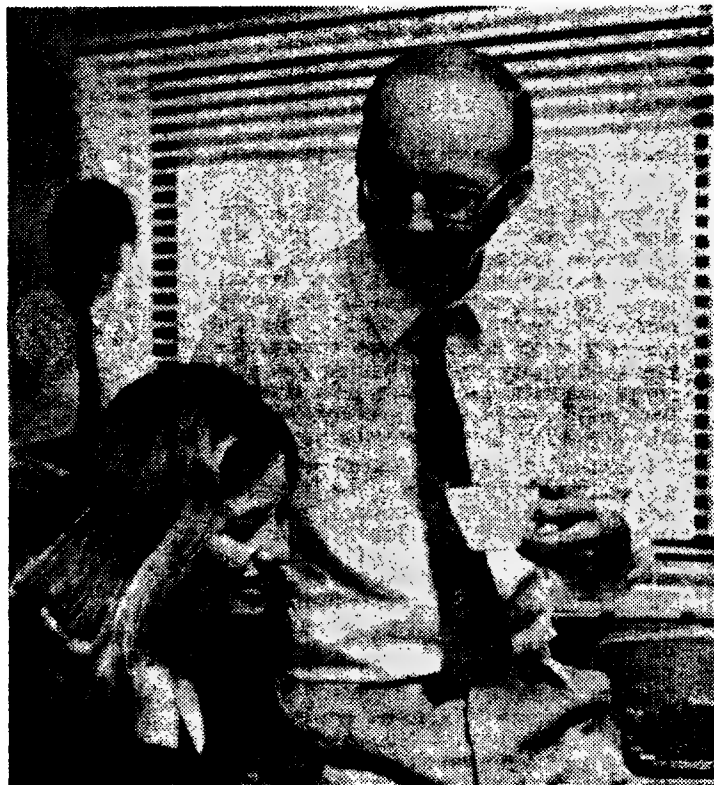
na, possa vir a ser accionada por uma «bateria», cuja fonte de energia provirá do próprio açúcar do sangue. Deve frisar-se que o dr. Schultz é especialista nesta matéria, a das fontes de energia, e era nisso que

trabalhava quando tomava parte nas investigações relacionadas com os voos espaciais.

Já existe um aparelho, do tamanho de um feijão, capaz de calcular a quantidade de insulina a forne-

cer, perante determinado nível de açúcar no sangue. Segundo o dr. Samuel Bessman, a quantidade de açúcar necessária para três meses pode ser contida num reservatório do tamanho de um medalhão.

Na medida em que a sua vida é diferente das outras



a IMPÉRIO tem para si um seguro de vida por medida

Recorte por aqui e envie à Império
R. Garrett, 62 — Lisboa - 2

O Ex.º Senhor

Rua

N.º Em

contra o envio deste cupão obterá um estudo — sem compromisso para si — da modalidade de Seguro de Vida por Medida que convém ao seu caso.

Aqui entre nós.
É assim que damos a nossa própria medida: a Império é uma grande Companhia de Seguros apenas para isso. Para estudar o seu caso, as suas aspirações pessoais. A sua forma de encarar o seu futuro e o futuro dos seus.

A Império cria especialmente para si, um novo Seguro de vida. A medida exacta do que você é. A medida do que você deseja. E com uma medida mesmo ao seu alcance.

Em torno de uma vida — a sua — a Império cria protecção, previdência, garantia de capitais ou de rendas.

☐ Seguros de vida inteira que garantem um capital livre de impostos.

☐ Seguros mistos que aliam à protecção da vida uma forma prática de capitalizar pequenas economias.

☐ Seguros dotais que incluem a entrega de um "dote" ao beneficiário em data fixada.

☐ Seguros do lar que garantem o valor de substituição dos bens destruídos.

☐ Seguros de educação ajustáveis e seguros de rendimento familiar.

☐ Prémios fixos de 50, 100 e 150 escudos mensais. Ou à medida que V. quizer.

Para o seu caso diferente a nossa resposta é um seguro diferente. Criado pela Império apenas para si.

Contacte um homem da Império. É um amigo.



AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora



cendo-se aos doentes as quantidades normais de insulina, em vez das doses que agora se aplicam, se possa diminuir os danos sofridos pelos diabéticos, devido às injeções de insulina ou aos comprimidos.

FEITAS JÁ DIVERSAS TENTATIVAS

O dr. Samuel Bessman foi auxiliado no aperfeiçoamento do seu sistema de medição da quantidade de açúcar, pelo dr. Robert Schultz, cientista cuja carreira foi prejudicada pelas recentes compressões e despesas verificadas na indústria espacial, pois trabalhava no laboratório da «McDonnell Douglas Corporation», antes deste ter sido encerrado e os empregados despedidos.

O dr. Bessman explica que já se fizeram diversas tentativas para se construir um pâncreas artificial, capaz de fornecer, ao diabético, a necessária quantidade de insulina. Esse «pâncreas» tem de ser implantado no corpo do doente, mas os construídos até agora são demasiado incómodos.

O ÚLTIMO LIVRO DE JACQUES RUEFF

MUDAR O PREÇO DO OURO — A GRANDE SOLUÇÃO PARA O DÓLAR

Por PAUL FABRA

Um dos fenómenos que causará, sem dúvida, o maior espanto entre as futuras gerações que se interessarem por esta nossa tão conturbada época, será a paixão com que os homens, no decurso dos anos 1960 e 1970, discutiram os problemas monetários, para, por fim, renunciarem a dar-lhes solução, como o comprovam, à sociedade, as desordens e a inflação acelerada reinantes em todo o Mundo. Se há muitos americanos, por exemplo, a mostrarem-se dispostos a admitir que o dólar está sobrevalorizado, a verdade é que perdem a cabeça se, levando-se um pouco mais longe o raciocínio, se lhes faz notar que para pôr cobro a tal anomalia só há um e autêntico processo: mudar o preço do ouro. É que preferem, em vez daquilo que é, afinal, uma conclusão lógica, imaginar soluções no estilo da revalorização das outras moedas.

UMA CARGA EMOTIVA

Deste lado do Atlântico as coisas não são muito diferentes, e a liberdade que uns e outros tomam para com os acontecimentos históricos demonstra bem a falta de serenidade que preside às controvérsias monetárias. Não chegou um presidente dos Estados Unidos ao ponto de pretender, retomando, de resto o ensinamento de certos mestres, que a crise de 1931 tinha sido a consequência do funcionamento do padrão-ouro, quando se tratou — nenhum documento pôs este ponto em dúvida — da derrocada do «Gold Exchange Standard», que se tinha tornado o sistema monetário do Mundo, a partir do fim da primeira guerra mundial? A hostilidade suscitada pelas teses ortodoxas mereceria, só ela, um longo estudo. Entretanto, os seus raivos defensores têm de se arriscar a passar por atrasados, ainda que o mais célebre dentre eles, Jacques Rueff, tenha tido a «temeridade», como escreveu no seu livro «O pecado monetário do Ocidente», de se considerar como o anunciador de um futuro próximo.

Não é um dos menores méritos da obra — em que Jacques Rueff nos surge mais bastas vezes como o jornalista e

polemista que, em tantas ocasiões tem sido, do que como o austero autor de «A ordem social» ou dos últimos capítulos do «lancinante problema da balança de pagamentos» — o fazer-nos compreender melhor as razões teóricas que explicam o espantoso encarnecimento dos adversários contra ele, e a carga emotiva segregada pelo debate, para cujo desenrolar na praça pública Jacques Rueff tanto contribuiu.

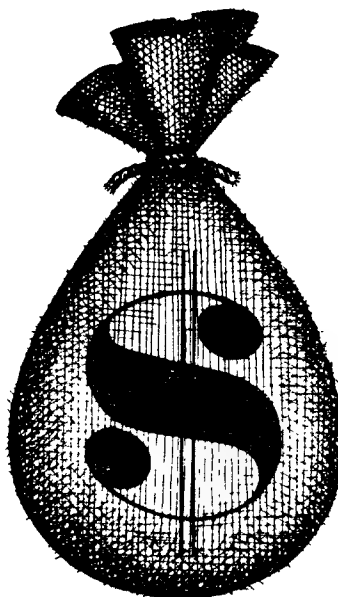
Constituído, em boa parte, por artigos (especialmente para o «Le Monde»), entrevistas e cartas dirigidas, em particular ao general de Gaulle, no decurso do agitado período que acabámos de viver, este livro surge, primeiro, como um testemunho. Durante muito tempo, os comentadores interrogaram-se sobre os iacos que poderiam unir o antigo presidente da República e o homem que foi o principal obreiro da grande reforma dos fins de 1958, que deveria restabelecer, duradouramente, o valor do franco e com a qual se encetou a história económica e monetária da V República.

Ficamos a saber que, a partir de Março de 1961 Jacques Rueff começou a expor ao general os perigos que encerrava o sistema monetário conhecido pelo nome de «Gold Exchange Standard»; que o general lhe aprovou os pontos de vista, numa carta datada de 6 de Maio, cujos termos são reproduzidos no capítulo III. Logo após o restabelecimento do franco, Jacques Rueff começou a sentir-se preocupado com o facto de a tão recente reforma, que o êxito bafejara, ser insuficiente e isto por duas razões essenciais: porque as estruturas do crédito continuavam mal adaptadas e porque, em virtude do sistema monetário internacional em vigor o regresso à convertibilidade do franco, por mais indispensável que fosse, tinha, também como efeito «vincular o nível dos preços franceses ao dos Estados Unidos».

Esta é a razão porque, a partir de 10 de Junho de 1959, Jacques Rueff dá conta das suas apreensões ao ministro das Finanças da época (cujo nome não cita). Se Wilfried Baumgartner, pois se trata dele, e de numerosos jovens tecnocratas da Rue Rivoli não só se não mostraram convencidos pelos argumentos que lhes foram apresentados como até os rejeitaram, Jacques Rueff iria, em contrapartida, encontrar na «entourage» do general «uma audiência amigável e atenta», especialmente em Etienne Burtin des Roziers...

O MAL-ENTENDIDO

No entanto, não reside aqui o essencial, embora gostássemos que Jacques Rueff, em vez de nos citar os textos nos relatasse, também, os diálogos que



teve com o general de Gaulle sobre a inflação, do mesmo modo que André Maitraux nos dá conta das conversas que com ele teve sobre a Gioconda. O essencial está em nos ajudar a discernir onde é que se situa o mal-entendido entre o autor e a maior parte dos seus contemporâneos. Porque, assim procedendo, esclarece a história monetária do nosso tempo, assinalada por uma série de tentativas, apresentadas como outros tantos esforços no sentido de libertar o homem dos constrangimentos que sobre ele pesam, sendo a última delas a criação dos direitos de emissões especiais, primeira experiência a visar, afirmam os seus partidários, o estabelecimento de uma moeda internacional. O que se reprova, mais comumente, em Jacques Rueff é, precisamente, querer, reagindo contra esta evolução que tem a seu favor as aparências do progresso, confiar a realização dos equilíbrios monetários e económicos a não se sabe que automatismo.

Entretanto, em entrevista concedida, em 1965, a Fred Hirsh, que era então redactor do «Economist» e é hoje alto funcionário do Fundo de Fomento Internacional, Jacques Rueff declara: «A restauração de um sistema eficaz de pagamentos deixaria maior liberdade à política interna». Nas desordens provocadas pela inflação, os Estados vêem-se, com efeito, obrigados, periodicamente, a paragens brutais, chamadas, conforme as circunstâncias, «plano de estabilização» ou «política dos rendimentos» (tendendo, na realidade, para o bloqueamento dos salários) enquanto que, num sistema em que se permitisse uma certa margem aos mecanismos auto-reguladores, as correcções se fariam sem se dar por isso.

Quer isto dizer que se deve abandonar ao cego funcionamento dos mecanismos a vontade de regularizar a máquina económica? Neste ponto, Jacques Rueff, que nos afirmava, recentemente, que «toda a política monetária é ne-



cessariamente dirigida...», esclarece o seu pensamento: «Aceito plenamente a utilização consciente da taxa de desconto e da política de «open-market», sob a condição daquela tender a criar uma situação de mercado que tenha sido a consequência dos movimentos do ouro e que não tenda, sistematicamente, a invertê-los». É pueril querer anular, sistematicamente o efeito interno de um «deficit» exterior, pois que, um dia ou outro, se será forçado, ao recorrer a um tratamento de choque, a provocá-lo artificialmente. Trata-se, todavia, de uma convicção muito espalhada a de que a «liberdade» consiste em se livrar do que não passa, afinal, da consequência lógica dos próprios actos. Agindo assim, vai-se, na realidade, em sentido contrário do objectivo pretendido. Será possuir uma visão mecanicista das coisas, como se aponta, tantas vezes, a Jacques Rueff, darmos-nos os meios de atingir o fim que nos traçamos?

AS AMBÍGUAS RELAÇÕES ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Um economista do século XIX escreveu: «Quem melhor do que o teórico sabe dos factos, pois os conhece sob todos os seus aspectos, e nas relações que mantêm entre si?».

Jacques Rueff, ao contrário de muitos economistas, é um perito da moeda que, antes e depois da guerra mundial, teve uma experiência concreta, tanto ao dirigir as intervenções públicas sobre o mercado monetário como, ainda, ao actuar na qualidade de conselheiro do Governo (plano de 1958).

Mas o que nele mais impressiona, a par das referências constantes aos acontecimentos, que viveu e, por vezes, dirigiu, é a importância que atribui ao pensamento teórico. No seu espírito só têm lugar os sistemas apoiados numa lógica interna. Se, em muitas circunstâncias, se recomenda o pragmatismo este, em estado puro, depressa tem de enfrentar os seus limites: como conceber a possibilidade de uma política monetária se não se puder estabelecer que existem relações necessárias entre os fenómenos, como a que une, na sua opinião, a taxa de juros e o nível geral dos preços? É a possibilidade de reflexão teórica que fundamenta o próprio existir de uma ciência.

Aos olhos de Jacques Rueff a economia política tende, incontestavelmente, a ser uma ciência e é esta concepção que é preciso ter em mente quando se compara o seu pensamento com o dos seus contemporâneos, incluindo aqueles que, como Milton Friedman, se consideram como ele, pertencentes à corrente liberal.

Num artigo publicado no numero de Fevereiro da revista inglesa «Economica», pode ler-se: «O reparo mais evidente a fazer a propósito de Milton Friedman é que não tem, nem pretende ter, uma teoria monetária. Os pontos de vista que exprime, com tanto vigor, e que tanta influência exercem, não se baseiam em qualquer interpretação do modo como a moeda funciona, mas sobre aquilo que os estudos empíricos por ele empreendidos o levaram a pensar quanto ao curso da história monetária. Ele próprio... não pretende mais do que isso. As suas célebres recomendações

políticas asse confissão de «A versão» da teoria que mesma em cinquenta an para «refresca» que a quantia sa, quando a nunca, de um tida depende reservas des nômicos...»

Para a ma nomistas, cor próprios, ante los. Jacques «ídolo» que não hesitou, apelar ele ta nente dos fe Adam Smith bre metáfora artigo póstum mic Journal» proclama.

«Sinto-me pela primeira economistas sinamentos, verdade per ficado Temo las porque a trinas, que r ser com muit domínio, cor naturais e a tendem a es tal influência manter-nos t timos decênios, deri expediente, e restabelecer»

Se o pecado ga o Ociden recuse o vel quecido, pela drão-ouro, m trata de um Uma vez qu caracter pro sistemas em as «manifest assistidos — liberação dos fatalidades, dens está be temporanea meira guerra classificadas.

Em nome ques Rueff do a hipocrisia» durante toda no seio dos criação dos ciais, em faz geral o que blema partic da Grã-Bretã se como tal



A reserva

insuficiência quando os u seavam me duas grande que tinham dólar e não cos, marcos, sem nova pe respectivas Os peritos do resto, a, ca verdadeira, que mo anátoma verificar que bancos cen quência das



assentam, elas próprias, numa
o de ignorância».
rsão dada por Milton Friedman
a quantitativa da moeda é a
em que acredito há bem uns
ta anos», afirma Jacques Rueff,
rescentar: «Friedman acredita
quantidade de moeda é uma cau-
ando afinal a mesma não passa,
de um efeito: a quantidade emi-
pende, sempre, do montante das
desejadas pelos agentes eco-
...»

O TESTEMUNHO DE KEYNES

a maior parte dos jovens eco-
contemporâneos, não existe
mente uma teoria, mas mode-
ques Rueff lembra-lhes que o
que revenciam, «lord» Keynes,
itou, pouco antes de morrer, em
ele também, para a ordem ima-
dos fenómenos económicos, ou-
smith pôs em relevo na sua céle-
táfara da «mão invisível». Num
póstumo, publicado pelo «Econo-
rnal», em Junho de 1946, Keynes

o-me obrigado», escreve, «e não
meira vez, a lembrar aos nossos
istas contemporâneos que os en-
to, clássicos contêm algumas
s permanentes de grande signi-
Temos tendência a negligência-
que as associamos a outras ou-
que não podemos aceitar a não
muitas reservas. Existem, neste
p, correntes profundas, forças
s e até «a mão invisível» que
a estabelecer o equilíbrio. Sem
ência, não teríamos conseguido
nos tão bem no decurso dos úl-
ecénios... Se rejeitamos tais re-
derivaremos de expediente em
ente, e nunca nos conseguiremos
decir».

pecado monetário a que se entre-
cidente é mortal, não é porque
o velho respeito, já tão enfra-
pela estabilidade e pelo pa-
ro, mas porque, com efeito, se
le um pecado contra o espírito.
ez que se esteja convencido do
r profundamente irracional dos
s em vigor, não se consideram
nistas da desordem a que
os — como, por exemplo, a pro-
dos dos capitais flutuantes — como
ides. A aparição de tais desor-
tá bem datada na história con-
anea (vem desde o fim da pri-
guerra mundial) e as suas causas
cadas.

nome do mesmo raciocínio, Jac-
neff denuncia aquilo a que chama
risia» e a «fraude» que constitui-
e toda a negociação empreendida
dos Dez e que deveria levar á
dos direitos de emissões espe-
n fazer passar por um problema
que não passava de um pro-
particular dos Estados Unidos e
Bretanha. O grupo dos Dez deu-
no tarefa disfarçar a pretendida



serva de ouro norte-americana
está a baixar

iência da liquidez internacional,
os únicos países a quem escas-
meios de pagamento eram as
grandes potências anglo-saxónicas
ham necessidade «de moeda não
não esterlina» (isto é, de fran-
arcos, libras, yens...). para cobrir,
va perda de ouro, o «deficit» das
ivas balanças de pagamento». O
tos do Fundo Monetário estão, de
a, caminho de redescobrir esta
e, que era ainda considerada co-
atema, há bem poucos meses, ao
r que os dólares acumulados nos
centrais europeus, em conse-
a das transferências dos capitais

errantes, não são, na realidade, verda-
deiras reservas, pois que se trata de
fundos emprestados.

O FACTOR POLÍTICO SUBESTIMADO

Se a teoria é indispensável para uma
interpretação correcta dos factos, acon-
tece que o teórico é capaz de negligenciar
a entrada de alguns deles nos ter-
mos da sua equação. «Tenho uma gran-
de confiança na razão humana» escre-
ve Jacques Rueff, e o que seríamos, com
efeito, tentados a objectar-lhe, é, ao
contrário da opinião corrente, um ex-
cessivo «voluntarismo».

Dai que Jacques Rueff se renda á
ideia partilhada pela quase totalidade
dos historiadores da moeda de que o
«Gold Exchange Standard» foi instituído
pela conferência de Génova, em 1922. É
verdade que esta conferência recomen-
dou o emprego dos dólares e das libras
como moedas de reserva, a fim de se
«economizar o ouro», mas esta recomen-
dação teria sido tão seguida como, vinte
anos mais tarde, as de Bretton Woods,
se não tivesse correspondido às condi-
ções do momento. Se, após as provações
de 1914-1918, todos os países adoptaram
o «Gold Exchange Standard», isto é, um
regime que, antes da guerra, era o da
Índia e de alguns outros países coloni-
zados, isto explicava-se, essencialmente,
pela ruína financeira das nações do ve-
lho Continente. «O que uma conferên-
cia instituiu, só uma outra conferência
poderia desfazer» — escreve Jacques
Rueff.

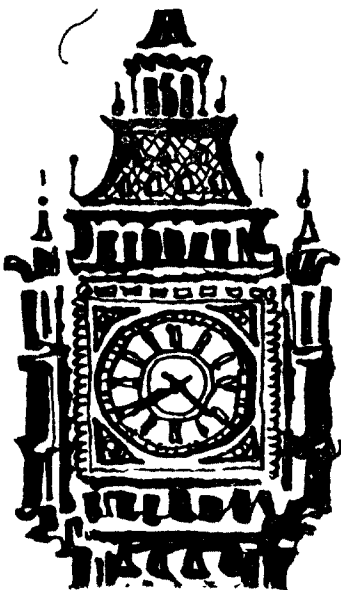
Decidir, em comum, a duplicação do
preço do ouro, reembolsar, por meio
da mais-valia assim obtida, os «balances
dollar» e os «balances sterling», e o
Mundo poderá partir sobre uma nova
base, eis o que defendia Jacques Rueff,
ainda há bem poucos anos. No entanto,
para se evitar que o Mundo caia ime-
diatamente nas velhas rodeiras, assim
que a reforma se faça, será necessário
que se reúnam um certo numero de con-
dições.

A mais importante, parece-nos, seria
de natureza política: tornar-se-ia neces-
sária a existência, entre os principais
centros monetários, de um verdadeiro
equilíbrio de forças. Enquanto uma
única potência puder, em larga medida,
ignorar as consequências externas da
sua política interna, não há possibili-
dades de a ver renunciar a esta extraor-
dinária faculdade. Se, antes da primei-
ra guerra mundial, a Grã-Bretanha se
conformou «volens nolens» — salvo em
relação á Índia e ás suas outras co-
lónias, como acabámos de ver — com
as regras essenciais do padrão-ouro, foi
porque não tinha outra escolha, sendo
forçada a levar em conta as reacções
de forças, quase iguais á sua, como eram
a Alemanha e até mesmo a França.

Em todo o caso, Jacques Rueff per-
deu a esperança que conservara até
agora. E como lhe perguntássemos se
era ainda de opinião de se poder em-
prender uma correcção pela via das ne-
gociações, respondeu-nos: «O problema
escapou completamente ás mãos dos ho-
mens, depois da criação dos direitos de
emissões especiais e a multiplicação dos
euro-dólares». Este juízo é bastante ca-
racterístico, porque, para Jacques
Rueff, a criação dos direitos de emi-
sões especiais, em que alguns vêem co-
mo que uma afirmação da liberdade do
homem, é, pelo contrário, uma causa
profunda da sua alienação, ao contri-
buir para lhe fazer perder o «contrôle»
sobre as questões monetárias.

Jacques Rueff continua, em todo o
caso, convencido, como o repetiu de no-
vo no seu livro, de que a única solução
para evitar que as desordens monetárias
não degenerem um dia numa crise eco-
nómica, reside na desvalorização do dó-
lar. Jacques Rueff tem uma longa expe-
riência das desvalorizações, sendo a pri-
meira a que teve lugar em 1926, no ter-
mo do restabelecimento do franco, de-
vido a Raymond Poincaré. Jacques Rueff
preparou, então, um memorando para
recomendar o nível a que a moeda de-
via ser estabilizada, e, como ele lembra
agora no seu livro: «O essencial era
escolher um nível que não implicasse
nenhuma baixa nos salários nominais».

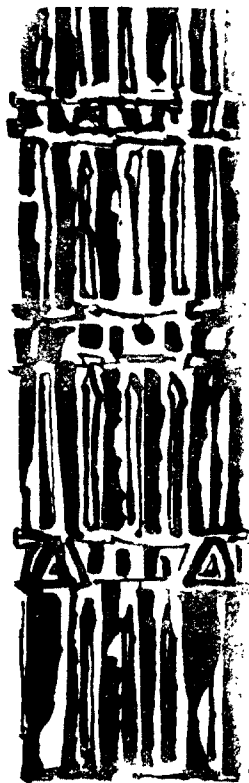
Sabe-se que um dos reparos que lhe
será feito é ter apadrinhado o plano de
deflação de Pierre Laval, em 1935, ao
recomendar um corte de 10 por cento
nos ordenados e emolumentos dos fun-
cionários. «Esta solução apresentava-se,
com efeito, cheia de riscos», mas — diz-
nos ele — não havia possibilidade de
escolha: quando o Presidente do Conse-
lho, na altura, me pediu que estudasse
a situação, fez-me notar que a lei vota-
da pelo Parlamento impedia uma des-
valorização, o que teria sido a solução
racional».



OS SEIS E A LIBRA

Por PHILIPPE LEMAITRE

COMUNIDADES EURO-
PEIAS (Bruxelas) — O
grupo dos altos funcioná-
rios dos Seis, que, nos
fins de Março, fora encar-
regado pelo Conselho de
Ministros de tentar prepa-
rar uma posição comum
sobre os problemas levan-
tados pelo estatuto da li-
bra esterlina, na perspec-



tiva da adesão do Reino
Unido ao Mercado Comum,
entregou já o seu relatório.
no qual se patenteia uma
grande divergência de pon-
tos de vista entre a França
e os seus cinco parceiros.

De um modo geral, estes
últimos, sem negarem os
problemas nem as dificul-
dades que eles acarretam,
parecem convencidos de
que não há nenhuma ur-
gência em procurar des-
de já as soluções mais
apropriadas para o caso.
sem antes saberem se o
Reino Unido vai aderir ou
não à CEE. Assim preten-
dem evitar que as negocia-
ções em curso vão ser so-
brecarregadas com este
problema. Segundo as pou-
cas informações de que
disposomos, este relatório,
que os Estados membros
dizem querer manter se-
creto, é dividido em três
capítulos. O primeiro refe-
re-se ao regime aplicado
pela Inglaterra aos movi-
mentos de capitais, o se-
gundo, á existência das
«balanças-esterlino» e á
oportunidade de fazer ou
não um esforço rápido para

lhes reduzir o montante, o
terceiro, às condições em
que a Inglaterra poderia
eventualmente beneficiar
(após a sua adesão) e no
caso de existirem dificul-
dades da balança de paga-
mentos, dos mecanismos
de assistência, dos «con-
cursos mútuos» previstos
pelo Tratado de Roma ou
por decisões internas do
Conselho.

— OS MOVIMENTOS DE
CAPITAIS — Trata-se de
um problema abordado pelo
Tratado de Roma e que,
portanto, fez parte inte-
grante da negociação.
Resta saber que conse-
quências práticas se reti-
rarão. Os parceiros da
França parecem convenci-
dos de que basta pedir aos
britânicos que apliquem as
disposições comunitárias
relativas á livre circulação
dos capitais no interior do
Mercado Comum. Os fran-
ceses, ao que parece,
apoiados pela Comissão,
entendem que, para garan-
tir um funcionamento nor-
mal da União Económica e
Monetária, ou (por outras
palavras) para manterem
em limites razoáveis as
exportações de capitais
em benefício dos países
exteriores á comunidade
alargada, seria necessário
ir mais longe e ir pondo
termo progressivamente ás
relações financeiras privi-
legiadas tecidas entre a
Grã-Bretanha e os países
industriais da zona esterli-
no, as quais se traduzem
nomeadamente num afluxo
de investimentos britânicos
para a Austrália, Canadá e
Nova Zelândia muito supe-
rior ao que se poderia nor-
malmente esperar, dada a
capacidade actual de pou-
pança da economia inglesa.

— O FUTURO DAS BA-
LANÇAS-ESTERLINO —
Nenhum estado membro
contesta que seria desejá-
vel que estas balanças não
crescessem mais, se se
quiser possibilitar a harmo-
nização das políticas eco-
nómicas e monetárias dos
países da comunidade alar-
gada. Todos eles admitem
que seria útil discutir com
Londres quais os meios a
pôr em acção para estabi-
lizar ou mesmo reduzir os
créditos detidos deste mo-
do em libras esterlinas por
um certo número de países
em especial.

Contudo, para lá dessas
posições de princípio, os
Seis não estão de acordo:

— Os parceiros da Fran-
ça — que, lembremo-lo, já
se comprometeram a pror-
rogar o acordo de base que
garante essas balanças es-
terlino — entendem que e-

seria prematuro querer re-
gular este problema, para
já. Parece que os belgas e
os luxemburgueses, apoia-
dos pela comissão, têm
tendência para considerar
que se trata de uma ques-
tão a tratar pelas institui-
ções da Comunidade alar-
gada, enquanto os holan-
deses, italianos e alemães
parecem entender que o
problema deve ser regulado
no seio da colectividade
monetária internacional.

Quanto aos franceses
confirmaram a posição ex-
pressa, por várias vezes,
por Giscard d'Estaing: não
se trata de queimar as eia-
pas, de procurar impor a
Londres um calendário de
redução das balanças — o
que, até ver, não teria qual-
quer significação prática —
mas mais simplesmente de
conseguir inverter o movi-
mento actual. Noutros ter-
mos, procura-se uma revi-
são dos mecanismos (ta-
xas de juro prestadas aos
detentores de esterlino e
extensão da garantia de
câmbio consentida pela co-
lectividade monetária inter-
nacional) que concorrem
hoje para um acréscimo
regular destas balanças.

— O CONCURSO MÚTUO
EM CASO DE DIFICULDA-
DE DA BALANÇA DOS
PAGAMENTOS — Segundo
Paris, seria mister prevenir
os ingleses de que não po-
deriam estar seguros de
beneficiar dos mecanismos
de concurso mútuo e de
assistência financeira em
vigor na Comunidade en-
quanto não ficarem submeti-
dos ás mesmas obriga-
ções que os outros Estados
membros, em matéria mo-
netária. Os franceses sus-
tentam que, dado o esta-
tuto internacional da libra
esterlina, estas dificuldades
de balança dos pagamen-
tos podem ter, por agora,
uma origem puramente mo-
netária, isto é, estranha á
evolução da situação eco-
nómica no interior da co-
munidade.

Esse ponto de vista não
é partilhado pelos outros
estados membros. Estes es-
pecificam que um desequi-
líbrio da balança de paga-
mentos provocado pela mu-
dança do curso da libra
esterlina não poderia ser
devido unicamente a ra-
zões exteriores, e expli-
car-se-ia, pelo menos em
parte, pela persistência de
dificuldades económicas no
interior do Reino Unido.
Nestas condições conside-
ram impossível a hipótese
de privar a Inglaterra dos
mecanismos de apoio aos
quais os outros países
membros podem fazer
apelo.

NOVOS SEMINÁRIOS (CONCLUSÃO)

UM FUTURO NEBULOSO

Por HARRY NELSON

Os amadores de pormenores picantes são rapidamente metidos a pique. Que fez esta rapariga no segundo andar do Seminário dos Carmes? Porque é que este professor de Issy-les-Moulineaux prega na porta do seu gabinete este desenho de um urso brincalhão? Porque Marx na biblioteca e estes gritos no corredor?

Mais vale meter a língua no saco e ficar a saber que o regulamento deixou de vigorar.

— A disciplina já não é instrumento de formação — explica um superior. Vive-mos aqui, juntas, de manhã à noite, várias dezenas de pessoas. A vida em comunidade impõe por si mesma regras elementares que devem ser seguidas e que aliás o são.

Resultado: um seminarista pode não só tagarelar com um camarada o tempo que quiser, mas ainda entrar no quarto desse camarada, o que era formalmente proibido. Pormenores de vocabulário: até 1964 o seminário académico de Lille possuía um «regulamento» onde se exigia «delicadeza» e «silêncio, mesmo durante o recreio». Hoje há uma «comissão regimista de vida» que estabelece «objectivos» que abrangem tudo, excepto a disciplina, pois a comissão «entende que não deve regular todos os pormenores práticos da vida» do novo Centro interdiocesano de formação sacerdotal, desejando assim «salvaguardar a iniciativa de diversos grupos constituídos».

Nem todos os seminários de França estão ainda nessa fase — mas não estão longe dela. Um pouco por todo o lado se estão a criar estruturas de participação. São elaboradas pelos próprios seminaristas: em Poitiers já foram apresentados a catorze projectos diferentes, desde os acontecimentos de Maio de 1968. No seminário universitário dos Carmes, em Paris, o poder é detido por um conselho que compreende os directores, os presidentes de anos escolares eleitos e o presidente do conjunto dos estudantes. Este organismo que dirige efectivamente a casa, não tem unicamente um papel de organização, mas também de reflexão. Decide praticamente sobre tudo, excepto sobre ordenações.

Não há contestação propriamente dita nos seminários. «Contestação não, mas reflexão crítica sim», sublinham subtilmente os universitários dos Carmes, habituados aos exercícios intelectuais.

A MORTE DO MANUAL

Se os «novos seminários» raramente são capazes de fornecer ao visitante um regulamento copiado, outros há que têm precisamente a mesma dificuldade para reencontrarem o seu programa de estudos. Os manuais, esses desapareceram pura e simplesmente.

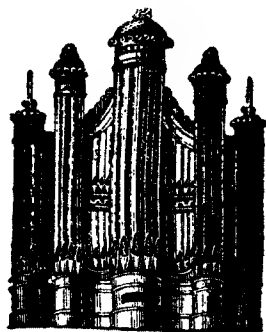
Contudo encontramos uma certa uniformidade do ensino gizada em torno de umas tantas ideias-força. A distinção entre os dois ciclos tornou-se um carácter permanente dos seminários franceses. Antiga-

mente os dois primeiros anos eram considerados anos de filosofia. Depois do interregno do serviço militar — considerado como um «teste» — faziam-se três ou quatro anos de teologia. Hoje o esquema é praticamente o contrário:

— A filosofia já não dava nada — sublinha um superior de seminário. Aparentemente de que o jovem que vinha para a nossa casa era acima de tudo um ser que se interrogava sobre a sua fé. Não vinha à procura dessa «peanha» filosófica que se lhe queria dar primeiro e que podia justificar-se em situação de cristandade... O primeiro ciclo pretende agora conferir àquele que se destina ao sacerdócio uma maior maturidade humana, uma estruturação mais forte da sua fé, uma vida cristã mais activista. O segundo ciclo apresenta-se agora como «uma iniciação fundamental para o ministério».

Outra ideia-força: os assuntos tratados — libertados de longas sequências históricas e jurídicas — já não são distribuídos por um plano de matérias, mas em função de alguns problemas — chave que ignorem fronteiras entre disciplinas: em Issy-la-Moulineaux, por exemplo, em vez de se estudar, a redenção e depois a encarnação e depois a ressurreição estuda-se «Cristo», e em vez de se abordar sucessivamente o baptismo, a confirmação e extrema-unção reflecte-se sobre as relações entre o sacramento e evangelização.

Em Lille os três anos de segundo ciclo são centrados cada um em seu tema: o mistério de Cristo e da fé; a existência cristã no mundo; a Igreja. A sucessão de diferentes cursos foi abandonada e substituída por «zonas de trabalho» que permitam consagrar, de diferentes modos, um tempo mais ou menos longo a uma dada disciplina. No segundo ano, por exemplo,



o ensino da teologia desenrola-se da seguinte maneira:

— Um curso magistral de base: o cristão salvo por Jesus Cristo;

— Cursos especializados de opção: que visam desenvolver este ou aquele aspecto: «mutações históricas e fé em Israel» ou «a fé e o mundo».

— Grupos de trabalho de sete a oito estudantes, reunidos à volta de um professor e «destinados especialmente a cultivar o espírito crítico». São consagrados ao estudo de um documento: «Introdução à vida política», de Jean-Yves Calvez, uma obra de Hans Küng, ou à «Evolução do pensamento do padre Chenu sobre as relações Igreja-Mundo».

— Finalmente, constituição de seminários, onde cada participante é convidado a redigir um estudo pessoal, muito aprofundado, sobre um ponto preciso: «A não-violência é evangélica?», «A revolução» ou mesmo «A guerra revolucionária em Mao Tsé Tung».

UMA NOVA IGREJA QUE NASCE

No fim do semestre, cada participante do seminário redige um relatório sobre a sua actividade teológica. Indica qual era o seu projecto, os meios de que lançou mão para o concretizar (livros, inquéritos, opções), as dificuldades com que deparou. O dossier é sancionado pela nota A, B, C, D ou E, após uma discussão entre o estudante e o professor.

O certo é que o seminário já não tem o monopólio da formação sacerdotal. Nas quintas-feiras, à tarde, os estudantes de Lille partem para um estágio na paróquia, que durará até 2.ª-feira de manhã. E os

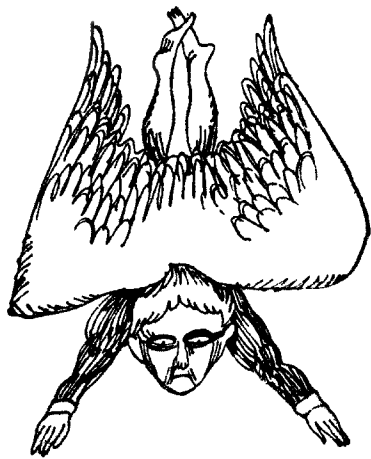
padres que os recebem são convidados a participar na sua formação.

Aliando o trabalho intelectual à iniciação prática, esta formação contém, no entanto, lacunas «profanas»: não se aprende a falar nem a cantar nos seminários, e as técnicas de grupo — tão necessárias a um futuro padre — não são praticadas. Quanto aos contactos entre estudantes de diferentes estabelecimentos são, na maioria dos casos, inexistentes. No entanto, «no come» há um Conselho Nacional dos Grandes Seminários, que, desde 1965, reúne padres das diferentes regiões. Estuda-se a possibilidade de associar estudantes a essas reuniões.

Os responsáveis pela formação sacerdotal reconhecem essas lacunas. Mas a sua verdadeira preocupação é outra: «Não temos problemas de seminário. Temos problemas de Igreja». Na verdade, é-lhes pedido que formem padres para uma Igreja cujo futuro se apresenta tão nebuloso que nem mesmo os seus profetas sabem dizer qual será o seu rosto em 1980. São obrigados a aceitar o nevoeiro e a avançar à apalpadela, correndo o risco das meias voltas e dos passos em falso. Não se podem comunicar aos futuros padres receitas que já não têm curso. Podemos, quanto muito, formar estudantes capazes de se adaptarem a situações ainda imprevisíveis, sem, para isso, os fazer viver num clima de permanente insegurança.

Aliás, como é que, em 1971, uma pessoa

pode decidir-se a enveredar por esta carreira contestada, de contornos cada vez mais vagos e de enquadramento profissional cada vez mais incerto? «Escolhemos a aventura», diz um seminarista parisiense. Em 1971 é um privilégio. A crise do padre, encarada isoladamente, obceca-os menos do que poderíamos pensar: «Estamos mais preocupados com o Brasil que com o celibato». E é verdade, uma nova Igreja está a nascer nos seminários franceses.



DESFECHO DE UM LITÍGIO ACERCA DA INTERPRETAÇÃO DA «HUMANAE VITAE»

WASHINGTON



A discussão entre o cardeal Patrick O' Boyle e 19 dos seus padres — uma das maiores na história das querelas entre os sacerdotes e os seus bispos — teve o seu termo numa solução dada pelo Vaticano, que apoia a autoridade doutrinária do arcebispo, admitindo, ao mesmo tempo, o conceito defendido pelos «contestadores» de que, «em última análise», compete à consciência determinar as decisões morais.

Não se trata de uma vitória total ou de uma derrota tanto para o arcebispo como para os padres, no debate travado sobre a Encíclica «Humanae Vitae», redigida por Paulo VI, em Julho de 1968, e em que se proibiam todos os métodos mecânicos ou químicos utilizados para se obter o «controlo» dos nascimentos.

No entanto, os elementos ligados a cada uma das partes em litígio não deixaram de clamar vitória.

Os padres que, há 33 meses, tinham sido suspensos pelo cardeal, por terem afirmado que a encíclica pontificia podia ter uma interpretação diferente da que lhe dava o seu bispo, devem dirigir-se individualmente a este para lhe dizerem que querem ser reintegrados na totalidade do seu «munus».

Embora se lhes tenha pedido que aceitem a decisão exposta no documento pontificio, preparado depois de se terem ouvido ambas as partes envolvidas no debate, determina-se que os padres não devem ser obrigados a dar «explicações escritas ou verbais» sobre o que pensam acerca das directivas formuladas pela Congregação do Vaticano devotada a tais matérias.

O cardeal pretende cumprir o que se determina no documento e não inquirir os sacerdotes sobre a interpretação por eles dada ao tex-

to, que se apresenta repleto de directivas que, extraídas do seu contexto, por qualquer das partes em litígio, podem ser utilizadas na defesa das respectivas posições.

O actual processo de reintegração daqueles padres, no estatuto que lhes compete, contrasta, vivamente, com o concordância doutrinária, verbal e por escrito, exigida, há um ano, pelo mesmo cardeal, quando três dos primeiros discordantes solicitaram a sua reintegração.

Doze dos 19 sacerdotes que, há um ano, pediram a intervenção do Vaticano no debate em causa, reuniram-se, recentemente, a fim de discutirem aquele documento.

Espera-se que a maioria dos 19 padres em causa peça, em breve, a sua completa reintegração. Dois deles, porém, foram excomungados, por, entretanto, se terem casado, embora ainda fossem sacerdotes.



OS VERDES SEGREDOS DO MAR

Por CHIANCA DE GARCIA

RIO DE JANEIRO



Noite de tempestade. Trovoada. Relâmpagos. Estou numa enseada da ilha da Conceição, na baía da Guanabara. É onde se desmantelam, pedaço a pedaço, velhos navios fora de uso. Já há muito existe este cemitério de carcaças. Passei por lá antes do amanhecer. Quantos navios? Algumas centenas. Cascos adernados. Alguns semi-submersos. Outros, meros e oscilantes esqueletos de ferro. Muitos penetrando-se mutuamente em largos rebombos. Tudo envolto numa névoa espessa e húmida que põe no alto dos mastros bandeiras de neblina. Isto, por assim dizer, visto em sucessivos «closes». Porque, querendo abarcar o conjunto tenho a noção de um apocalipse náutico. Ou de olhar uma gravura inglesa mostrando os destroços dos vencidos na batalha de Trafalgar...

DOIS

É fácil alcançá-los. Lá dentro, aqui e ali, no escuro da noite, o brilho de um marcador. Há sempre algo a comprar (ou a roubar) nestes tempos onde a não-arte procura o que considera «cafona», para as decorações do moderno imprevisível. Encharco-me do cheiro de maresia e ferrugem. Sou perseguido por fantasmas. É fácil senti-los e adivinhar o seu hálito. Máquinas destroçadas. Lemes quebrados. Âncoras corroidas. Escadas de ferro onde os degraus oscilam e se desprendem em ruídos surdos. Subo a custo. Estou num deque. Roça-me os cabelos a asa de uma gaivota assustada...

TRES

Esta Guanabara! Em volta de mim velhos cargueiros, paquetes que fizeram viagens intercontinentais. Beliches esventrados. Salas onde outrora se dançou e onde se serviram festivos banquetes. Debruço-me numa amurada. Submarinos á tona, como lagartos mortos, de barriga para o céu. Os fantasmas, que esvoaçam em volta de mim, espiam-me, mas não se aproximam, nem



falam. Ah, se ao menos falassem. Quantas histórias poderia ouvir de amor e de morte, de heroísmo e de pânico, de humildade e de orgulho. Mas não. Só o marulhar das águas de encontro aos cascos...

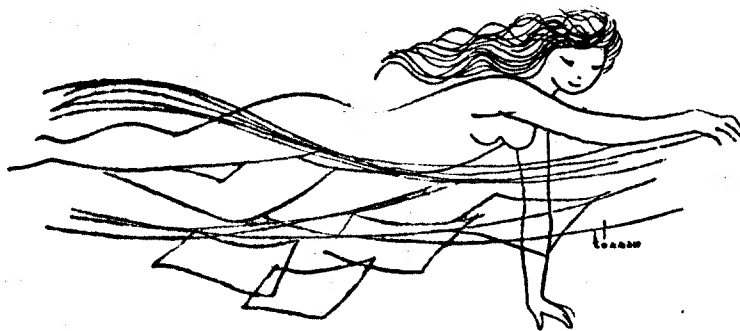
QUATRO

Contemplo agora um contratorpedeiro marcado pelas chagas esverdeadas dos tijolos. Então, diante dos meus olhos, começo a vê-lo naufragar. A água parece querer engoli-lo sôfregamente. E ele some-se, afunda-se, desaparece. Abre-se um enorme espaço vazio rodeado por todos os lados de mortas embarcações. E então vejo surgir do fundo das águas, por elas estranhamente impulsionada — no seu desenho do século XXI —, uma nau portuguesa. Sob e flutua. Ao mesmo tempo farrapos de velas agitam-se nos mastros, ao vento do amanhecer. É quando, vindo das entranhas da madeira, ouço um coro de vozes, por certo sufocado no fundo das águas. E eis o que escutei, palavra por palavra: — «Eu, levantando as mãos ao santo coro / dos anjos que tão longe nos guiou / a Deus pedi que removesse os duros / casos que Adamastor contou futuros».

Eram, se não me engano, versos de Luís de Camões.

CINCO

Eu tinha ido dois dias antes, só para contar a vocês, leitores deste nosso «Diário de Lisboa», o que mais uma vez estava acontecendo na bela cidade de Parati, considerada, com justa razão o **mais expressivo** conjunto colonial brasileiro do século XVIII. E assim é, na verdade. Já lá estive



por várias vezes. Mas agora a razão da minha viagem foi vê-la num momento de tragédia. A cidade tinha sido virtualmente invadida pelo Oceano. Vocês sabem, cidade tomada pelo mar é sempre palco de muitos e angustiados dramas. Pois bem. Cheguei lá e meus olhos arregalaram-se de espanto. A cidade, posso dizê-lo sem figura de retórica, nadava em plena euforia...

SEIS

A cheia, isto é, as cheias, que são periódicas e anuais, valem agora como um bem aproveitado elemento turístico. Entre Abril e Maio ela vem, no duro, dando a Parati uma aparência de arquipélago, cada casa sendo uma ilha. Como disse para mim gentil professora que já foi campeã de natação: — Somos a única cidade do mundo onde os alunos podem ir à escola ora a nado, ora a pé.

Conheci gente que já lá estava há quinze, vinte dias, hospedada em hotéis e pensões, só à espera da cheia. E esta, afinal, foi a maior de todas. Ruas, avenidas, praças, alamedas, só podem ser frequentadas por barcos e canoas. E paga-se não sei quantos cruzeiros (uma nota alta) para um circuito nos inesperados canais. Existe mesmo uma firma preparando a construção de gôndolas, onde, em noites de luar, gondoleiros cantarão românticamente, o repertório tenaz do Roberto Carlos. São quinze dias, só. Há no entanto quem pertenda evitar o fenómeno sob o argumento de que o salitre terminará por destruir todo o acervo histórico da cidade. Uma minoria, apenas, porque na sua quase totalidade a cidade entende que se isso fosse assim, Venezuela já teria desaparecido há muitos séculos...

SETE

Mas, dirá o leitor, isso não justifica o estranho caso do cemitério dos navios. Não? Pois explica sim.

OITO

Foi na volta de Parati que, num pequeno vapor tive, como únicos companheiros, três desconhecidos. O mais ostensivo era um sujeito gordo, calvo, fumando charuto, ligado, como confesso depois, às grandes indústrias que exploram a sociedade de consumo em que vivemos. O segundo devia ter no máximo vinte e três anos. Detestando este mundo «quadrado» e burro, que nunca soube o que era paz e amor. Dos três, o que me pareceu mais digno de interesse, além de ser o que menos falava, marcava-o uma expressão magoada, de quem se dilacera em dúvidas e recalques. Ouvia apenas. Até que, de surpresa, indagou, amargo: — Aposto que vocês nunca estiveram, de noite, no cemitério de navios da ilha da Conceição?

NOVE

Não. Nenhum de nós conhecia. Evocou o local com tanto realismo que, depois da convivência do mestre de bordo, a rota foi desviada, para, três horas depois, desembarcarmos na ilha, já depois da meia-noite. Al ele voltou a falar:

— Agora larguem-se sôzinhos ao azar. Saltem de navio em navio. E de madrugada quando romper o sol aqui no encontrarmos no cais, tá?

DEZ

O que eu vi, o que me aconteceu a mim, já os leitores sabem. Vou agora contar-lhes o depoimento de cada um dos três.

ONZE

O mais jovem, de cabelos longos, barba à Jesus Cristo, camisa colorida, falou assim: — Pôxa! Perdi-me. Quis gritar, caí num porão e acho que desmaiei. Quando abri os olhos vi junto de mim uma jovem muito bela, de olhos azuis e cabelos loiros, perguntando-me:

— Acreditas em Deus?

— Não sei dizer. É muito complicado. O que posso afirmar é que odeio a intolerância.

Ela, então, segurou a minha cabeça entre as mãos, e disse: — Está certo. A intolerância é a fonte de todos os males. ...e

ainda estava nos seus braços quando o sol rompeu no horizonte. Então o corpo dela se desfez, como se desfaz a espuma de uma onda...

DOZE

O que nos levava à ilha apareceu-nos correndo, destigurado: — Vamos embora. Eu não devia ter vindo. Vamos, vamos. Quero fugir deste lixo. Quando eu era jovem matei um marinheiro porque ele me atraçou quando eu era casado. E vi-o agora, perseguindo-me de barco em barco, e pedindo-me perdão. Sim, pedindo perdão. Porquê? Porquê?

TREZE

O último foi o homem de negócios. Queria dominar-se, mas não podia: — É um caso de doido, sabem? Vi um velho contratorpedeiro desaparecer diante dos meus olhos, afundando-se nas águas. Depois delas surgiu, trazido por sereias, no alto de um trono, um deus todo de ouro. Era o meu deus. O deus do ouro. Caí de joelhos querendo agradecer-lhe tudo o que fizera por mim. Foi quando ele olhando para mim com ódio, gritou:

— Tu? Tu roubaste de mais!

E estendendo para mim os braços a que faltavam as mãos, berrou ainda mais alto: — Até as minhas mãos de ouro, tu roubaste, ladrão.

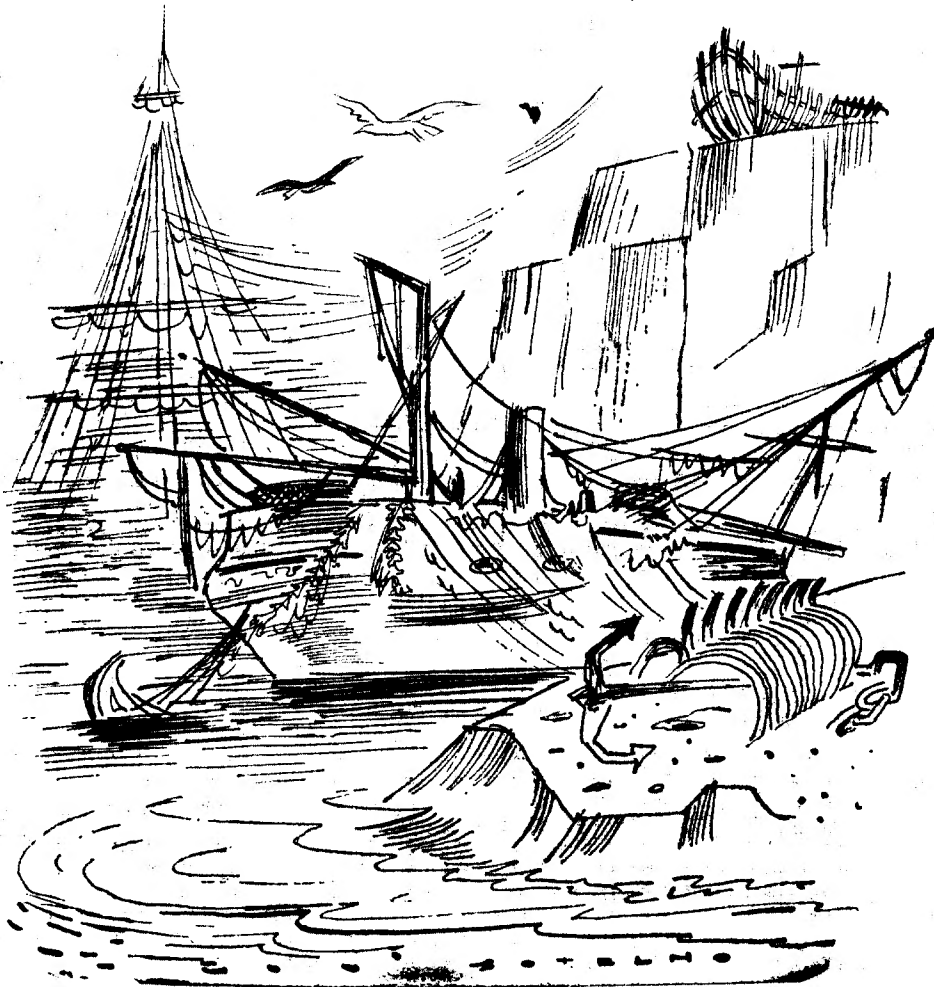
O suor escorria-lhe pelo rosto. E foi o primeiro a fugir de ali, a correr, aos tranços e barrancos...

PONTO FINAL

E aqui está como no cemitério de navios, cada um de nós contou uma verdade diferente.

Maio de 71, Copacabana

EM BREVE: Referências a livros recebidos, bem como respostas a vários leitores. PARA CORRESPONDÊNCIA: Rua Fernando Mendes, 28, Ap. 908 — Copacabana, G. B. Brasil



PERÓN: REGRESSO OU TALVEZ NÃO

DURANTE 16 ANOS, os sequazes do ditador exilado Juan Peron atiraram o seu nome para a primeira página dos jornais argentinos, anunciando estar eminente o seu regresso.

Perón, agora com 75 anos, não chegou ainda, mas agora esse mesmo militar que o derrubou sugere, sem papas na língua, que Perón devia voltar para negociações. E, subitamente, os ossos da sua falecida mulher são oficialmente bem-vindos à Argentina.

Este volte-face pode significar que os generais no Poder decidiram que Perón e a pluralidade dos seus sequazes devem tomar parte na restauração do Governo representativo. Assim o entende a grande maioria dos comentaristas. Os clínicos interpretam isto diferentemente: a vontade de governar dos generais esgotou-se mais depressa que a vida da sua velha Nemésis...

O general Alejandro Lanusse, que, no mês de Março deste ano, se tornou o terceiro general-presidente da Argentina em cinco anos, avistou-se, há dias, com o dirigente da Confederação Geral do Trabalho, a fim de discutirem o futuro político do país. José Rucci, o dirigente da C.G.T., apresentou duas exigências fundamentais:

— que o Governo removesse todos os obstáculos ao regresso de Perón.

— que fosse entregue o corpo de Eva Duarte Perón (que morreu de cancro, em 1952) «para pacificar o país». Afirma-se que os militares sabem onde se encontram os

restos mortais de Evita. O certo é que parece que de facto ninguém o sabe.

Lanusse, no princípio do mês de Abril, deu a entender a um colunista político americano que convidaria Perón a regressar.

Agora, o general que passou quatro anos na prisão por ter tentado derrubar Perón, em 1952, publicou uma versão oficial da sua resposta a Rucci:

«Posso dizer-lhe que as minhas propostas vão muito além daquilo que V. poderia imaginar. Nenhum argentino que deseje realmente contribuir positivamente para a solução dos grandes problemas nacionais será posto de lado pelo Governo».

UMA PREOCUPAÇÃO PARA O GOVERNO

Para sublinhar as condições implícitas do regresso de Perón, Lanusse acrescentou: «mas o Governo não pactuará de modo nenhum com a violência ou com aqueles que pretendam impor à Nação regras ou procedimentos que entrem em conflito com o objectivo fulcral da Revolução».

Segundo Lanusse, esse objectivo é o do «estabelecimento de uma democracia efi-

ciente e autêntica, baseada no respeito da vontade popular livremente expressa e na justiça».

Quanto à recuperação dos restos mortais de Eva Perón, que foi a patrona dos trabalhadores durante o Governo populista do marido, Lanusse disse que o problema «constitui uma preocupação para o Governo». «Nenhum cadáver argentino será privado do direito de repousar aqui, se o Governo assim o decidir» — declarou Lanusse.

Rucci e, pelo menos, outros dois dirigentes peronistas anunciaram peregrinações a Madrid para conversações com o dirigente. Desde que saiu da Argentina em 1955, a bordo de um barco fluvial paraguaio, Perón não tem mostrado nenhuma determinação pessoal de regressar.

Nessa altura, os militares aliaram-se com a Igreja Católica e os estudantes para aquilo a que hoje se chama uma depuração popular de um cavaleiro que tinha escurado da sela...

Mas, depois de várias tentativas de governos eleitos (eleições donde geralmente estavam excluídos os peronistas por decreto dos militares), em 1966, os generais proclamaram a «revolução» e derrubaram os «desacreditados partidos políticos do passado».

Nenhum resistiu. Os militares e, ao que parece, muitos outros argentinos encararam essa fase de transição como um tem-

BUENOS AIRES



CRITICAS AGUDAS DE OFICIAIS

Os militares que tinham esperado alternadamente isolar, dissolver ou assimilar o voto peronista, podem realmente tê-lo multiplicado. Quando o ministro do Interior de Lanusse — ele próprio um político do ve-



lho estilo — anunciou que a proibição de partidos políticos ia ser rescindida, a maioria dos «bosses» reaparecidos dos vários partidos propuseram logo nas suas primeiras declarações um entendimento com os peronistas.

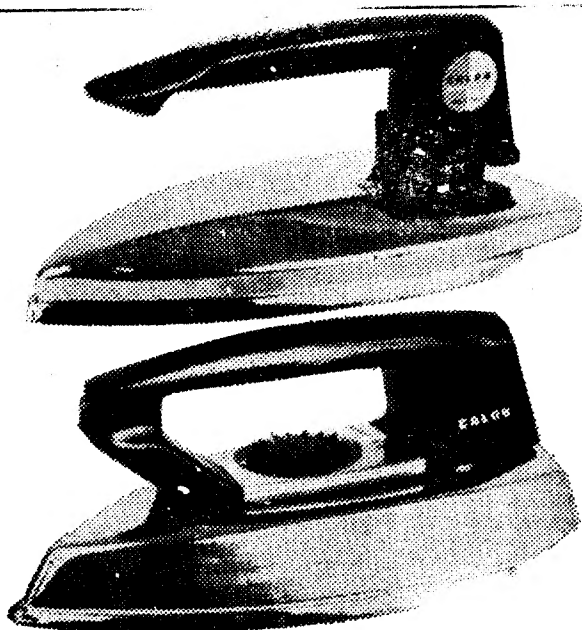
Este movimento sempre difuso contém agora uma forte facção socialista revolucionária, distinta da vaga neofascista peronista de há duas décadas. A lealdade ao dirigente e ao socialismo altamente nacionalista parece ser o único factor unificador do movimento.

Entre os militares, Lanusse enfrenta igualmente propósitos e lealdades divididos. O seu esforço para conciliar os peronistas — quer o exilado regresso, quer não — é anátema para os generais da velha guarda. A decisão de fazer reviver os velhos partidos que a «revolução de 1966» se propunha suprimir provocou agudas críticas dos oficiais retirados.

Desde 1966, a instabilidade do Governo tem consistido em conflitos entre o general designado para a presidência e o comandante das tropas que a designou. O último tem prevalecido, porque as unidades têm respondido às suas ordens.

Agora, com Lanusse a ocupar ambos os postos, qualquer oposição surgida no interior do Exército todo-poderoso, é susceptível de quebrar um elo na cadeia do comando. O violento potencial de tal evento é a principal preocupação que se nota no Exército hoje em dia.

Lanusse declarou que haverá eleições livres dentro de dois anos. Além da questão de saber se o Governo se poderá aguentar todo esse tempo, outra surge: as eleições poderão unir um país dividido?



**PELO MENOS...
TRÊS
BOAS RAZÕES!**
Sim, pelo menos... três boas razões para você preferir o sensacional ferro de engomar "Calor":

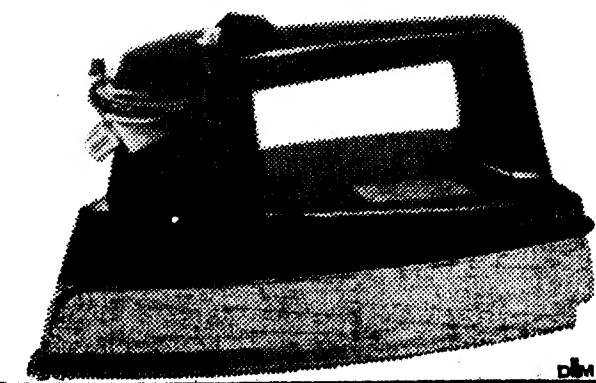
Eficiência
Comodidade e
Preço

Mas, há mais uma:
... Logicamente, "calor"!

P.S. ... e ainda 2 anos de garantia!

CALOR

um exclusivo IBEREX



NOVA EXPLICAÇÃO DOS SISMOS LUNARES

WASHINGTON



Por THOMAS O'TOLE

A maior parte dos sismos registados pelos dois sismógrafos que ficaram na superfície da Lua pareceu provir de um mesmo local, situado a uns 600 km abaixo do solo lunar.

A origem destes «tremores de lua» ainda não se conhece, segundo declarou o Professor Gary Lathaw da Universidade de Columbia, o qual entende, no entanto, que estes abalos se devem ao movimento de massas de rochas em fusão, provocado pela atracção da Terra.

O Dr. Lathaw observou, na verdade, que os abalos lunares se observam mais frequentemente quando a Lua está no perigeu, isto é, no ponto mais próximo da Terra.

«Estes tremores de Lua verificam-se quase exactamente no mesmo lugar e no mesmo ponto todos os meses — quase poderíamos aceitar o relógio por esses fenómenos» — acrescenta o professor Lathaw.

Lathaw declarou que a princípio ele e os colegas supuseram que estes abalos eram provocados pelo gás que se escapava de grutas subterrâneas. Mas agora pensa que esses abalos são demasiado profundos para isso.

«Alguns dos abalos mais pequenos são talvez devidos

a fugas de gás» — diz o professor Lathaw. «mas os maiores, não».

Estes últimos deveriam pois ser atribuídos a uma actividade vulcânica subterrânea, teoria defendida pelo professor Lathaw.

O sismógrafo deixado pelos cosmonautas da Apollo-12 na superfície lunar encontra-se perto da margem oriental do Mar das Tempestades, enquanto o aparelho deixado pela equipa da Apollo-14 se encontra a uns 180 km a Leste, perto das colinas de Fra Mauro.

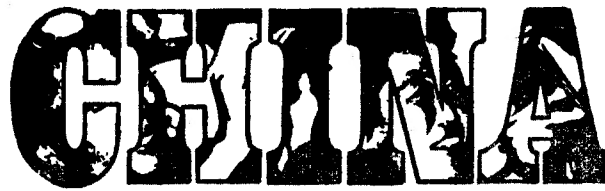
Os sinais provocados pelos abalos são observados nove décimos de segundo mais cedo pelo sismógrafo da Apollo-12, o que sugere que a origem destes abalos está mais próxima do ponto de alunagem da Apollo-12.

«Mas é mais ou menos tudo quanto podemos dizer» — acrescenta o professor Lathaw explicando que os abalos podem vir de 600 km de profundidade ou da Cratera de Copérnico, a Nordeste, ou de qualquer outro ponto a Sudoeste.

O professor Lathaw entende que estes abalos se devem ao movimento de massas de rochas em fusão por uma forte concentração de urânio e de tório radioactivos, movimento esse causado pela atracção terrestre



O P.C. DA



CONSIDERA-SE HERDEIRO

DOS REVOLUCIONÁRIOS DE 1871

Por ALAIN BOUC

OS PAÍSES COMUNISTAS celebraram ruidosamente o centésimo aniversário da Comuna de Paris. Reconhecendo os erros cometidos pelas revoltas do último século, afirmam todos serem os herdeiros dos que «tiveram a audácia de lançar um desafio ao velho mundo». Em Moscovo, o sr. Ponomarev, secretário da Comissão Central do Partido Comunista, declarou, no decurso da sessão solene do Kremlin: «A classe operária do país da revolução de Outubro recebeu dos partidários da Comuna o testemunho da luta revolucionária do proletariado».

Este aniversário permite, todavia, às diferentes famílias

O centenário da Comuna de Paris é apresentado como o grande acontecimento do ano, na China, ao lado do cinquentenário da «criação do Partido Comunista e da esperada convocação da Assembleia Nacional. Para a Imprensa da capital, o levantamento parisiense abriu «a mais bela página na história do mundo». A campanha de celebração da Comuna teve início há algumas semanas, tendo servido de pretexto para a edição de diversas obras e emissão de selos comemorativos, sem falar, bem entendido, dos editoriais e comentários das revistas e dos jornais quotidianos. Fotografias e desenhos representando os federados parisienses, de espingarda na mão, encontram-se expostos em diversos locais da capital.

A China Popular considera-se herdeira da Comuna, do seu espírito e mesmo da sua organização. A maneira como os partidários da Comuna se apoderaram do poder, a sua resistência armada contra os «Versaillais», confirmam na opinião de Pequim, que «o poder sai da boca da espingarda». «Setenta e oito anos após a Comuna de Paris, sublinha o editorial comum publicado pelos três grandes jornais do partido, em 18 de Março, o povo chinês, sob a chefia de Mao Tse Tung, assumiu o poder graças à revolução armada... A revolução violenta é um preceito universal da revolução do proletariado. Todos os partidos marxistas-leninistas devem submeter-se a este princípio e aplicá-lo nos seus países, tendo em consideração as condições locais».

A classe operária francesa tinha fracassado, em 1848, na «sua vaga exigência do estabelecimento de uma República social», em virtude de lhe faltar maturidade e força, afirma, pela sua parte, em Março, a revista mensal «A China em construção». Ela tomou em seguida consciência de que «não poderia conquistar a sua emancipação senão de armas na mão».

«Esta página brilhante, escrita com sangue, prossegue a revista, tem um significado mundial. Enquanto a Comuna de Paris se desembrava dos detritos do velho mundo a fim de edificar um mundo novo no entusiasmo, Thiers, este gnomo astuto, não ficava inactivo». A Comuna não estava ligada ao movimento camponês, não era guiada por um partido político do proletariado, os operários encontravam-se profundamente influenciados pelas doutrinas de Proudhon e de Blanqui. É esta a razão do seu fracasso, na opinião da Imprensa chinesa. «A tolerância excessiva em relação aos reaccionários foi um erro

fatal», continua, fazendo-se eco das críticas de Karl Marx em «A Guerra civil em França».

«MOSCOVO TRAIU»

A celebração do levantamento parisiense constitui motivo para o Partido Comunista chinês lançar ataques contra a União Soviética, cujos dirigentes traíram, segundo os chineses, «os princípios eternos» de 1871. «Os dirigentes soviéticos pedem aos dirigentes do proletariado para reduzirem a violência ao mínimo em todas as etapas da luta», declara o editorial comum de 18 de Março. «O pretexto invocado é que a luta armada e a guerra civil implicam enormes sacrifícios e grandes sofrimentos para as massas populares. Para justificarem a possibilidade da «transição pacífica» para o socialismo, os renegados deformam a história, pretendendo mesmo que a Comuna de Paris não tinha inicialmente provocado a mínima efusão de sangue».

Ao contrário dos órgãos dirigentes da Comuna, prossegue o editorial. «O Estado soviético já não é um instrumento que permita ao proletariado suprimir a burguesia, mas permite à burguesia restaurada que oprima o proletariado... Os revisionistas do Kremlin transformaram a União Soviética num paraíso para um punhado de burocratas-capitalistas de novo género e numa prisão para milhões de trabalhadores. É este, com efeito, o significado do que eles chamam «o Estado de todo o povo» e a «democracia soviética».

Num tom ainda mais severo, os jornais da capital prosseguem: «Indiferentes à vida e à morte do povo soviético, Brejnev e a sua camarilha entregam-se de alma e coração ao militarismo, à corrida aos armamentos, gastando cada vez mais rublos no fabrico de aviões, canhões, barcos de guerra, foguetões teleguiados e armas nucleares.» O editorial acrescenta: «É por meio desta monstruosa máquina de violência que estes novos czares oprimem a massa do povo no interior e conservam a sua administração colonial no estrangeiro».

COESÃO DOS GRUPOS DA ESQUERDA

A revolução cultural apelava directamente para a Comuna de Paris, o que explica, em parte, a importância dada à celebração do centenário. Quando se tratou de substituir uma parte do antigo aparelho do partido e da administração por comissões saídas da revolução cultural, os dirigentes desta pensaram imediatamente na

do movimento comunista contemporâneo, prosseguir a sua polémica. A China acusa «os renegados soviéticos» de terem traído «os princípios eternos de 1871». Pela sua parte, os soviéticos atacam os «esquerdistas modernos», que, escreve um historiador russo, «enfraquecem o socialismo e a democracia do mesmo modo que certos partidários da Comuna instáveis e nevróticos. Nada têm em comum os revolucionários de então, homens de outra classe, sérios, corajosos, indiferentes à fraseologia, capazes de se mostrarem pacientes e moderados durante um duro combate».

organização da Comuna. A comissão central do partido, na sua decisão de 8 de Agosto de 1966, que constitui o alvará do movimento, precisava: «É necessário aplicar um sistema de eleições gerais semelhante ao da Comuna de Paris para escolher os membros dos grupos e das comissões da revolução cultural... As listas dos candidatos devem ser propostas pelas massas revolucionárias após amplas consultas, e as eleições só se realizarão depois de repetidas discussões destas listas pelas massas. As massas têm o direito, em qualquer altura, de criticarem os membros dos grupos e das comissões da revolução cultural... (estes) podem ser substituídos por meio de eleição ou destituídos pelas massas após discussão no caso de se revelarem incompetentes».

A «Comuna» de Changai, nascida em 5 de Fevereiro de 1967, foi a primeira organização criada durante a revolução cultural. Toma, em seguida, o nome de comissão revolucionária de Changai. Contrariamente ao que

volucionárias, a fim de contribuírem para a sua coesão e assegurarem a execução das tarefas administrativas rotineiras. Quanto aos representantes da esquerda e dos quadros, foram designados após consulta da população e consultas entre as organizações.



As comissões revolucionárias cobrem, agora, a totalidade do território, da fábrica e da escola à província. Podem, em certa medida, ser consideradas como uma variante mais centralizada das estruturas elabora-



Barricada de Pont de Neuilly

estava previsto, não se tratava precisamente de um organismo eleito. A comissão revolucionária reagrupava os representantes dos movimentos de massa do conjunto dos habitantes da cidade e dos seus arredores, ao lado dos membros do partido que se tinham juntado à revolução. As lutas que opunham os diferentes grupos da esquerda e se acentuaram durante todo o ano de 1967 levaram os dirigentes de Pequim a fazer entrar os militares nestas comissões re-

das pelos partidários da Comuna, se concordarmos, *mutatis mutandis*, em comparar o papel desempenhado pelo exército de libertação com o desempenhado outrora pela guarda nacional. A reconstrução progressiva do Partido Comunista levou, todavia, os dirigentes chineses a distinguir o partido e as comissões revolucionárias que lhe estão subordinadas. «Esta distinção não tinha, como é evidente, qualquer razão de ser na Comuna de 1871.

JANE FONDA: UMA VIDA QUE MUDOU COMPLETAMENTE

NOVA YORK



A Jane Fonda que foi a protagonista de «Barbarella», morreu! A que viveu seis anos em França, desapareceu! A Jane Fonda que se sentiu tão feliz ao casar-se com Roger Vadim, desapareceu, sem deixar traços! A Jane Fonda cujos encantos se patentearam na revista «Playboy», nunca mais voltará a aparecer! Todos estes aspectos de Jane Fonda, repita-se, são vestígios do passado!

Em certa medida, é pena! Porque

as anteriores encarnações de Jane Fonda não deixavam de ter o seu encanto, tratasse-se da estudante rebelde, da jovem atriz, discípula de Lee Strasberg, da estrela de 18 filmes. A verdade, também é que a nova Jane Fonda continua a ser tudo isso, embora deixasse de ser um símbolo do sexo.

Foi um risco que se decidiu a correr — o risco de ver os seus antigos admiradores virarem as costas a uma vedeta de 33 anos, cujo comportamento é, agora, assexual e caustico. Existe, também, o perigo de se tornar ridícula: uma «estrela» do cinema que quer salvar o Mundo! Mas até agora, a sua carreira nada sofreu com isso!

«Continuo a telefonar aos meus agentes, a perguntar-lhes se ter havido repercussões — declara a ex-mulher de Vadim — e a verdade é que não. Enquanto alguém puder ganhar um dólar à minha custa, haverá sempre gente para o fazer. Enquanto me for possível ir a Hollywood interpretar filmes, ganhar bastante dinheiro para as lutas em que estou empenhada, continuarei a fazê-lo.»

REVIRAVOLTA NA CARREIRA

Esta nova Jane Fonda nasceu em França, há perto de seis anos. Até

essa altura, considerava-se uma «liberal». «Fui educada como uma «liberal» — afirma — «O meu pai deu cabo de uns tantos aparelhos de televisão, durante a caça às bruxas do senador McCarthy. Fez campanha por Adlai Stevenson. Isto quer dizer que, uma vez por outra, eu me empenhava numa causa. Era acima de tudo, uma branca a tentar, de modo parthenalítico, auxiliar os pobres. Mas isso nunca afectou a minha vida particular».

No início dos anos 60, Jane Fonda foi viver para França. Casou com um homem que ganhou maior celebridade com a sua vida amorosa (Vadim casou-se, sucessivamente, com Brigitte Bardot, Annette Stroybert, Catherine Deneuve) do que com a qualidade dos seus filmes.

Durante os seis anos que Jane Fonda passou em França, o Vietnam fez diversas intrusões na sua vida. Na qualidade de americana, pediram-lhe, muitas vezes, que justificasse a política do seu país. Começou a ler tudo o que lhe foi possível, sobre o assunto. Depois, acompanhou, de muito perto, o «processo» do tribunal Bertrand Russell. Viu, mais tarde, um filme em que se focava a marcha, sobre o Pentágono, dos manifestantes contra a guerra no Vietnam. Foram «centenas de milhares de jovens a recusar, totalmente, o materialismo, manifestando-se ao lado de professores, escritores e intelectuais. A marcharem sobre o Pentágono, e a serem agredidos à bastonada. E comecei a pensar que imensas coisas se tinham passado depois da minha partida... Identifiquei-me, imediatamente, com os jovens».

Ao regressar da Índia, onde recusara dedicar-se à «meditação», na altura tanto em voga, leu, por acaso, uma revista americana radical, «Rampart», onde ressaltava o título «O Poder Vermelho». «Era a primeira vez que ouvia falar num movimento indiano militante. Pus-me em contacto com o autor do artigo e encontrei-me com alguns índios.»

NECESSIDADES DIFERENTES

Ao dirigir-se, depois, ao Estado de Washington, para se encontrar com os índios, que se consideravam espoliados dos seus direitos de pesca, Jane Fonda decidiu visitar Fort Lewis, e encontrar-se com os soldados num café das proximidades. Estava a falar com eles há coisa de vinte minutos quando foi presa. «Era a primeira vez que isso me acontecia, e eles não queriam deixar-me chamar um advogado. Pela primeira vez na minha vida, tomei posição: estendi-me no soalho da secretaria da Polícia Militar, e disse ao responsável: não saia daqui, enquanto me não deixarem chamar o meu advogado. E se o não fizerem, garanto que vai haver muito barulho».

Depois desta primeira detenção, Jane Fonda viajou, durante meses, através de todos os Estados Unidos,



visitando as reservas índias e as bases do Exército, transformando-se, cada vez mais, no plano político.

«Encetei a viagem imbuída de liberalismo, e, ao terminá-la, era uma «radical» — declara Jane Fonda — «Isto quer dizer que há imensas formas de ter fome, e que a luta contra isso é a minha luta.»

A reviravolta na sua carreira começou com o filme «They shoot horses, don't they?», que, para Jane Fonda, é «uma violenta condenação do sistema capitalista», embora nem todas as pessoas sejam dessa opinião e haja muitas a pensar que se trata de mais um filme tradicional.

As actuais opiniões de Jane Fonda não lhe consentiriam tomar parte noutro filme como «Barbarella». E, muito menos, lhe interessa regressar a França e aí viver como viveu com Vadim: «A minha vida mudou completamente — declara. «Chegou-se o momento em que compreendi não terem importância coisas como dinheiro e bens, que, até então, tanto considerara. Comecei a ver que não podia defender uma ideologia e viver em desacordo com ela. Não renunciei a nada, mas a minha vida mudou. As minhas necessidades são, agora, diferentes.»



O F. B. I. PENSA FECHAR ALGUMAS AGÊNCIAS EM CIDADES AMERICANAS

Por GEORGE LARDER

O F. B. I. tenciona encerrar algumas das suas agências destinadas a mantê-lo em contacto com a população, nas pequenas cidades americanas. Aquele departamento pretende, assim, evitar novos roubos, em instalações, muitas vezes mal guardadas.

No passado dia 8 de Março, verificou-se o roubo, numa agência da Pensilvânia, de mais de mil documentos secretos pertencentes ao F. B. I. Furioso, J. Edgar Hoover teria dado ordens rigorosas para se evitar a repetição de tais incidentes.

O F. B. I. recusa-se a fornecer a mais pequena indicação sobre o número de agências a encerrar. Consta, no entanto, que J. Edgar Hoover, de tal modo se teria irritado com a publicidade feita à volta do roubo de 8 de Março que, a princípio, chegara mesmo a mostrar-se decidido a fechar todas aquelas agências. Através do Departamento da Justiça, conseguiu-se obter a informação de que o encerramento afectaria um terço das agências em causa.

Segundo a polícia local, os autores do assalto de 8 de Março entraram nas instalações, passando por uma porta, há muito não utilizada, removendo o móvel que a bloqueava.

Até esta altura, os assaltantes, de que nenhum foi ainda preso, enviaram cópias de 31 dos mil documentos roubados a diversos jornais e membros do Senado.

Dispondo de 8400 agentes, o F. B. I. tem 59 secretarias regionais, nas grandes cidades dos Estados Unidos e de Porto Rico, assim como 11 «postos de contacto» no estrangeiro.

Além disso, conta com 500 agências locais, dependentes das secretarias regionais. O F. B. I., sempre que possível, instala-se em edifícios do Governo Federal, ou nos correios, mas acontece muitas vezes, nas pequenas cidades, em especial nas universitárias, ser forçado a alugar escritórios em edifícios comerciais, mais difíceis de guardar.